

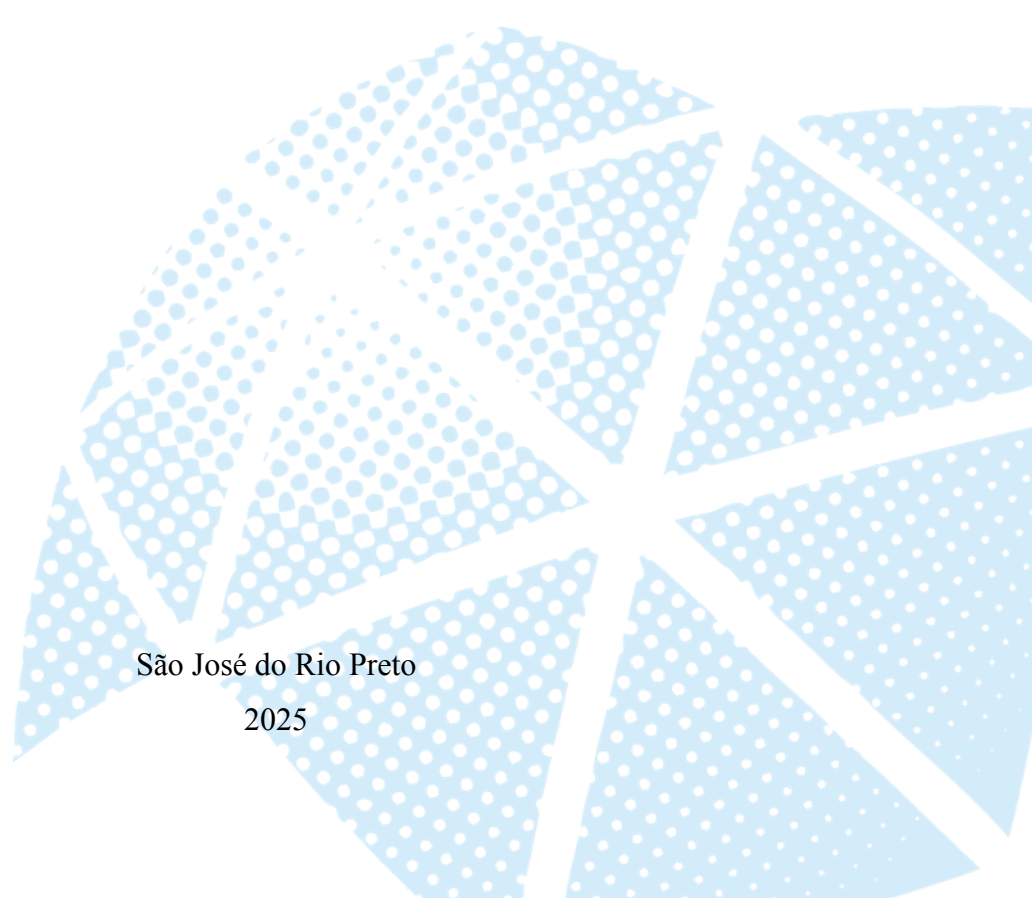
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Campus de São José do Rio Preto

GABRIELLY FERNANDA SPIZAMILIO SILVA

**A PERDA E O (RE)ENCONTRO DA IDENTIDADE CULTURAL EM *PACHINKO*,
DE MIN JIN LEE**

São José do Rio Preto

2025



GABRIELLY FERNANDA SPIZAMILIO SILVA

**A PERDA E O (RE)ENCONTRO DA IDENTIDADE CULTURAL EM *PACHINKO*, DE
MIN JIN LEE**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Teoria e Estudos Literários

Orientador: Prof. Dr. Nelson Luis Ramos

São José do Rio Preto

2025

S761p

Spizamilio Silva, Gabrielly Fernanda

A perda e o (re)encontro da identidade cultural em Pachinko, de Min Jin Lee / Gabrielly Fernanda Spizamilio Silva. -- São José do Rio Preto, 2025

123 p. : mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

Orientador: Nelson Luis Ramos

1. Identidade Cultural, Estudos Culturais. 2. Coreia, Japão. 3. Zainichi. 4. Pachinko. 5. Colonialismo, pós-colonialismo. I. Título.

GABRIELLY FERNANDA SPIZAMILIO SILVA

**A PERDA E O (RE)ENCONTRO DA IDENTIDADE CULTURAL EM *PACHINKO*, DE
MIN JIN LEE**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Teoria e Estudos Literários

Data da defesa: 28/08/2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Nelson Luis Ramos
UNESP – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Campus de São José do Rio Preto

Profª Drª Gisèle Manganelli Fernandes
UNESP – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Campus de São José do Rio Preto

Prof. Dr. José Carvalho Vanzelli
UFPR - Universidade Federal do Paraná

Em memória de meus avôs: Francisco Spizamilio e Valter José da Silva, por serem as bases para que eu tivesse uma base.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à Deus, fonte de toda inspiração, força e perseverança, que iluminou meu caminho e sustentou minhas forças nos momentos de maior desafio.

À intercessão de Nossa Senhora, Mãe e protetora, pela ternura e amparo constantes, conduzindo-me com serenidade e confiança durante toda esta jornada acadêmica.

À minha família, especialmente aos meus pais Cleber Roberto da Silva e Rosana Spizamilio da Silva, além de minha irmã Ana Julia da Silva, agradeço por serem a minha base e porto seguro, pelo apoio incondicional, pela compreensão diante das ausências e pela fé inabalável em minha capacidade de concluir este objetivo.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Nelson Luis Ramos, pelas aulas desde a graduação até a pós, pelo aceite em realizar essa orientação e pela partilha de saberes e esclarecimentos ao longo deste trabalho.

Ao Prof. Dr. José Carvalho Vanzelli, por aceitar compor esta banca examinadora e por todo o conhecimento compartilhado, em especial pela bibliografia e pelo incentivo constante desde o início desta dissertação.

À Prof^a Dr^a Giséle Manganelli Fernandes, por aceitar compor esta banca, pelas proveitosas correções nesta dissertação e pela partilha de conhecimento.

Aos meus amigos do Programa de Pós-Graduação em Letras Yuri Belloube e Alyne Yumi Yoshida pela troca intelectual, pelo companheirismo e pelas contribuições que enriqueceram minha trajetória acadêmica.

Aos professores Yun Jung Im Park, Luis Girão e Alexandre Uehara por disponibilizarem parte da bibliografia que compõem esta pesquisa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 e com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela concessão de bolsa de pesquisa (Processo nº130107/2023-9). Agradeço a ambas as organizações pelos recursos disponibilizados, pelo acesso a fontes que possibilitaram o aprofundamento desta pesquisa e pelo suporte concedido, essencial para a realização deste estudo.

Às minhas avós Francisca Salvatierra Spizamilio e Mariana do Carmo da Silva que, mesmo sem terem finalizado o ensino básico, sempre me incentivaram a continuar os meus estudos e seguir adiante.

Agradeço de coração aos meus primos Francine Hellen Tadini Matsubara, Heloísa Mayumi Tadini Matsubara e Igor Akira Matsubara que sempre estiveram presentes ao longo

da minha vida e também nesta jornada acadêmica. Obrigada pela recepção ao longo dos momentos em que precisei ir até São Paulo para realizar essa pesquisa. O apoio, a amizade e os momentos de descontração que compartilhamos foram essenciais para aliviar as dificuldades e renovar minhas forças.

À Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, por ter me acolhido e se tornado uma casa desde 2017, quando entrei no cursinho pré-vestibular, até o momento de minha conclusão do mestrado, por ter me proporcionado crescimento inimaginável ao longo dos nove anos em que frequentei seu ambiente, assim como a todo o corpo docente.

À Seção Técnica de Pós-Graduação do Ibilce, especialmente Mauro, Erick, Sílvia, Elisandra, Alíria, Marília e todos os outros que foram responsáveis pelo auxílio nos assuntos técnicos e burocráticos a respeito deste trabalho.

Agradeço a toda equipe e funcionários da escola estadual “Prof. Carlos Castilho” pelo apoio constante nesta jornada. Em especial aos gestores e professores, dos quais muitos foram meus próprios professores e hoje são meus colegas de trabalho, obrigada por sempre me incentivaram a continuar a minha trajetória acadêmica.

Agradeço também às minhas amigas Fernanda, Ana Eliza, Juliana, Beatriz, Emilly, Francieli e Gabrieli que, com amizade sincera, apoio e palavras de encorajamento, estiveram ao meu lado nos momentos de dificuldade e também celebraram comigo cada conquista.

E ainda deixo um agradecimento especial aos meus cachorros Athena, Koda, Nalla e todos os outros que passaram pela minha vida. A sua companhia leal, alegria e carinho incondicional, tornaram os dias difíceis mais leves e me lembraram da importância das pequenas felicidades cotidianas.

À todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a concretização desta dissertação, registro minha mais sincera gratidão.

Que esta dissertação seja um testemunho de fé, perseverança e gratidão.

“Não é esplêndido pensar em todas as coisas que há por descobrir? Isso simplesmente me deixa feliz por estar viva... o mundo é interessante demais. E ele não seria tão interessante assim se já soubéssemos de tudo, não é mesmo?”

(Montgomery, 2019, p. 22).

RESUMO

A presente pesquisa investiga a influência da relação histórica na perda da identidade cultural coreana como resultado dos diversos eventos históricos mencionados no livro *Pachinko* (2020), da autora coreana Min Jin Lee (1968-). Além disso, evidencia o posterior (re)encontro dessa identidade cultural e sua manifestação pela perspectiva de coreanos *Zainichi*. Para interligar os eventos históricos mencionados no livro *Pachinko* com as identidades nacionais e o pós-colonialismo, utilizaremos obras como: *Identidade e Diferença*, de Tomaz Tadeu da Silva (org.), *A montanha e o urso: Uma história da Coreia*, de Emiliano Unzer Macedo, *A identidade cultural na pós-modernidade*, de Stuart Hall; *Identidade*, de Zygmunt Bauman, entre outros títulos. Ao longo do romance, podemos observar diversos eventos históricos que refletiram na forma como os coreanos viam a si mesmos e a sua própria nação. Devido a acontecimentos como a Ocupação Colonial Japonesa na Coreia (1910-1945) e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a identidade do povo coreano não foi apenas comprometida, mas sim reorganizada pela união de outras culturas. Em um primeiro momento, foi reordenada pela cultura japonesa e, após os dois eventos históricos mencionados acima, pela inserção de outras culturas como a estadunidense, a chinesa e até mesmo a russa. Por meio do romance escolhido, o intuito da pesquisa será refletir sobre como esses acontecimentos históricos influenciaram na reorganização da identidade cultural da Coreia e como os personagens da narrativa lidaram com essas questões. Ao final do trabalho, observaremos a importância dos desdobramentos decorrentes do reencontro dessa identidade cultural no cotidiano de uma nação e veremos como a identidade é determinante na constituição de uma sociedade.

Palavras - chave: estudos culturais; Pachinko; Coreia; Japão; zainichi; colonialismo.

ABSTRACT

This study addresses the influence of historical relationships on the loss of Korean cultural identity as a result of the various historical events mentioned in the book *Pachinko* (2020), by Korean author Min Jin Lee (1968-). In addition, it highlights the subsequent rediscovery of this cultural identity and its manifestation from the perspective of Zainichi Koreans. In order to connect the historical events mentioned in the book *Pachinko* with national identities and post-colonialism, text such as: *Identidade e Diferença*, by Tomaz Tadeu da Silva (org.), *A montanha e o urso: uma história da Coreia*, by Emiliano Unzer Macedo, *Cultural Identity in Post-Modernity*, by Stuart Hall; *Identity*, by Zygmunt Bauman, will be used. Throughout *Pachinko*, it is possible to observe various historical events that reflected on the way Koreans saw themselves and their own nation. Due to events such as the Japanese Colonial Occupation of Korea (1910-1945) and World War II (1939-1945), the identity of the Korean people was not only compromised, but also reorganized by the union of other cultures. At first, it was reorganized by Japanese culture and, after the two historical events mentioned above, by the insertion of other cultures such as the American, Chinese and even Russian. Through the chosen novel, the aim of the research will be to demonstrate how these historical events influenced the reorganization of Korea's cultural identity and how the characters in the narrative dealt with these issues. Moreover, the importance of the developments resulting from the rediscovery of this cultural identity in the daily life of its nation and will be discussed how identity is decisive in the constitution of a society.

Keywords: cultural studies; Pachinko; Korea; Japan; zainichi; colonialism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Mapa dos Três Reinos da Coreia no final do século V.....	22
Imagem 2 - Mapa das invasões japonesas no século XVI.....	27
Imagem 3 - Mapa da expansão japonesa.....	33
Imagem 4 - Mapa da divisão da península coreana.....	84
Imagem 5 – Gráfico da População de Coreanos no Japão entre 1910 e 2015.....	105

SUMÁRIO

1 CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO	13
2 CAPÍTULO 2	19
2.1 A HISTÓRIA DA PENÍNSULA COREANA: A DISPUTA POR PODER ENTRE OS REINOS ASIÁTICO	19
2.2 A RELAÇÃO FEUDAL ENTRE PAÍSES ASIÁTICOS	24
2.3 EVENTOS QUE ANTECEDERAM E CULMINARAM NA OCUPAÇÃO COLONIAL JAPONESA NA COREIA	29
2.4 IDENTIDADE, CULTURA E PERTENCIMENTO	33
3 CAPÍTULO 3	48
3.1 APRESENTAÇÃO DOS PERSONAGENS	48
3.2 A FORÇA FEMININA FRENTE ÀS ADVERSIDADES EM PACHINKO	53
3.3 O MITO DA SUPREMACIA JAPONESA E SUA RELAÇÃO COM O COLONIALISMO	63
3.4 A PERDA DA IDENTIDADE CULTURAL COREANA	68
4 CAPÍTULO 4	81
4.1 O REENCONTRO DA IDENTIDADE CULTURAL COREANA	81
4.2 O CONCEITO DE NAÇÃO E A DIÁSPORA PRESENTE EM PACHINKO	88
4.3 O CRISTIANISMO COMO RESISTÊNCIA COREANA FRENTE AO IMPERIALISMO JAPONÊS	92
4.4 AS CONSEQUÊNCIAS DO COLONIALISMO PARA OS ZAINICHI E A CONSTITUIÇÃO DE SUA IDENTIDADE CULTURAL	101
5 CAPÍTULO 5: CONCLUSÃO	108
REFERÊNCIAS	116

1 CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

Ao estudar literatura, percebemos que existem diversas frentes de estudo e temas de pesquisa. A literatura, por si só, é uma manifestação artística que serve, especialmente, para promover um prazer estético e satisfazer a necessidade humana de fantasia. Muitas vezes, essa representação ocorre de modo ficcional, ao se descrever a humanidade inserida nos mais diversos mundos e nas mais diversas realidades.

Nesse sentido, compreende-se que a literatura vai além do entretenimento: ela opera como uma configuração poética do real, mesmo quando transita pelo imaginado. Seja por meio da crônica, do conto ou do romance, o texto literário articula experiências humanas e visões de mundo que, ao serem representadas ficcionalmente, tornam-se fontes privilegiadas para a compreensão da história cultural de uma sociedade. Como podemos demonstrar pelo trecho abaixo:

[...] a literatura, seja ela expressa nos gêneros crônica, conto ou romance, apresenta-se como uma configuração poética do real, que também agrega o imaginado, impondo-se como uma categoria de fonte especial para a história cultural de uma sociedade. (Borges, 2010, p.108).

Frequentemente, mesmo em textos ficcionais, a literatura conduz o leitor a ver e analisar a humanidade exposta naquela narrativa. De modo inconsciente, passamos a refletir sobre as nossas atitudes e sobre como nós nos identificamos com os personagens mencionados no texto. A literatura nos força a reter a humanidade que escapa pelos nossos dedos.

Ao nos identificarmos com personagens e situações, somos levados a refletir sobre nossas atitudes e emoções. Paradoxalmente, é justamente por meio do imaginário que a literatura revela verdades essenciais sobre o ser humano, expondo fragilidades e desejos que, muitas vezes, permanecem ocultos na realidade concreta. Pignatari (2024, online), discorre sobre isso:

[...] Embora o texto literário seja ficcional, é também um caminho importante para conhecer a realidade. Parece contraditório, mas não é. A literatura promove um conhecimento mais profundo e autêntico do ser humano e do mundo, pois os personagens, justamente por não existirem, podem ser um registro mais verdadeiro do ser humano expondo fragilidades, fantasias, medos e desejos.

Conforme exposto no trecho acima, a literatura é uma das principais responsáveis pela constituição do ser humano. Por meio dela, aprendemos diversos conceitos sociais, como os valores, a diversidade, as relações humanas, entre outras questões. Por meio da literatura, adquirimos um nível de autoconhecimento que jamais chegaríamos a alcançar sem ela. A

literatura é um importante elemento cultural e possui um papel extremamente essencial nas transmissões de saberes.

A literatura é fundamental para a sociedade porque ela preserva, transmite e questiona valores, ideias e emoções humanas ao longo do tempo. Por meio dos livros, somos capazes de conhecer outras culturas, épocas e modos de vida, expandindo nossa compreensão do mundo e de nós mesmos. Ela também permite que vozes marginalizadas sejam ouvidas, ajudando a promover empatia, crítica social e transformação.

Além disso, a literatura estimula o pensamento crítico, desenvolve a imaginação, amplia o vocabulário e contribui para a formação da identidade individual e coletiva. Grandes obras literárias têm o poder de moldar mentalidades, inspirar mudanças políticas e sociais, e eternizar experiências humanas universais.

Livros, principalmente aqueles com abordagens relativas a temas como: identidade cultural, dificuldades humanas, desigualdades sociais, preconceitos e assuntos pertinentes e comuns à sociedade em geral, são aqueles que mais nos trazem reflexões. *Pachinko* (2020) é um desses livros. Ao longo deste trabalho veremos como essa narrativa é crucial para a compreensão e o entendimento humano em relação à diversidade étnica e cultural de povos semelhantes, porém diferentes.

Esse trabalho consiste na elaboração de uma análise do livro *Pachinko* (originalmente intitulado *Motherland*, “terra natal” em tradução livre). A narrativa escrita por Min Jin Lee retrata o cotidiano do povo coreano durante os principais eventos históricos que reordenam a vida e a cultura de toda essa nação.

Para fins de pesquisa, é necessário mencionar e, especialmente, destacar que o romance estudado nesta dissertação é norte-americano, ou seja, foi originalmente escrito em inglês por uma autora que migrou com os pais para os Estados Unidos durante a sua primeira infância, aos sete anos, em 1976. A autora construiu a sua vida pessoal, a sua carreira profissional e acadêmica no país. Portanto, trata-se de uma narrativa feita por uma coreana-americana expondo algumas dificuldades enfrentadas pela sua pátria natal. Inclusive, de acordo com Alessandro Pizziolo:

Pachinko, segundo sua autora, é o primeiro romance escrito em língua inglesa a narrar a ocupação japonesa da Coreia e a experiência dos coreanos que até hoje se veem sem pátria, com o status permanente de estrangeiros mesmo tendo nascido no território japonês. (Pizziolo, 2023, online).

Assim, por meio de uma narrativa ficcional, Min Jin Lee dá visibilidade a uma comunidade historicamente marginalizada e evidencia como as marcas do colonialismo ainda afetam identidades e relações sociais. Nesse movimento, a autora não apenas resgata a experiência dos *Zainichi*¹, mas também projeta sua própria perspectiva cultural, marcada por vivências nos Estados Unidos e na Coreia do Sul, o que confere ao texto uma abordagem subjetiva e atravessada por múltiplas identidades.

Não há menções concretas sobre quais políticas diplomáticas ou sobre quais países são melhores ou piores, mas há trechos em que a opinião dos personagens é claramente exposta. Essa questão não significa necessariamente que a opinião da autora seja a mesma dos personagens, porém existe um indício de tal possibilidade.

Pachinko foi o seu segundo romance, o início da escrita ocorreu na década de 1980 e, antes de ganhar as prateleiras do mundo anglófono em 2017, passou por várias reescritas. Nesse meio tempo, a autora morou no Japão e foi nesse período que realizou entrevistas com vários *Zainichi*. Por mais que a autora tenha lido uma vasta bibliografia sobre o assunto, foi por meio das entrevistas e conversas com os *Zainichi* que Min Jin Lee encontrou a essência do que realmente gostaria de transmitir em *Pachinko*. A seguir vemos a tradução da transcrição de uma entrevista da autora em que ela menciona esse aprofundamento no mundo *Zainichi*:

[...] eles começam a te apresentar a todo mundo. E com os japoneses-coreanos, é muito importante lembrar que há japoneses-coreanos que se tornam cidadãos japoneses, o que é uma população crescente. Há coreanos que são cidadãos sul-coreanos, mesmo sendo coreanos de quarta geração. E também há coreanos que se identificam com a Coreia do Norte. Então, há três populações étnicas coreanas diferentes no Japão. Conheci pessoas de todos os grupos, passei um tempo imerso em suas culturas. E essa experiência realmente me fez pensar: "Ah, isso é muito mais complicado do que eu imaginava. (Lee, 2024, online, tradução nossa²).

Dessa forma, Min Jin Lee insere grande parte das experiências observadas em relação a vida dos *Zainichi* em *Pachinko*. O livro explora temas como identidade, resistência, sacrifício, destino e a busca por dignidade em meio a opressão. Foi muito aclamado pela crítica, tornando-se finalista do National Book Award e sendo adaptado para uma série de TV pela Apple TV+.

¹ *Zainichi* é o termo usado para designar os coreanos que fixaram residência no Japão, especialmente durante a ocupação colonial japonesa. Consequentemente, devido às características conservadoras dessa sociedade, o termo passou a se referir também aos descendentes de coreanos nascidos no Japão.

² No original: "[...] they start introducing you to everybody else. And with the Korean Japanese people, it's very important to remember there's Korean Japanese who become Japanese citizens, which is a growing population. There's Koreans who are South Korean citizens, even though they're fourth generation Koreans. And there are also Koreans who are North Korean identified. So there's three different Korean ethnic populations in Japan. I've met people from every group and spent time and immersed myself in their cultures. And that experience really made me think, oh, this is so much more complicated than I thought."

Antes de iniciarmos os assuntos relacionados diretamente à pesquisa, devemos introduzir brevemente a narrativa de *Pachinko*. Neste romance, temos a história de quatro gerações de coreanos que possuem relação direta com a protagonista do livro, Sunja. São elas: os pais de Sunja, a própria história da protagonista, a história de seus filhos e, por fim, a última geração mencionada no livro, representada por seu neto, Solomon.

Neste trabalho, serão investigadas as formas como os eventos históricos abordados em *Pachinko* foram os catalisadores da perda da identidade coreana e, posteriormente, analisaremos o (re)encontro dessa identidade por meio do orgulho do povo em relação à independência e à proteção de sua própria cultura e país.

Utilizaremos o termo (re)encontro entre aspas, pois a identidade cultural reencontrada não é aquela que havia sido perdida, ela passa por diversas mudanças, adaptações, inserções e mesclas ao longo das décadas. Logo, a identidade cultural se modifica, mantendo parte da cultura tradicional mas também aceitando parte das culturas exteriores.

O livro *Pachinko* aborda o cotidiano nas sociedades coreana e japonesa entre os anos de 1910 e 1989; como consequência, os eventos históricos ocorridos dentro desse recorte temporal serão os mais estudados ao longo da pesquisa.

Publicado pela primeira vez em 2017, o romance se constitui de um olhar reflexivo dos acontecimentos pela perspectiva de pessoas comuns. Logo, esses eventos não são abordados somente sob uma perspectiva histórica, mas sim sob uma perspectiva humana.

A divisão temporal em *Pachinko* ocorre por meio de três seções, ou três livros:

Livro I Gohyang / Cidade Natal 1910-1933	Livro II Pátria - Mãe 1939-1962	Livro III Pachinko 1962-1989
--	---	--

Apesar da divisão temporal, a obra não relata com detalhes alguns acontecimentos históricos. Entretanto, isso não atrapalha a nossa pesquisa. Descobrimos, ao longo da leitura, que Sunja se apaixona por Hansu, um coreano pró-japonês. Ao ter conhecimento sobre a gravidez de Sunja, Hansu diz não poder se casar, pois já tem esposa e filhas no Japão. Sunja, desolada, decide criar a criança sozinha, porém sabe que seu filho sofrerá com essa decisão. Ao se inteirar sobre a situação da jovem mulher, o pastor Baek Isak, vindo de Pyongyang, oferece casamento à garota, porém eles terão de viver no Japão onde Isak foi designado para difundir a religião cristã.

Inicia-se assim a vida de ambos como *Zainichi*, coreanos que nasceram e cresceram sob a ocupação colonial japonesa na Coreia e que agora irão criar os seus filhos sob o mesmo domínio no Japão. A esperança de uma vida melhor para os seus descendentes os motiva; o próprio *Pachinko* por si só demonstra essa esperança de ascensão social: “Ele compreendia por que seus clientes queriam jogar algo que parecia fixo, mas que também deixava espaço para o acaso e a esperança.” (Lee, 2020, p. 321).

O impulso de oferecer aos filhos oportunidades que eles próprios não tiveram motiva os personagens em suas escolhas. Nesse contexto, o pachinko simboliza essa tensão: um jogo aparentemente controlado, mas que reserva espaço para o imprevisível, refletindo a própria experiência deles — viver num sistema rígido, mas ainda acreditar que, com sorte e persistência, é possível mudar o destino. Contudo, as dificuldades serão grandes, especialmente para os seus filhos, ou seja, para a geração coreana nascida no Japão.

Pachinko não é apenas um simples romance que relata a vida de uma família imigrante, mas sim um tributo à memória de todos os imigrantes coreanos que tiveram boa parte de sua identidade cultural confiscada pelo imperialismo japonês e, mesmo assim, reuniram coragem para buscar uma qualidade de vida mais digna para a sua família. Ao longo da obra, vemos como os coreanos sobreviveram e prosperaram mesmo sob as garras do Japão, sem se importarem com o arco histórico que os envolveu.

A primeira frase do livro nos faz refletir sobre essa questão: “A história falhou conosco, mas não importa” (Lee, 2020, p.11). Cabe destacar que essa é a única frase de todo o livro em que vemos a marcação da 1ª pessoa do plural, com o uso do “conosco”. Esse detalhe expõe a inserção da autora nesse plural, além de aproximar o leitor e, em alguns casos, incluí-lo nesse “nós”. Assim, essa característica denota que a história também falhou com a autora e com aqueles que se sentem inseridos nesse pronome que, no caso, são os coreanos e os seus descendentes.

No decorrer da narrativa, veremos que uma parte considerável da obra se passa durante a ocupação colonial japonesa. Nesse período histórico, iremos observar como o fato de terem se tornado colônia do Japão afetou a vida da sociedade coreana e, consequentemente, como a identidade cultural desse povo foi comprometida.

É inegável o fato de que, em todas as nações mundiais as decorrências de conflitos armados, especialmente os ocorridos no século XX, foram imensas e desumanas; sem dúvida esses conflitos afetaram significativamente o cotidiano de toda a sociedade. No caso da península coreana, esta foi literalmente cercada e retalhada por esses atritos.

O Japão, motivado principalmente pela disputa sobre a influência na península coreana, que era um estado vassalo da China há séculos, iniciou a Primeira Guerra Sino-Japonesa (1894–1895). Um conflito entre os chineses (sob a dinastia Qing) e os japoneses (sob o período Meiji). O Japão, após se modernizar com a Restauração Meiji, buscava expandir sua influência na Ásia e viu na Coreia uma peça estratégica.

Segundo Kim (2005), o conflito começou quando ambos os países enviaram tropas à Coreia para reprimir uma revolta interna (a Revolta Donghak), mas o Japão se recusou a se retirar, desafiando a autoridade chinesa. A guerra terminou com a vitória do Japão, que demonstrou seu poder militar superior.

Como resultado, o Tratado de Shimonoseki (1895) garantiu ao Japão o controle de Taiwan, a Península de Liaodong (embora posteriormente devolvida sob pressão internacional) e a independência formal da Coreia em relação à China. Fato que, na prática, ampliou o domínio japonês sobre o país.

Já entre 1904 e 1905, houve a Guerra Russo-Japonesa, um conflito armado entre o Império Japonês e o Império Russo cuja intenção era disputar os territórios da Coreia e da Manchúria. O Japão também vence essa contenda conquistando o Império Coreano³ que passa a ser protetorado japonês. Contudo, apenas cinco anos depois, a anexação da Coreia como colônia do Japão é oficialmente firmada, o que leva o Império Coreano a perder o seu título de Império.

A partir desse momento, em 1910, inicia-se a ocupação colonial japonesa na Coreia. Essa ocupação foi especialmente cruel com os coreanos, que eram desumanizados de várias formas: impedidos de utilizar o Hangul (sistema de escrita coreano), a moeda passou a ser japonesa, nomes coreanos não eram permitidos, muitos trabalhos eram análogos à escravidão e, obviamente, todos os coreanos deveriam adotar a cultura de seu colonizador. Ou seja, a identidade cultural coreana foi confiscada e sua cultura reprimida. Segundo Ryu Tongshik (1983, online), “O Japão tentou não apenas colonizar, mas também assimilar a Coreia como uma extensão japonesa, e, com isso, eliminar todos os aspectos de nossa própria cultura [...]”⁴.

Ao longo do livro *Pachinko* podemos observar como esses acontecimentos históricos foram de suma importância na vida cotidiana dos coreanos, especialmente para os *Zainichi*,

³ O Império Coreano (em coreano: 대한제국, Dæhan Jeguk) foi a designação oficial da península coreana entre 1897 e 1910, após a antiga dinastia Joseon (1392-1897) mudar de nome. Antes de 1897, a Coreia era conhecida como Reino Joseon.

⁴ No original: *Japan attempted not merely to colonize but to Japanize Korea, and in so doing to wipe away all aspects of our own culture.*

aqueles que emigraram em direção à metrópole japonesa com a esperança de ter e conquistar uma vida mais digna.

Nesta dissertação, pretendemos explicitar a maneira como o Japão interferiu no império coreano e, conseqüentemente, impôs como suprema a sua própria cultura em meio ao povo da Coreia e aos *Zainichi*. Para explicitar mais sobre esses acontecimentos históricos usaremos, sobretudo, os livros *A montanha e o urso: uma história da Coréia*, de Emiliano Unzer Macedo, *The History of Korea* de Kim Chun Kil e *A Guerra entre China e Estados Unidos na Coreia: da Escalada às Negociações de Cessar-Fogo*, de Érico Duarte.

Para as pesquisas relacionados à perspectiva identitária e cultural usaremos uma abordagem voltada para os estudos culturais, tendo como base inicial livros como: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, com organização de Tomaz Tadeu da Silva, *Dez lições sobre estudos culturais*, de Maria Elisa Cevalco, *Cultura e Imperialismo*, de Edward W. Said, *A identidade cultural na pós-modernidade*, de Stuart Hall e *Identidade*, de Zygmunt Bauman.

2 CAPÍTULO 2

2.1 A HISTÓRIA DA PENÍNSULA COREANA: A DISPUTA POR PODER ENTRE OS REINOS ASIÁTICOS

De acordo com registros históricos, coreanos e japoneses já mantinham contatos diplomáticos e militares muitos séculos antes da conhecida colonização japonesa da Coreia, iniciada em 1910. Pesquisas realizadas por estudiosas das áreas de História, Relações Internacionais e Arqueologia — como Chizuko Allen (2008) e Gina Barnes (1997) — apontam que os antigos reinos coreanos de Baekje e Kaya, que faziam parte dos chamados Três Reinos da Coreia, chegaram a tentar invadir o governo de Wa (nome do Japão durante o período Kofun, entre 250 e 710 d.C) no século IV.

Posteriormente, esses mesmos reinos (Baekje e Kaya) se aliaram ao governo de Yamato (fase japonesa correspondente aos períodos Kofun e Yamato, de 300 a 710 d.C), enquanto os reinos coreanos de Koguryo e Silla se tornaram rivais desse governo japonês no século V (Allen, 2008; Barnes, 1997).

Assim, podemos observar que desde séculos antes da unificação e, nesse caso, nos referimos tanto à unificação japonesa quanto à coreana, ambos os povos possuíam amigos e inimigos nos territórios próximos. Resumidamente, podemos dizer que parte da atual Coreia era contra parte do atual Japão e vice-versa. Devido às brigas internas por poder, além de outros fatores políticos e sociais, a situação diplomática do leste asiático era extremamente complexa.

Nessa época, de acordo com Yu (2012), a Coreia era dividida em reinos e, por isso, essa dinastia ficou conhecida como o período dos três reinos, que se refere aos reinos de Baekje (백제), Silla (신라) e Koguryo (고구려). Koguryo depois foi conhecido como Goryeo (고려), do qual o nome moderno “Coreia” é derivado. O período histórico compreendido desses três reinos é entre os anos de 57 a.C - 668 d. C.

Segundo Ritzel (2020), havia diversas outras lideranças tribais presentes na península. Contudo, mesmo que houvesse cerca de 78 estados tribais menores coexistindo principalmente no sul da península, Baekje, Silla e Koguryo ainda foram os que mais se destacaram política, militar e culturalmente. Dessa forma, a nomenclatura histórica os favorece como os principais representantes daquele período.

Cada um dos três reinos desenvolveu suas próprias características culturais, mas também houve um intercâmbio constante entre eles, tanto por alianças quanto por conflitos. Essa interação mútua foi fundamental na formação da identidade cultural coreana que viria a se consolidar mais tarde.

Um dos aspectos mais significativos da fusão cultural na península coreana durante o período dos Três Reinos foi a introdução e disseminação do budismo, que chegou à região vindo da China por meio de contatos diplomáticos e comerciais com o continente, especialmente através da dinastia Han e, posteriormente, da dinastia Wei.

Essa nova religião não apenas ofereceu uma nova visão espiritual, mas também se tornou uma poderosa ferramenta política e cultural, adotada de formas distintas por Koguryo, Baekje e Silla.

Segundo Yu (2011), em Koguryo, o budismo foi oficialmente introduzido no século IV, sendo inicialmente promovido pela elite governante como forma de legitimar o poder real. A influência chinesa é perceptível nos murais encontrados nas tumbas reais, que retratam imagens budistas mescladas com elementos do xamanismo local, revelando uma síntese entre crenças antigas e a nova fé.

Baekje, por sua vez, adotou o budismo como religião estatal em meados do século IV, mas o reinterpretou com características estéticas refinadas e fortemente influenciadas pela cultura chinesa e, mais tarde, pela japonesa. A disseminação da fé budista em Baekje teve papel central na formação de escolas de pensamento, bem como na produção de sofisticadas esculturas, pagodes e manuscritos. O reino também desempenhou um papel importante na transmissão do budismo para o Japão, exportando não apenas textos religiosos, mas também monges, artistas e artesãos.

Silla, embora tenha sido o último dos três reinos a adotar oficialmente o budismo — no início do século VI —, desenvolveu uma das conexões mais profundas com a religião. Em Silla, o budismo floresceu não apenas como doutrina espiritual, mas como força motriz na construção da identidade nacional.

Monges desempenharam papéis diplomáticos, intelectuais e até militares. A religião influenciou amplamente a arte, resultando na edificação de templos monumentais como o *Bulguksa*⁵ e na criação de esculturas como o Buda de *Seokguram*⁶, exemplos impressionantes da síntese entre espiritualidade e estética refinada.

Assim, embora cada reino tenha absorvido e adaptado o budismo de maneira própria — refletindo suas estruturas sociais, valores e dinâmicas políticas — a religião acabou se

⁵ Templo budista do século VIII, localizado em Gyeongju, Coreia do Sul, o Bulguksa é Patrimônio Mundial da UNESCO e famoso por suas pagodas Seokgatap e Dabotap, representando a “Terra de Buda” na arquitetura de Silla.

⁶ Buda em posição de meditação, esculpido no século VIII na gruta Seokguram, em Gyeongju, Coreia do Sul, considerado obra-prima do budismo de Silla e Patrimônio Mundial da UNESCO.

consolidando como um elo cultural comum entre os três, deixando um legado visível até hoje nas ruínas, templos, pinturas murais e obras em pedra que sobreviveram ao tempo.

A seguir temos um mapa demonstrando a dimensão territorial de cada um dos referidos reinos:

Imagem 1 - Mapa dos Três Reinos da Coreia no final do século V



Fonte: WIKIMEDIA COMMONS (2018)
Acesso em: 29. mai. 2025.

Outro ponto histórico curioso sobre esses três reinos é que após séculos separados, eles finalmente se tornam um único território. Isso ocorre durante o século VI e VII, começando especificamente no ano de 562 d.C, quando Silla toma posse do reino de Kaya e passa a controlar a região central e a costa oriental da península.

A anexação de Kaya, em 562, consolidou seu domínio sobre a região central e oriental da península. Décadas depois, no século VII, esse movimento expansionista culminaria na

supremacia de Silla sobre os demais reinos, estabelecendo seu controle sobre toda a península coreana.

Como é visto no mapa anterior, esse feito de Silla foi de fato grandioso, considerando especialmente a comparação da dimensão geográfica entre os referidos reinos. Em termos de extensão territorial, Silla era um dos menores reinos da época, sendo maior apenas do que Kaya, portanto, Silla se mostrou um adversário político formidável para os outros reinos ao abrangê-los sob a sua hegemonia. Macedo (2018), confirma esses fatos em sua pesquisa:

Algumas décadas depois, no mundo político, Silla mostrou-se forte o suficiente para denunciar sua histórica aliança com o reino de Koguryo, ao norte. E Silla passou a procurar acordos mais vantajosos com o reino vizinho de Paekche visando invadir e expandir às custas do pequeno reino de Kaya. [...] Em 562, Silla finalmente anexou totalmente o reino de Kaya, e passou então a comandar toda a região central e costa oriental da península coreana. Haveria ainda alguns séculos restantes em que Paekche, Silla e Koguryo iriam se digladiar em conflitos e alianças a competir pela hegemonia, mas seria Silla que, eventualmente, iria se sobrepor a todos no século VII. (Macedo, 2018, p. 38-39).

Portanto, antes mesmo desses países receberem os nomes pelos quais são chamados atualmente, podemos afirmar a existência de fortes relações comerciais e políticas entre os reinos que formariam a Coreia e também entre os reinos mais distantes como os que vieram a se tornar o Japão e a China.

Esse é um dado importante quando nos referimos à questão cultural, pois implica diretamente no fato de que a Coreia já fazia intercâmbios culturais com os reinos vizinhos antes de sua unificação.

Um exemplo marcante dessa dinâmica ocorreu nos séculos V e VI, quando Paekche manteve relações com dinastias chinesas, sobretudo das regiões meridionais. Como observamos no trecho abaixo:

Nos séculos V e VI, Paekche manteve duradouras e boas relações com dinastias chinesas, principalmente das regiões meridionais, e foi o período em que absorveu a sofisticada cultura chinesa. Ao mesmo tempo, pelo acesso aos mares da península, Paekche começou a manter contatos e comércio com estados emergentes nas ilhas meridionais do arquipélago japonês. (Macedo, 2018, p. 31).

Lendo o trecho acima, podemos afirmar que a troca cultural entre o território conhecido atualmente como Coreia e os seus vizinhos próximos era algo comum e, inclusive, constante.

O próprio trecho afirma que o reino de Paekche (ou Baekje) “absorveu a sofisticada cultura chinesa” (Macedo, 2018, p.31) e, ao mesmo tempo, fazia contatos e comércio com

ilhas no arquipélago japonês. Essa troca cultural ocorria há anos e não apenas em um sentido unilateral, mas sim de um modo que atingisse todos os envolvidos.

Além desse exemplo de relações interculturais, a Coreia também passou por várias outras situações em que os acontecimentos políticos a forçaram a se associar com outros reinos. Ao longo da história, ocorreram negociações e acordos de paz entre os reinos coreanos e japoneses, como os realizados com as ilhas Ryukyu⁷, os quais foram fortemente ativos entre os séculos XIX e XX. Porém, é necessário destacar que a unificação coreana ocorreu bem antes disso, por volta do século XIV. O trecho a seguir menciona a unificação do território sob o Reino de Joseon:

[...] Portanto, antes de tudo, a Península também se constituiu num conjunto de reinos e confederações que estavam em constante conflito de poder e dominação. Estas interações ultimamente resultaram na unificação do território no chamado Reino de Joseon com a ascensão da dinastia no ano de 1392 d.C. – período anterior às invasões. (Ritzel, 2020, p.18).

A própria relação da Coreia com a China data de uma época anterior à relação entre Coreia e Japão. Antes de ser protetorado e colônia do Japão, a Coreia já havia sido protetorado da China. Macedo (2018), menciona sobre esse protetorado no excerto abaixo:

Em 669, o governo chinês estabeleceu na região províncias administrativas em torno de Pyongyang com o propósito de controlar os territórios fronteiriços. Esse protetorado era um dos maiores do império chinês, que revelou ser frágil e incerto pelas vivas resistências de outros líderes perseguidos de Koguryo. (Macedo, 2018, p. 46).

Pelo trecho acima, podemos verificar que a China tinha uma grande influência política dentro da Coreia. Entretanto, isso não era algo bem visto por todos os coreanos. Como vimos, houve uma resistência por parte de Koguryo, pois parte da população acreditava que essa influência chinesa atrapalhava tanto a independência coreana frente aos reinos externos quanto a sua própria instituição imperial.

Obviamente, em anos posteriores, essa ingerência chinesa, além da interferência japonesa, também influenciou na formação da identidade cultural coreana. Esse processo de

⁷ As Ilhas Ryūkyū, também conhecidas como Ilhas Nansei ou Ilhas Léquias em português, são uma cadeia de ilhas japonesas que se estendem a sudoeste de Kyushu até Taiwan: as Ilhas Ōsumi, Tokara, Amami, Okinawa e Sakishima (divididas em Miyako e Yaeyama), com Yonaguni no extremo oeste. As maiores são geralmente ilhas elevadas e as menores são normalmente de coral. A maior é a ilha de Okinawa. A independência das ilhas Ryukyu, hoje chamada de Okinawa, durou até o século XIX (SMITS, 1999), a sua anexação ao império nipônico em 1879 ocorreu, em grande parte, pelo mesmo contexto histórico que a anexação da Coreia.

intercâmbio e competição moldou uma cultura coreana rica, diversa e profundamente enraizada em valores comuns.

Mesmo após a unificação dos reinos e com as relações políticas territoriais externas, muitos elementos de cada uma das culturas tradicionais passaram a se fundir e continuaram a influenciar o desenvolvimento cultural, social e político da Coreia nas dinastias posteriores.

2.2 A RELAÇÃO FEUDAL ENTRE PAÍSES ASIÁTICOS

Durante o mesmo período em que os Três Reinos da Coreia (Baekje, Silla e Koguryo) estavam se desenvolvendo e disputando poder na península coreana, o Japão também estava passando por seu próprio processo de formação política e territorial. O Japão ainda não era um Estado unificado, mas sim uma ilha dividida em diversos clãs (ou feudos), frequentemente em conflito entre si. Esses conflitos internos marcaram o início das chamadas atividades feudais no Japão.

Mesmo com um cenário interno instável, o Japão tentou, em determinados momentos, expandir sua influência para fora de suas ilhas, mirando especialmente na península coreana e na China. As primeiras dessas tentativas estão documentadas por volta dos séculos IV e V, quando o clã Yamato⁸, uma das principais lideranças japonesas da época, buscava afirmar sua autoridade tanto dentro quanto fora do Japão.

Por volta do século VII, o Japão estava envolvido em disputas internas acirradas para consolidar o poder central, o que acabou levando à centralização do governo sob a dinastia imperial Yamato.

Essas disputas desviaram o foco das campanhas externas, e o interesse japonês pela península coreana foi deixado em segundo plano. Isso deu espaço para que a Coreia lidasse com seus próprios processos de unificação, como a ascensão de Silla e a posterior unificação dos Três Reinos.

⁸ O termo "clã Yamato" refere-se a vários elementos históricos e culturais do Japão. A principal referência é ao clã que governou o Japão a partir da região de Yamato (atual província de Nara) durante o período Yamato, que abrange o período Kofun e Asuka (aproximadamente do século III ao século VIII d.C.). Este período é marcado pela ascensão de um poder centralizado, com a família imperial Yamato (ou Yamato-Ōken) exercendo grande influência sobre as outras tribos e clãs do arquipélago.

Após alguns séculos, durante o período *Joseon*⁹, o Japão demonstrou novamente interesse na península coreana, com a intenção explícita de dominação. Chegou a invadi-la duas vezes: uma em 1592 e outra em 1597, entre essas tentativas houve um breve período de paz, ocorrido durante o armistício em 1596.

Ambas as invasões aconteceram em decorrência da tentativa do *daimyo*¹⁰ Toyotomi Hideyoshi (1537-1598 d.C) de conquistar a península e, inclusive, em suas campanhas militares, tentar conquistar a China. Contudo, Hideyoshi falhou em suas tentativas. Ritzel (2020), relata sobre como esse fato histórico impactou no futuro do Japão imperial:

Com isso, marca-se o início das atividades feudais em relação ao destaque das atividades japonesas em direção à Península, tal como a correlação do Japão e sua orientação expansionista. Nesta conjuntura, no mesmo período, o Japão passava por mais uma guerra que buscava unificação e controle político dos diversos feudos ali presentes, e assim a concentração de interesses e a interação com a Coreia teve seus altos e baixos em determinados períodos durante esta fase feudal. Portanto, antes de tudo, a Península também se constituiu num conjunto de reinos e confederações que estavam em constante conflito de poder e dominação. Estas interações ultimamente resultaram na unificação do território no chamado Reino de Joseon com a ascensão da dinastia no ano de 1392 d.C. (Ritzel, 2020, p. 18).

Essa época histórica demonstra que as atividades feudais externas do Japão se iniciaram com as tentativas expansionistas de invasão, tanto em relação à península coreana quanto em relação à China.

Como o Japão também enfrentava guerras internas entre os seus diversos feudos com a tentativa de unificação do reino nipônico em um único território, o interesse do Japão na península coreana acabou, mais uma vez, sendo deixado em segundo plano. As atividades feudais do Japão surgiram em meio a um cenário de guerra interna e tentativa de unificação, o que dificultou suas tentativas de expansão efetiva na Coreia.

Em síntese, o período analisado evidencia que a história do Japão e da Coreia esteve marcada por uma interação complexa entre conflitos internos e ambições externas. Enquanto o Japão buscava consolidar seu poder político e unificar os diversos feudos sob a autoridade central, sua capacidade de projetar força sobre a península coreana era limitada e intermitente.

⁹ A dinastia Joseon (1392-1910), cujo significado é “sol da manhã/ manhã calma” representa a unidade dos indivíduos étnicos coreanos até o ano de 1897, quando a nação passa a se chamar Daehan Jeguk, significando literalmente “Grande império Han”. Por conta disso, quando o colonialismo japonês chega à península, o nome Joseon é reutilizado. Essa dinastia governou a península da Coreia durante mais de 500 anos e foi estabelecida por Yi Seong-gye, mais tarde conhecido como Rei Taejo, general do fim da dinastia Goryeo (918-1392). Esse rei foi o principal responsável pela mudança do período Goryeo para o período Joseon. Além disso, ele transferiu a capital de Kaesong para Hanyang (atual Seul).

¹⁰ *Daimyo* ou daimio é um termo genérico que se refere a um poderoso senhor de terras no Japão pré-moderno, que governava a maior parte do país a partir de suas imensas propriedades de terras hereditárias. Eles eram subordinados apenas aos *Shoguns* (lit. jap. “governante militar”) e aos imperadores.

Ao mesmo tempo, a Coreia passava por processos de unificação que fortaleceram a dinastia Joseon, tornando o território mais organizado e resistente às incursões estrangeiras. Assim, as tentativas japonesas de expansão não apenas refletiam uma orientação expansionista histórica, mas também estavam condicionadas pelas limitações impostas pelas próprias disputas internas do Japão.

Esse cenário de interdependência entre política interna e ambição externa preparou o terreno para futuras interações militares e diplomáticas entre os dois países, moldando de forma duradoura as relações históricas entre Japão e Coreia.

Imagem 2 - Mapa das invasões japonesas no século XVI



Fonte: Turnbull, 2008, p. 12.

Logo após o daimyo Ieyasu Tokugawa (1543 - 1616 d.C.) vencer a batalha de Sekigahara no ano de 1600 d.C., o Japão foi unificado sob o seu último período feudal, o Shogunato Tokugawa cujo nome, obviamente, é em decorrência do daimyo vencedor que se

torna um *Shogun*¹¹. Esse Shogunato também é visto como uma linhagem dinástica, pois os sucessivos governantes pertenciam à mesma família desde Sekigahara em 1600 até a Restauração Meiji em 1868.

Antes da Restauração Meiji, o Japão havia adotado uma medida política isolacionista, limitando totalmente as suas relações com os reinos exteriores, fechando assim as suas portas para o mundo estrangeiro. Essa medida foi uma tentativa de estabelecer a ordem no território nipônico, com a justificativa de que dessa forma os daimyos seriam capazes de retornar a paz em suas terras após séculos marcados por guerras civis. Por isso, o Japão desse período foi conhecido como um Japão feudal cuja economia era fortemente agrária.

Nesse suposto período de paz, houve um desenvolvimento interno japonês. Em paralelo a isso, apenas as tentativas de conquista das ilhas Ryukyu (Okinawa) seguiram adiante. Com esse isolacionismo o Japão diminuiu a sua tentativa de expansão internacional.

Em 1854 o isolamento japonês vai perdendo força, devido às pressões exteriores de grandes potências como as europeias e a americana. Além disso, as tentativas imperialistas de retomar o poder do Shogunato também foram catalisadoras para que 220 anos de relativa paz terminassem. Assim, inicia-se uma nova guerra civil e em 1868, com a queda do regime de estado guiado por líderes militares, o Imperador Meiji (1852-1912 d.C) consegue retomar o poder político japonês. Após esse acontecimento, com a Era Meiji, novos interesses surgem sobre a Coreia e, assim, inicia-se a exploração desse território:

Uma nova onda de interesses se projeta sobre a Coreia com a Era Meiji, como forma de recompensar o tempo que o Japão havia estado em reclusão e a atual posição de “atraso” em que se via diante das potências industriais imperialistas. Fora se estabelecendo que era importante reformar as estruturas comerciais e as estratégias de interação internacional, que agora partilhavam os outros Estados. Dentro de uma nova perspectiva, que antes era mercantilista, para uma agora capitalista, em que se encontrava a economia mundial com a Revolução Industrial. E para modernizar buscou-se seguir o exemplo de padrão das potências ocidentais: reformar e desenvolver as estruturas sociais e industriais; constituir novos territórios; expandir e explorar. Com o fim da fase feudal do Japão, veio também o início da exploração da Coreia. (Ritzel, 2020, p.20).

Como vimos pelo trecho acima, a relativa paz na Coreia também se encerra com o início da Era Meiji no Japão. A economia mundial passa a girar em torno de uma perspectiva capitalista. Assim, as tentativas de domínio e de exploração em outros territórios se tornam mais frequentes.

No capítulo "Japan's Drive to Great-Power Status", do volume 5 de *The Cambridge History of Japan*, o historiador americano Akira Iriye analisa a trajetória do Japão. Iriye

¹¹ Shogun ou Xogum, além de proprietário rural, também era um chefe militar. Devia obediência ao imperador, porém os seus comandados deviam obediência somente ao xogum.

argumenta que, após 1868, as elites japonesas viam a modernização do Estado e a expansão imperial como processos inseparáveis.

De um lado, havia a urgência de evitar o destino das colônias asiáticas, como Índia ou Filipinas, que estavam sob domínio de potências ocidentais. Para isso, era necessário fortalecer o país militar, política e economicamente, revisando os tratados desiguais e garantindo soberania plena. De outro, havia o desejo de ser reconhecido como igual pelas potências ocidentais, adotando os mesmos métodos de projeção de poder — o que, na prática, significava expandir o território e estabelecer colônia.

Essa estratégia aparece resumida na passagem em que Iriye afirma que, cerca de quarenta anos após a Restauração Meiji, o Japão havia se tornado um Estado moderno e uma potência imperialista, e que seus líderes viam essas duas dimensões como interdependentes, como duas faces da mesma moeda. Segue-se o trecho:

A busca do Japão pelo status de grande potência durante a era Meiji, portanto, foi um recurso pelo qual os líderes da nação buscaram estabelecer uma conexão entre as relações internas e externas. Mudanças políticas e econômicas internas e a afirmação de poder e influência no exterior reforçaram-se mutuamente, de modo que, cerca de quarenta anos após a Restauração Meiji, a nação era um Estado moderno e uma potência imperialista. Como outros países, os japoneses aceitavam os dois como interdependentes, como dois lados da mesma moeda. Apenas um pequeno número questionou a equação, e a maioria dos líderes e da opinião pública japoneses presumiu que todos os Estados modernos viáveis também eram imperialistas. Caberia a uma geração futura reconhecer que isso não era necessariamente verdade e que a nação não precisava ser militarista ou imperialista para empreender a modernização interna¹². (Iriye, 2008, p.782, tradução nossa).

Portanto, para Iriye, o imperialismo japonês não foi apenas um projeto de expansão territorial, mas uma estratégia de sobrevivência e afirmação no sistema internacional dominado pelo Ocidente — uma política deliberada que, ao mesmo tempo, blindava o Japão contra a colonização e o colocava no mesmo patamar das grandes potências.

Nesse ponto, os olhos do império japonês retornam à Coreia e, dessa vez, após algumas tentativas de acordos imperiais e políticos infrutíferos que mencionaremos a seguir, as tentativas de colonização da península coreana pelos nipônicos resultam na queda do império coreano em 1910.

¹² No original: Japan's drive to great-power status during the Meiji era, then, was one device by which the nation's leaders sought to establish a connection between domestic and external relations. Political and economic change at home, and the assertion of power and influence abroad, reinforced each other so that within forty-odd years after the Meiji Restoration, the nation was a modern state and an imperialist power. Like other countries, the Japanese accepted the two as interdependent, as two sides of the same coin. Only a small number questioned the equation, and the majority of Japan's leaders and public opinion assumed that all viable modern states were also imperialist. It would be left to a future generation to recognize that this was not necessarily so and that the nation need not be militaristic or imperialistic in order to undertake domestic modernization.

É necessário destacarmos que, neste trabalho, iremos inicialmente nos referir à Coreia como um todo. Afinal, após séculos de unificações entre os antigos reinos, a península se tornou um território unificado. Sendo assim, a Coreia passa a ser uma única entidade política cujo território era, a grosso modo, o mesmo da península atual. Os termos: “Coreia do Norte” e “Coreia do Sul” serão utilizados após o período histórico referente à divisão territorial coreana.

2.3 EVENTOS QUE ANTECEDERAM E CULMINARAM NA OCUPAÇÃO COLONIAL JAPONESA NA COREIA

Em 1902, o Reino Unido reconheceu os interesses do Japão na Coreia. Os japoneses e os britânicos fizeram acordos referentes a assuntos navais e, por meio dessa conquista, o Japão passou a expandir cada vez mais a sua influência no mundo ocidental.

Devido à tradição confuciana, a Coreia mantinha suas relações mercantis e culturais voltadas para o Oriente, mantendo uma relação praticamente nula com o hemisfério oeste. Enquanto isso, desde a reforma Meiji no Japão em 1868, que derrubou o xogunato e restabeleceu a família imperial japonesa, os japoneses passaram a ter maiores e melhores relações com o lado poente do planeta.

Em 1905, o presidente estadunidense Theodore Roosevelt se impressiona com as reformas da monarquia constitucional japonesa e se oferece como mediador de paz para os conflitos no leste asiático. Assim, o secretário William Taft e o chanceler Katsura Taro assinam o acordo Taft-Katsura, tratado que reconheceu o domínio japonês na Coreia e a interferências dos EUA nas Filipinas. Enquanto isso, o imperador coreano Gwangmu tentou desesperadamente buscar o apoio dos EUA pelo reconhecimento da independência coreana segundo o tratado de Paz, Amizade e Comércio de 1882, que afirmava e reconhecia a independência coreana.

Contudo, Roosevelt não voltou atrás e após as suas ações com o acordo Taft-Katsura, o tratado anterior não foi respeitado, tornando-se nulo. Segundo Macedo (2018), desse modo, inicia-se a queda do império coreano:

Assim, o império coreano, com mais de quatro mil anos de tradição, e quinhentos anos de dinastia, teve seu termo efetivo nas mãos japonesas. Vários membros do governo apresentaram vivo protesto. Alguns cometeram suicídio. Outros, na capital, juntaram-se aos rebeldes e inconformados e novas insurreições começaram a se avolumar no interior pelo lado do Uibyeong, “O Exército Justo”. (Macedo, 2018, p. 150).

Inicia-se aqui o Tratado de Protetorado de 1905. O mandato japonês iniciou-se com o residente-geral Ito Hirobumi em dezembro de 1905. Com a intenção de angariar o apoio coreano, Ito promove um amplo projeto de infraestrutura moderna. Contudo, a opinião pública coreana é desfavorável aos avanços japoneses.

Paralelamente a isso, o imperador coreano continua tentando ampliar sua rede de contatos ocidentais pedindo suporte e ajuda, porém como a Coreia havia perdido sua soberania, os representantes do imperador foram impedidos de participar da Segunda Conferência Internacional da Paz na Holanda em 1907.

Essa atitude do imperador em enviar seus representantes foi um bom pretexto para o Japão pressionar Gwangmu a abdicar do seu trono, transferindo-o para o príncipe herdeiro Sungjong, que se tornaria o último imperador da Coreia.

Os sentimentos anti-japoneses na Coreia aumentaram devido a isso, guerrilhas e resistências foram crescendo. Após revoltas, a força *Uibyeong* sofreu uma grande perda: em 1908, cerca de 11 mil e 500 membros foram mortos pelo exército japonês. Apesar de todos esses percalços e da perda populacional devido à resistência, a Coreia continuou sem receber apoio internacional.

Em 1909, Ito Hirobumi renuncia a seu cargo e abre espaço para uma política japonesa ainda mais repressora. Em seu último ato como residente-geral, Ito é morto por um nacionalista coreano. O jovem planejou chamar a atenção internacional para a situação coreana, porém, sua atitude levou o mundo a ter simpatia pelo Japão.

Logo, o início do século XX marcou um período de intensificação do domínio japonês sobre a Coreia, culminando em medidas cada vez mais severas para eliminar qualquer resistência. Após anos de conflitos com movimentos armados como a guerrilha do *Uibyeong*, o governo imperial japonês adotou estratégias mais agressivas de repressão e controle político, abrindo caminho para a anexação definitiva do país.

Em 1910, devido a grande quantidade de revoltas espalhadas pelo país, duas divisões do exército japonês chegaram ao solo coreano com o intuito de reprimir os resistentes. Segue-se o trecho:

[...] E depois de anos de campanha contra a guerrilha do Uibyeong no interior, foi nomeado como residente-geral o General Terauchi Masatake (1852 – 1919) que fortaleceu a repressão e investigação com o uso da infame polícia secreta japonesa, o Kenpeitai. A fim de intimidar os rebeldes e oposicionistas, Terauchi ordenou que todas as organizações políticas e movimentos sociais fossem dissolvidas, incluindo o Ilchinhoe, a partir de 1907. Em momento derradeiro, o primeiro-ministro coreano, Yi Wanyong e Terauchi assinaram o Tratado de Anexação em 22 de agosto de 1910, terminando de vez a dinastia Joseon. [...] (Macedo, 2018, p.154).

Esse trecho evidencia como o Japão consolidou seu controle sobre a Coreia no início do século XX, utilizando uma combinação de força militar, repressão política e aparato de segurança.

A chegada de divisões do exército japonês em 1910, somada à atuação do General Terauchi Masatake como residente-geral, demonstra que a anexação não foi apenas um processo diplomático, mas também resultado de uma opressão sistemática contra resistências internas, como os movimentos de guerrilha Uibyeong e organizações civis como o Ilchinhoe.

O uso da polícia secreta Kenpeitai e a dissolução de associações políticas mostram a estratégia japonesa de intimidar e controlar a população coreana, garantindo que qualquer oposição fosse rapidamente neutralizada. A assinatura do Tratado de Anexação em 22 de agosto de 1910, com a cooperação de líderes coreanos como Yi Wanyong, simboliza o fim da dinastia Joseon e o início da ocupação formal, consolidando o domínio japonês sobre a península.

Portanto, em 1910, temos o fim da maior dinastia coreana, a Dinastia Joseon, e o início do maior período de repressão cultural que a Coreia enfrentaria, a Ocupação Colonial Japonesa.

Quando trazemos essa perspectiva de repressão cultural para o caso da colonização da Coreia pelo Japão, ela se torna ainda mais clara e dolorosa. Foi exatamente nesse momento, ao transformar a Coreia em colônia que se confirmou o argumento do trecho: a construção do império japonês, bem como todo processo colonial, não foi um ato civilizatório ou de progresso, mas sim de dominação violenta, opressão sistemática e desumanização dos coreanos. Quando o Japão se moderniza, deixa de ser um país feudal e passa a ser um país capitalista. Segundo Henshall (2014), a escassez de recursos naturais motivou o expansionismo japonês, especialmente no final do século XIX e início do século XX.

Em outras palavras, a falta de recursos naturais levou o Japão a adotar uma política de expansão territorial como forma de garantir matérias-primas para sua economia industrializada. Isso justificava, aos olhos da elite política e militar, as invasões e colonizações de regiões asiáticas ricas em ferro, carvão e petróleo — como forma de fortalecer sua independência econômica e sua posição como potência imperial.

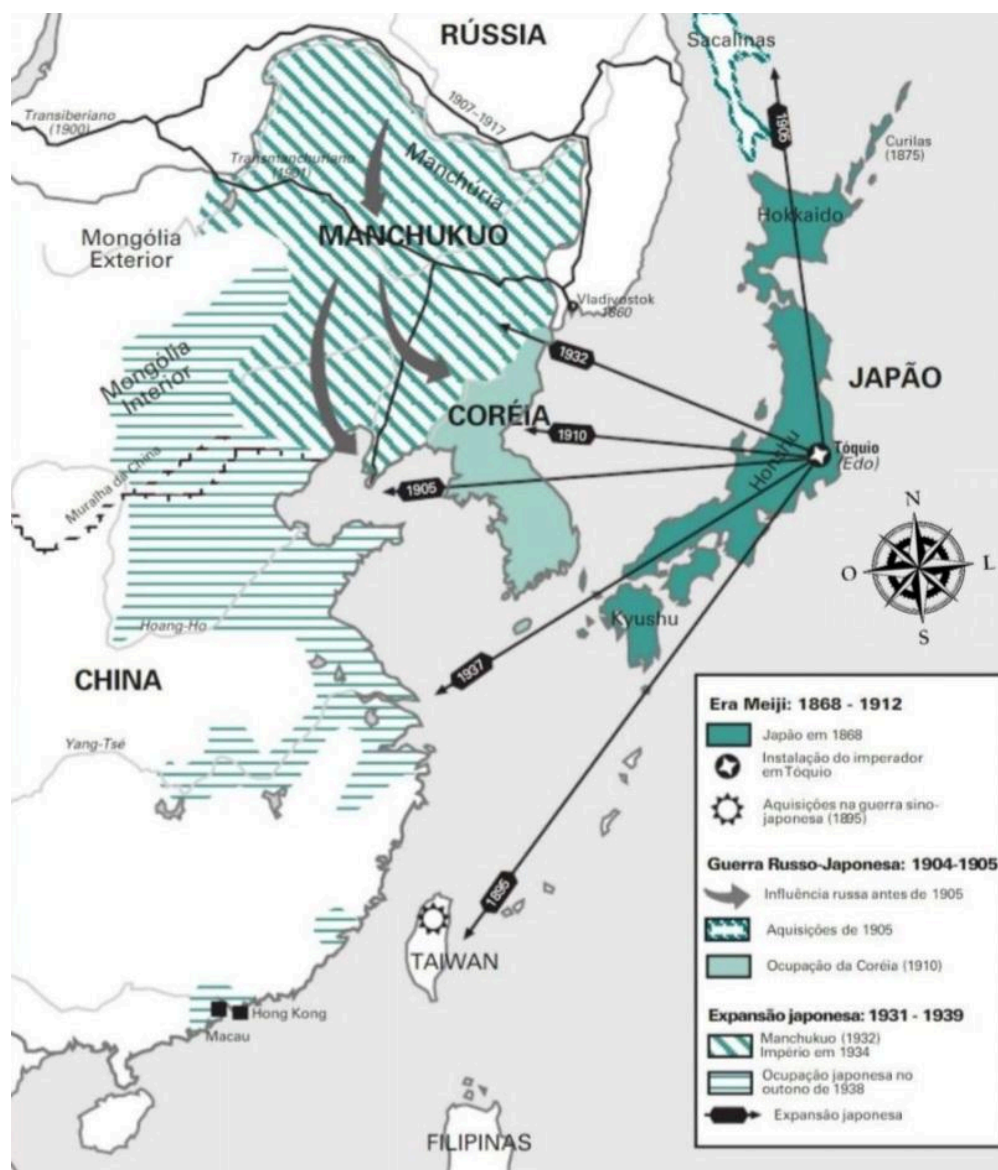
A ilha não possuía recursos energéticos suficientes para manter e estabelecer a sua economia interna. Portanto, a tentativa de expandir os territórios é mais uma forma de dominar e buscar poder.

Afinal, como na maioria das economias capitalistas, o desenvolvimento do Japão foi impulsionado pela industrialização liderada pelo Estado após a Restauração Meiji,

substituindo a ordem feudal. Sua falta de recursos naturais próprios significava que a economia dependia da importação de matérias-primas, o que, por sua vez, alimentou a expansão territorial como um meio de garantir recursos e poder nacional.

No mapa abaixo, podemos verificar essa forte expansão das forças imperialistas nipônicas nos territórios próximos ao Japão:

Imagem 3 - Mapa da expansão japonesa



Fonte: Duby, 1997, apud Magnoli, 2004, p. 255.

Como vemos no mapa acima, a expansão imperialista japonesa iniciou-se ainda no final do século XIX, porém ganhou forças no século XX, especialmente entre os anos de 1910 e 1945, antes do término da Segunda Guerra Mundial.

Em relação às tentativas de dominação colonial japonesa sobre a Manchúria e a China, há uma menção em *Pachinko*. Temos no romance um trecho referente a essa época, correspondendo de modo direto à Segunda Guerra Sino-Japonesa (1937-1945). Com essa situação, a preocupação da sociedade era sobreviver. No excerto abaixo vemos claramente a perspectiva social e o desespero do povo em relação a essa contenda:

No entanto, todos os coreanos que conhecia consideravam absurda a guerra que o Japão tinha deflagrado na Ásia. A China não era a Coreia; a China não era Taiwan; a China podia perder um milhão de habitantes e seguir em frente. Algumas regiões podiam cair, mas era uma nação incomensuravelmente vasta, capaz de resistir apenas pela determinação e pelos números. Os coreanos queriam que o Japão ganhasse a guerra? Claro que não, mas o que aconteceria com eles se os inimigos do Japão vencessem? Será que os coreanos conseguiriam se salvar? Não parecia provável. Então salve sua própria pele: era nisso que os coreanos acreditavam intimamente. Salve sua família. Encha sua barriga. Fique atento e seja cético em relação às pessoas que estão no comando. Se os nacionalistas coreanos não conseguirem recuperar seu país, deixe que seus filhos aprendam japonês e tente seguir adiante. Adapte-se. Não era simples assim? Para cada patriota lutando por uma Coreia livre, ou para cada coreano desgraçado lutando em nome do Japão, havia dez mil compatriotas no país e em outros lugares que estavam apenas tentando colocar um prato de comida na mesa. No fim das contas, o estômago era seu imperador. (Lee, 2018, p. 194-195, grifos nossos).

Percebe-se que, diante da opressão social advinda do contexto histórico, a maior preocupação das camadas mais baixas da sociedade não era a conquista pela independência coreana ou a liberdade do domínio japonês, mas sim a luta pela sobrevivência. Com as guerras, tanto as mundiais quanto as do continente asiático, a primeira preocupação do povo era o bem-estar da família e a última preocupação dos governantes era o povo.

Por uma simples questão relacionada à dignidade humana, o colonizado não se importa com as conquistas ou derrotas do colonizador; o importante é a situação em que ele e seu povo podem chegar ao enfrentar o resultado dessas contendas.

2.4 IDENTIDADE, CULTURA E PERTENCIMENTO

Um dos pontos importantes relacionados à narrativa de *Pachinko* são os aspectos básicos relacionados à identidade cultural. Para Silva (2021), em um primeiro momento parece fácil definir a identidade, ela se caracteriza simplesmente por aquilo que se é: “sou brasileira”, “sou coreana”, “sou japonês”.

Seguindo essa linha de pensamento, a referência da identidade é ela mesma, ela é autocontida e autossuficiente. Já a diferença se caracteriza por ser aquilo que o outro é e eu não sou: “ele é coreano”, “ele é japonês”. Ambas sempre estarão relacionadas entre si, pois existem como algo inerente ao ser humano.

Assim, vemos que a definição de identidade não é tão fácil como pensamos. Em diversos casos a identidade colide com questões relacionadas não apenas ao nosso consciente, mas também ao nosso inconsciente. As afirmações sobre as identidades só são possíveis devido a nossa heterogeneidade. Afinal, em um mundo homogêneo, um lugar em que todos compartilhassem a mesma identidade, a própria afirmação de identidade não faria sentido, já que esse conceito só existe quando é contestado.

Silva (2021), menciona sobre esse processo de oscilação da identidade, como pode ser visto no trecho abaixo:

O processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade; de outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la. É um processo semelhante ao que ocorre com os mecanismos discursivos e linguísticos nos quais se sustenta a produção de identidade. Tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação. Entretanto, tal como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade. (Silva, 2021, p. 84).

O texto destaca a tensão constante entre a fixação e a instabilidade da identidade, processo que se aplica diretamente à experiência coreana durante a ocupação colonial japonesa. A imposição de valores, língua e costumes japoneses buscava estabilizar a identidade coreana segundo os moldes do império ocupante, um esforço de fixação artificial.

Sendo assim, como vimos no início desta pesquisa, ao longo da história coreana ocorreram várias situações em que a identidade cultural e nacional desse povo foi contestada e desestabilizada.

Podemos analisar que a imposição japonesa foi um dos processos que contestaram a identidade cultural coreana e tentaram desestabilizar essa identidade. Em parte, eles conseguiram causar essa desestabilização, pois a cultura coreana foi remodelada para incorporar a cultura e os padrões japoneses.

Dentro de nossa sociedade moderna, o conjunto de aspectos relacionados à religião, língua, tradições, valores, crenças e história são o que definem a cultura de um povo, ou seja, são essas características que definem a identidade cultural de uma nação.

Quando falamos sobre identidade cultural devemos lembrar que tanto o conceito de identidade quanto o conceito de cultura são extremamente complexos de serem definidos e,

portanto, estão sempre passando por uma constante análise acadêmica. A relação entre a identidade e cultura é algo intrínseco. Ambas dependem uma da outra. A identidade de um indivíduo está relacionada de modo direto à sua cultura, logo, a cultura é um dos fatores determinantes para a constituição da identidade.

No entanto, assim como a linguagem, a identidade cultural coreana resistia a essa fixação total. Apesar da tentativa de apagamento, elementos da cultura coreana persistiram, mostrando que a identidade, ainda que pressionada à uniformidade, está sempre em movimento, escapando das amarras coloniais e afirmando-se, mesmo que de forma subterrânea ou fragmentada.

Dentro da narrativa, Yoseb, coreano *Zainichi* irmão de Isak e cunhado de Sunja, sempre defendeu a ideia de colocar os sobrinhos em escolas coreanas: “Yoseb vinha dizendo a Sunja que os meninos deveriam frequentar uma escola coreana no bairro porque a família tinha que estar pronta para voltar a seu país. Os meninos tinham que aprender coreano”. (Lee, 2020, p. 257). Esse trecho demonstra a esperança da família em retornar para a sua pátria e a resistência cultural e linguística ao aprender a língua da colônia, mesmo dentro da metrópole.

O pertencimento também se relaciona diretamente com a identidade. Visto que, como seres sociais, pertencemos a nações, culturas, etnias, famílias e outros fatores que nos identificam tanto no meio social quanto de modo individual.

Em relação ao que é o pertencimento, Miriam Debieux Rosa, professora titular do Instituto de Psicologia e coordenadora do Laboratório de Psicanálise, Sociedade e Política da USP, relata:

Pertencimento é aquela percepção de alguém fazer parte de uma comunidade, de uma família, de um grupo, de uma nação. Ele está muito ligado ao reconhecimento e a como um cidadão tem respeitadas a sua dignidade, a sua cultura, e as suas diferenças.

O pertencimento supõe também participação, o que inclui ter lugar e voz nos processos de escolha, de elucidação dos conflitos, ou seja na construção do grupo podendo contribuir, dar a sua parte e a sua cara no projeto, no trabalho, nos estudos. (Rosa, 2023, online).

Assim, sabemos que o pertencimento, a identidade e a cultura possuem uma forte relação entre eles. Dentro da narrativa de *Pachinko* temos personagens que sofrem bruscamente com essas questões. Um exemplo acerca dessa situação pode ser visto em Noa, o filho mais velho de Sunja, esse personagem possui questões complexas acerca desses temas, em específico pela falta de afirmação em relação a sua própria identidade.

Há diversos trechos em que percebemos isso, como o excerto abaixo:

Noa sabia como os japoneses educados se comportavam e sabia imitar seus maneirismos com perfeição, de forma que aceitava o que quer que fosse colocado diante dele e ficava grato. Entretanto, preferia comer depressa uma tigela de comida simples e nutritiva. Alimentava-se como a maioria dos coreanos: uma comida saborosa era apenas um combustível necessário, algo a ser consumido às pressas antes de voltar ao trabalho. Os japoneses ricos consideravam essa maneira de comer (muita quantidade, sabores fortes e velocidade considerável) absolutamente vulgar. Na presença de seu benfeitor, Noa imitava os japoneses de classe alta, pois não queria decepcioná-lo, ainda que não se interessasse por comida nem gostasse de ficar sentado muito tempo durante uma refeição. (Lee, 2020, p. 333).

Noa desenvolve estratégias para se adaptar e ser aceito, como imitar com perfeição os hábitos da elite japonesa. No entanto, seus gostos e hábitos alimentares revelam um vínculo profundo com sua cultura de origem, ainda que ele tente ocultá-lo para não frustrar expectativas externas. Essa dualidade evidencia como a falta de afirmação identitária o coloca num espaço de constante negociação entre quem ele é e quem sente que precisa ser para pertencer.

Noa é um nipo-coreano, em tese ele é japonês, pois nasceu em território nipônico; contudo a sociedade japonesa não o considera como tal. Como ele é filho de coreanos, os nipônicos o consideram como coreano, contudo, por ter nascido no Japão os coreanos o consideram como japonês. Causando caos na identidade cultural de Noa. Hall discorre sobre isso: “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.” (Hall, 2022, p. 11).

Além disso, a identidade cultural de Noa é uma mescla entre a cultura coreana e a cultura japonesa, em virtude do fato dele ter crescido rodeado pela comunidade *Zainichi*, a parte cultural coreana vem do lado familiar e a parte cultural japonesa vem do seu entorno, da sua escola e da sociedade em que ele está inserido. Logo, o pertencimento de Noa em relação a sua própria identidade não é algo facilmente determinado. E, segundo Rosa, isso pode causar diversos danos psicológicos:

Não participar de um grupo, não participar da sociedade, não participar das instituições promovem várias modalidades de silenciamento. Quando as pessoas são desqualificadas por fatores econômicos, religiosos, raciais e de gênero, esse lugar acaba naturalizando um lugar de subalternidade e de violências, de forma que vão aparecer angústias. É um ambiente que promove um deslocamento, que pode até mudar o valor que o sujeito dá à própria vida. (Rosa, 2023, online).

Segundo observamos no trecho acima, é inegável o fato de que a falta de pertencimento implica diretamente na dificuldade de encontrar uma identidade cultural, social e individual. No caso de Noa, o fato dele não se encaixar nos grupos sociais envolvidos ao seu

redor, torna difícil determinar a sua identidade, que por si só, já é um tema complexo de ser definido.

A identidade cultural e o pertencimento são elementos fundamentais para a formação do indivíduo e sua relação com o mundo. A identidade envolve a percepção que temos de nós mesmos e, obviamente, é influenciada por fatores como cultura, família e experiências de vida. Dessa maneira, como os conceitos de identidade, pertencimento e cultura estão interligados, acabam desempenhando um papel extremamente necessário tanto em nossa personalidade quanto em nosso bem-estar individual e social.

Sendo assim, o sentimento de pertencimento, por sua vez, é necessário para fortalecer a segurança emocional e a própria concepção de sujeito. O fato de compartilhar uma cultura em comum e se sentir pertencente a ela proporciona apoio, reconhecimento e um senso de propósito, ajudando a fortalecer a identidade individual e social de um indivíduo.

Para Noa, devido a essas questões identitárias e culturais, o seu bem-estar social foi comprometido em determinados casos. Além da questão relativa a sua identidade cultural ser uma mescla entre Coreia e Japão, a própria percepção do seu entorno familiar é afetada. Noa demonstra ser o mais sensato e inteligente da família, porém quando descobre ser filho biológico de Hansu ele entra em crise existencial. O fato da sua identidade familiar ter sido contestada por uma realidade da qual ele viveu anos sem ter conhecimento implica diretamente em um limbo identitário do qual ele passa a renegar a sua ancestralidade coreana.

Dessa forma, Noa toma para si uma nova identidade, construída do zero, uma identidade totalmente japonesa. Com essa reconstrução de sua personalidade, Noa refaz a sua vida. Ele passa a trabalhar com o Pachinko, como diversos *Zainichi*, e adota um novo nome totalmente japonês, passando a viver com essa nova identidade.

Noa tenta cortar todos os laços que possuía com o seu antigo “eu”. A identidade que pertencia a ele ao longo do crescimento passa a ser totalmente esquecida, ele não entra em contato com a mãe e, sem arrependimentos, passa a viver como um japonês. Noa constitui uma outra família seguindo essa nova identidade, nem os seus filhos ou sua esposa saberão em qualquer momento do livro que ele é um *Zainichi*. Isso não ocorre pelo fato dele ter qualquer sentimento negativo em relação aos coreanos em si, mas sim pelo fato dele ter perdido a sua própria identidade por conta da falta de pertencimento coletivo desde a infância e por suas decepções familiares. Bauman (2021), em seu livro intitulado *Identidade*, relata sobre essa crise entre identidade e pertencimento:

A ideia de “identidade” nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o “deve” e o “é” e erguer a

realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia - recriar a realidade à semelhança da ideia. (Bauman, 2021, p. 26).

Noa recria uma realidade com base na ideia de se tornar japonês, ele tenta se transformar em algo que sempre desejou ser. Provavelmente, Noa cria essa ficção com o intuito de escapar das fortes repressões e preconceitos dos japoneses com relação aos coreanos. Além disso, de certa forma, Noa também cria uma tentativa de evitar os conflitos familiares e, inclusive, evitar os próprios conflitos internos.

Vemos a confirmação disso quando Sunja finalmente reencontra Noa após anos sem vê-lo e ele diz que ninguém ao seu redor sabe sobre a sua ascendência coreana, ou seja, Noa não assume a sua identidade cultural coreana para aqueles que convivem com ele. Entretanto, ao mesmo tempo, a sua identidade nacional japonesa e a sua inserção na cultura nipônica é tão forte ao ponto de ninguém ao seu redor sequer imaginar sobre a sua ligação com os coreanos, quem dirá que ele faz parte do grupo denominado *Zainichi*. O trecho abaixo demonstra essa questão:

- Aqui ninguém sabe que sou coreano. Nem uma única pessoa. Não vou contar a ninguém. Eu compreendo. Eu farei o que...
- Minha esposa não sabe. A mãe dela nunca aceitaria algo assim. Meus próprios filhos não sabem, e não vou contar a eles. Meu chefe me demitiria. Ele não emprega estrangeiros. Umma, ninguém pode saber...
- É tão horrível assim ser coreano?
- É horrível ser eu. (Lee, 2020, p.420).

Como é visto no trecho acima, Noa não se aceita como é. O fato da identidade cultural de Noa ser fortemente contestada por ele mesmo, demonstra que ele não se encaixava nos supostos padrões que definiam o que era “ser coreano” ou “ser japonês”.

Por esse motivo, o ponto mais simbólico dessa perda de identidade acontece quando Noa descobre que seu pai biológico é Hansu, um yakuza ligado ao crime, e não Isak, o homem bom e religioso que o criou. Esse choque de realidade, aliado à pressão de viver entre dois mundos (o coreano e o japonês), o leva a rejeitar completamente suas raízes coreanas.

Noa acredita que, para ser aceito, precisa negar quem realmente é e ser o que a sociedade gostaria que ele fosse. E isso é justamente o que *Pachinko* critica: como a opressão cultural e o racismo institucional forçam indivíduos a escolher entre sua herança e sua sobrevivência social.

Assim, essa falta de conciliação na personalidade de Noa não ocorre porque ele não se aceita como coreano ou japonês, mas porque a sua identificação em relação a sua nacionalidade e cultura sempre foram contestadas. Logo, sua identidade não foi definida e, como consequência, a sua saúde mental foi comprometida por essa questão.

Noa foi criado em uma constante tensão entre sua origem coreana e o ambiente japonês em que vive. Desde pequeno, tenta se encaixar numa sociedade que o rejeita por sua etnia, apesar de seus esforços para assimilar a cultura japonesa. Noa fala japonês fluentemente, é um aluno dedicado em muitos aspectos, tenta “ser japonês” para ser aceito, contudo isso não o ajuda em sua situação como *Zainichi*.

Ainda durante a infância, em um diálogo entre Noa e Isak, pouco antes da morte do último, percebemos que Isak tem noção da dificuldade enfrentada pelo filho e que Noa não se sente bem na escola, devido aos preconceitos e *bullying* que sofre por ser coreano:

— É muito difícil na escola? — perguntou Isak.

Sunja se virou para olhar o rosto do garoto, nunca tinha pensado em perguntar isso a ele.

Noa deu de ombros. Com os estudos ia tudo bem, nada impossível. Os melhores alunos, que admirava, eram todos japoneses e não falavam com ele. Nem sequer olhavam para ele. Noa acreditava que, se fosse uma pessoa comum e não um coreano, talvez gostasse de ir à escola. Não podia dizer isso ao pai nem a mais ninguém, porque era certo que nunca seria um japonês comum. Um dia, tio Yoseb dizia, eles iam voltar para a Coreia. Noa imaginava que a vida seria melhor lá.

Isak tomou a mão dele.

— Você é muito corajoso, Noa. Muito, muito mais corajoso do que eu. Viver todos os dias na presença daqueles que se recusam a reconhecer sua humanidade exige muita coragem. (Lee, 2020, p.215).

Esse trecho de *Pachinko* ilustra de forma sensível a luta pela identidade cultural dos *zainichi* e como a discriminação e a exclusão moldam suas experiências cotidianas. Noa, mesmo sendo um estudante aplicado, percebe que nunca será totalmente aceito pelos colegas japoneses, o que evidencia a barreira social e cultural que separa os *zainichi* da sociedade dominante. A escola, nesse contexto, torna-se um microcosmo da opressão estrutural: o espaço em que a superioridade percebida dos japoneses e a marginalização dos coreanos se manifestam diariamente.

A fala de Isak reforça a dimensão existencial e moral dessa resistência: viver sob constante negação da própria humanidade exige coragem. Assim, o episódio revela que a luta dos *zainichi* não é apenas por reconhecimento formal ou direitos civis, mas pela preservação de sua identidade cultural e dignidade em um ambiente que insiste em apagá-las. A experiência de Noa mostra que, apesar da assimilação parcial, a herança coreana permanece central para sua identidade, mesmo diante da pressão para se conformar à cultura japonesa.

Quando Noa tenta assimilar a cultura do colonizador, ele realiza uma forma de mimetismo, onde imita a cultura japonesa que considera superior a sua própria cultura coreana. Essa atitude de Noa ocorre devido a uma tentativa de sobrevivência social, ainda que atravessado por uma internalização de inferioridade.

Embora sua decisão seja motivada por sobrevivência, ela também revela o quanto Noa internalizou os valores de uma sociedade que considera os coreanos inferiores. Isso é resultado do colonialismo: ao longo do tempo, os colonizados podem passar a ver a si mesmos pelos olhos do opressor.

Noa acredita, em certo nível, que ser coreano é ser “sujo”, indigno, criminoso — como seu pai biológico, Hansu. Ele rejeita essa identidade não só para se proteger, mas também por ver nela uma ameaça à sua dignidade pessoal.

Assim, a adoção da identidade japonesa por Noa é principalmente um ato de sobrevivência social, mas que só se torna possível porque ele internalizou uma visão negativa de sua origem coreana; uma visão imposta pela ideologia colonial japonesa. No entanto, essa busca por aceitação o aliena de ambas as culturas, resultando em uma crise de identidade e um profundo sentimento de deslocamento.

A saúde mental de Noa é totalmente degradada devido a essas incertezas em sua identidade. Consequentemente, a personalidade dele também entra em colapso, o que o leva a trocar de personalidade e se reinventar como alguém totalmente japonês.

Fanon (1925-1961), pensador fundamental na luta contra o colonialismo, destacando-se por sua defesa da libertação total dos povos colonizados analisa em suas obras, especialmente *Os Condenados da Terra*, como o colonialismo não apenas dominava territórios, mas também o corpo e a mente dos colonizados, impondo uma cultura de opressão e inferioridade.

Para Fanon, a verdadeira libertação não poderia ser apenas política; ela exigia uma ruptura radical com as estruturas coloniais, inclusive por meio da revolta e da reconstrução da identidade dos povos oprimidos. Seu pensamento tornou-se um marco nas lutas anticoloniais e segue influente nos debates sobre descolonização e emancipação dos povos. A crise existencial de Noa, a negação de sua ascendência e as suas escolhas se devem, em boa parte, à falta de pertencimento e identidade. Por ser uma negação sistematizada do outro, uma decisão obstinada de recusar ao outro qualquer atributo de humanidade, o colonialismo força o povo dominado a se perguntar constantemente: “Quem sou eu, na realidade?” (Fanon, 2022. p.212).

Como visto pela citação acima, a identidade dos colonizados sempre é contestada, pois não há uma definição ou afirmação sobre quem eles de fato são, ou onde eles se encaixam. O próprio conceito de quem somos já é algo difícil de se definir por si só, com as atitudes advindas do colonialismo, isso se torna ainda mais difícil.

Sua tentativa de "ser japonês" revela tanto a brutalidade das pressões sociais quanto o poder de uma ideologia que faz o oprimido desejar tornar-se seu opressor. Ao romper com a

família e adotar uma nova identidade japonesa, Noa passa a se perceber como um sujeito distinto de sua própria história. No entanto, as memórias familiares e a trajetória de vida anterior não podem ser totalmente apagadas, evidenciando que a hifenização¹³ de sua identidade cultural permanece presente e significativa. Ao reencontrar a mãe após anos, essa dimensão cultural previamente suprimida emerge novamente, e o choque resultante entre pertencimentos culturais distintos culmina em um ato de desespero, revelando as tensões inerentes à negociação de identidades híbridas.

A trajetória de Noa é um retrato doloroso da assimilação forçada e de como a perda da identidade cultural pode levar à destruição pessoal. Essa ruptura drástica e essa tensão acompanham-no até o fim, culminando tragicamente em seu suicídio, um símbolo extremo da dor de não pertencer a lugar algum. Exemplificando, assim, como o colonialismo japonês na Coreia não apenas oprimiu fisicamente, mas também moldou subjetividades.

A seguir, vemos o trecho que relata a constatação de Noa em relação a sua descoberta paterna:

Os membros da yakuza são as pessoas mais imundas do Japão. São bandidos, criminosos comuns. Extorquem os comerciantes, vendem drogas, controlam a prostituição e machucam pessoas inocentes. Todos os piores coreanos são membros dessas gangues. Peguei dinheiro para pagar meus estudos com um membro da yakuza e você achou isso aceitável? Nunca vou conseguir lavar essa mancha do meu nome. Você não pode ser muito inteligente. Não dá para produzir uma coisa limpa de algo sujo. E agora você me deixou sujo — disse Noa calmamente, como se estivesse se dando conta à medida que falava com ela. — Durante toda a minha vida, ouvi de japoneses que meu sangue é coreano e que os coreanos são agressivos, violentos, ardilosos, criminosos traiçoeiros. Suportei isso durante toda a minha vida. Tentei ser tão honesto e humilde quanto Baek Isak e nunca elevei a voz. Mas esse sangue, meu sangue é coreano, e agora descubro que tenho sangue da yakuza. Nunca poderei mudar isso, não importa o que faça. Teria sido melhor não ter nascido. Como pôde arruinar assim a minha vida? Como pôde ser tão imprudente? Uma mãe idiota e um pai criminoso. Eu sou amaldiçoado. (Lee, 2020, p. 433 e 434).

Como é visto pelo trecho acima, Noa chega ao ápice da sua luta interna em relação a sua identidade e expressa a sua angústia e seus pensamentos de uma única vez sobre a sua mãe, Sunja. É a partir desse momento que ele corta os laços com os seus familiares e passa a viver tentando ser um japonês, escondendo as suas verdadeiras origens.

¹³ A hifenização da identidade cultural refere-se ao processo pelo qual indivíduos ou grupos assumem identidades múltiplas, expressas simbolicamente pelo uso do hífen. É comum em comunidades da diáspora ou em contextos de migração, quando a pessoa se identifica, por exemplo, como nipo-brasileira, afro-americana ou nipo-coreana. Esse fenômeno mostra que a identidade não é fixa nem exclusiva, mas sim híbrida e relacional, construída na convivência entre culturas distintas. A hifenização pode ser vista tanto como uma forma de valorização da diversidade quanto como um reflexo de tensões entre pertencimentos diferentes, o que ocorre fortemente no caso de Noa.

Em Noa, a perda da identidade cultural não é apenas um dilema abstrato, é um peso existencial, um conflito que o leva à destruição. Ele representa o custo humano da opressão sistêmica, da colonização e do preconceito. Seu destino mostra como, em contextos de dominação cultural, tentar apagar as próprias raízes pode levar não à liberdade, mas à alienação completa.

Esse tipo de situação é relatada por Bhabha (1994), que introduz o conceito de *mimicry* (mimetização), onde o colonizado imita o colonizador, mas de maneira "quase igual, mas não igual". Isso cria um espaço de ambiguidade: o colonizado tenta se integrar, mas sua semelhança incompleta é vista como ameaça.

Em *Pachinko*, muitos coreanos tentam assimilar a cultura japonesa: como Hansu, que ascende socialmente e trabalha com japoneses, ou Noa, que esconde sua identidade coreana, porém, essa mimetização nunca garante aceitação plena. O sistema permite a imitação, mas nega a equivalência. Essa tensão revela o caráter instável e contraditório da identidade pós-colonial.

Em virtude disso, podemos afirmar que a identidade de Noa foi comprometida em grande parte pelas situações que sua família enfrentou ao longo da ocupação colonial japonesa. Devido às circunstâncias enfrentadas pela família coreana como imigrante no Japão, a criação de Noa teve seus percalços: a luta do pai pela igualdade religiosa, a prisão do pai por esse mesmo motivo, a luta da mãe para alimentar os filhos, a falta de oportunidade de emprego para os *zainichi*, bem como as dificuldades na educação dessa comunidade em solo estrangeiro, entre outros pontos.

Assim, os desafios perpassados pelos *zainichi* devido a ocupação colonial e ao preconceito que eles enfrentaram, mesmo após o fim desse complexo período, influenciaram na identidade cultural e individual de toda a geração adiante.

Dentro da narrativa de *Pachinko*, a geração que mais demonstra dificuldade em definir a sua identidade cultural são os filhos de Sunja: Mozazu e em especial, como visto anteriormente, Noa. Ambos falam duas línguas: o coreano e o japonês, esse é um fator imprescindível para demonstrar o hibridismo cultural presente durante o crescimento dos irmãos.

Noa e Mozazu, são a primeira geração de *Zainichi* nascidos em solo japonês. Dessa geração em diante, todos que possuem ascendência coreana e nascem no Japão, passam a ser chamados de *Zainichi*. Logo, a mescla ocorrida tanto entre as culturas quanto entre as identidades coreanas e japonesas são uma das principais características que definem os *Zainichi*.

Outro ponto importante referente a identidade é ela ser marcada pela diferença. Assim, como já foi dito, o que define a identidade de determinado grupo social é, necessariamente, o que ele não é. Neste trabalho, por exemplo, trabalhamos com os grupos étnicos japoneses e coreanos. Segundo Silva: “Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis.” (2021, p. 75).

Assim, pode-se afirmar que uma das marcas da identidade dos japoneses está justamente em não serem coreanos, do mesmo modo que os coreanos afirmam sua identidade por não serem japoneses. Ambos os povos constroem, portanto, identidades distintas. A identidade para existir depende de algo fora dela, portanto é relacional. A identidade existe porque a diferença existe. Segundo Silva (2021), as identidades surgem devido a marcação de diferença:

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença - a simbólica e a social - são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. (Silva, 2021, p. 40).

Ora, assim como a identidade, a diferença também é algo complexo de ser definido. Como vimos acima, a exclusão sustenta a diferença, pois ela é um fator determinante para a constituição das identidades culturais e nacionais. Pela exclusão que as definições são marcadas, pois o que não somos nada mais é do que aquilo que foi excluído pela afirmação de nossa identidade.

Antes de um grupo ou nação ter a sua identidade cultural reconhecida é necessário perpassar por conflitos nacionais na tentativa de recuperar o que foi perdido, roubado ou reescrito. Woodward (2021), discorre sobre a relação entre esses conflitos e a afirmação das identidades:

Os conflitos nacionais e étnicos parecem ser caracterizados por tentativas de recuperar e reescrever a história. [...] A afirmação política das identidades exige alguma forma de autenticação. Muito frequentemente, essa autenticação é feita por meio da reivindicação da história do grupo cultural em questão. (Woodward, 2021, p. 26).

Como podemos analisar pelo trecho acima, a reafirmação da identidade cultural de determinado grupo social é definida pela autenticação. Ou seja, é necessário que haja uma busca incessante pelo descobrimento da história cultural de determinado grupo e que, em meio a essa busca, seja encontrada, ao menos em parte, a cultura tradicional que os diferenciava dos outros.

Na base da discussão sobre essas questões está a tensão entre perspectivas essencialistas e perspectivas não essencialistas sobre identidade. Uma definição essencialista da identidade “sérvia” sugeriria que existe um conjunto cristalino, autêntico, de características que todos os sérvios partilham e que não se altera ao longo do tempo. Uma definição não essencialista focalizaria as diferenças, assim como as características comuns ou partilhadas, tanto entre os próprios sérvios quanto entre os sérvios e outros grupos étnicos. Uma definição não essencialista prestaria atenção também às formas pelas quais a definição daquilo que significa ser um “sérvio” têm mudado ao longo dos séculos. Ao afirmar a primazia de uma identidade - por exemplo -, a do sérvio, - parece necessário não apenas colocá-la em oposição a uma outra identidade que é, então, desvalorizada, mas também reivindicar alguma identidade sérvia “verdadeira” autêntica, que teria permanecido igual ao longo do tempo. (Woodward, 2021, p. 12).

Segundo a citação acima, essa relação da preservação da identidade é algo que facilmente pode ser associado às características culturais que permanecem as mesmas ao longo do tempo. Assim como os sérvios, os coreanos também passaram por essa complexidade em relação à própria identidade. Neste trabalho, vemos que a perspectiva mais utilizada é a não essencialista, pois a relação entre japoneses e coreanos foca nas diferenças e, ao mesmo tempo, nas características semelhantes que ambos os grupos étnicos partilham.

Dessa forma, um outro ponto necessário de ser mencionado nesse trabalho é o fato de que a identidade cultural coreana e a identidade cultural japonesa são distintas, porém semelhantes. Antes e durante a ocupação colonial japonesa houve uma intersecção forte entre ambas as culturas, a tentativa de resistência cultural coreana durante a ocupação colonial resultou na preservação de parte da sua cultura tradicional.

Entretanto, é inegável que essa cultura foi remodelada, ao menos em parte, por conta das fortes imposições culturais provindas do Japão. Contudo, devido às desigualdades culturais persistentes nas duas culturas, ambos os povos não poderiam se tornar uma sociedade em comum, pois “A luta pela cultura comum implica então a luta por uma sociedade em comum, sem divisões de classes, e a oposição às formas correntes de desigualdade.” (Cevasco, 2003, p. 56).

A identidade passa a ser uma luta constante, uma faca de dois gumes, algo que interfere diretamente no convívio diário dos indivíduos que compõem tanto a sociedade em busca de sua definição de identidade quanto os indivíduos que tentam suprimir as características dessa identidade a ser definida. Bauman (2021), menciona sobre essa luta defensiva da identidade:

[...] a “identidade” parece um grito de guerra usado numa luta defensiva: um indivíduo contra o ataque de um grupo, um grupo menor e mais fraco (e por isso ameaçado) contra uma totalidade maior e mais dotada de recursos (e por isso ameaçadora).

[...] Pôde-se ver a faca da identidade brandida nas duas direções e cortando dos dois lados nos períodos de “construção nacional”: em defesa de línguas, memórias, costumes e hábitos locais, menores, contra “os da capital”, que promoviam a homogeneidade e exigiam a uniformidade [...] (Bauman, 2021, p. 82-83).

Assim, a busca pela identidade afeta ambos os lados comprometidos pelas trocas culturais. No caso dos japoneses, a tentativa para homogeneizar a cultura dos coreanos em favor de sua própria língua, costumes e outras características culturais nipônicas interferiu gravemente na formação da cultura presente na colônia. Visto que a cultura coreana e, conseqüentemente, a identidade cultural coreana sofreu grandes impactos da cultura japonesa.

[...] nos diz sobre a Coréia e o seu papel de pivô para a formação do Japão. Também é importante frisar que apesar das interações terem sido marcadas por conflitos territoriais em busca de poder e ou unificação de povos, assim como historicamente em outros continentes e épocas, grandes benefícios e desenvolvimentos culturais foram alcançados a partir desta interação, internacional, da época antiga entre essas nações-reino. (Ritzel, 2020, p. 18).

Em paralelo a isso, após o término da repressão cultural nipônica, os coreanos que passaram a residir no Japão também influenciaram a cultura japonesa. Assim, podemos refletir sobre o fato de que, por mais opressora que a cultura japonesa tenha sido, ela também foi influenciada pela cultura coreana. As relações culturais entre culturas distintas não são passíveis de impedimento, pois não importa o nível de repressão cultural da cultura dominante, ao longo da história sempre haverá espectros vivos da cultura que, supostamente, deveria ser dominada.

Como exemplo básico, podemos citar o uso do *Kimchi*, comida tradicional coreana, em residências japonesas. Se não fosse pela intercessão cultural entre ambos os países, intensificado nos últimos anos com a *Hallyu Wave* (onda coreana), o conhecimento sobre esse prato culinário coreano provavelmente não seria tão comum no Japão.

Inclusive, quando falamos sobre a identidade cultural, a questão da alimentação é um fator interessante para demarcar uma resistência cultural coreana em relação a imposição nipônica.

Em *Book de Wei* (2004), livro que conta a história do reino de Wei, podemos verificar uma menção aos povos do leste. Atualmente, chamamos esses referidos povos de coreanos. Segundo esse relato esses povos gostavam de beber, comer, dançar e cantar. Segundo Lozorio (2021), para Im Yun Jung, professora da Universidade de São Paulo (USP), a comida sempre esteve presente no cotidiano coreano como parte integrante da identidade desse povo.

Lozorio (2021) menciona que a cozinha é um espaço central para a preservação da identidade cultural, onde tradições, valores e costumes são mantidos vivos através do ato de

cozinhar. Mesmo em contextos de repressão, como a ocupação japonesa na Coreia, a cozinha funciona como um ambiente íntimo de resistência, permitindo que práticas culturais sejam transmitidas entre gerações. Segue-se o trecho:

A cozinha, enquanto espaço do cotidiano, é um lugar onde se reproduzem tradições, valores e costumes que fazem parte da identidade cultural. O ato de cozinhar, com suas técnicas, receitas e ingredientes específicos, é uma prática que conecta o presente ao passado e reforça as tradições de um grupo. Mesmo em períodos de repressão ou dominação cultural, como foi o caso dos coreanos durante a ocupação japonesa, a cozinha permanece um espaço íntimo e privado onde as práticas culturais podem ser preservadas e transmitidas entre gerações. (Lozorio, 2021, p.38).

Como citado no trecho acima, para os coreanos, a alimentação também foi utilizada como uma forma de resistência. A preservação da culinária, de um modo indireto, também preservou parte da cultura tradicional coreana. A cozinha, como sinônimo de acesso ao lar, se tornou também sinônimo de acesso à cultura familiar ancestral, ela conecta passado e presente, reforçando a memória coletiva de um povo.

A resistência cultural de uma nação, bem como a sua identidade, vai muito além do que se pensa. Desde assuntos complexos como a falta de inclusão dos *zainichi* em serem aceitos como japoneses até o fato de eles manterem aspectos culturais básicos como a culinária tradicional de seu país, são fatores que influenciam na identidade compartilhada desse grupo.

Inclusive, dentro da narrativa de *Pachinko*, Sunja passa a vender *Kimchi* para ajudar no sustento da casa. Principalmente após a prisão de Isak, quando os gastos na casa ficaram altos demais para que apenas o cunhado de Sunja, Yoseb, sustentasse a família toda com o seu salário de operário.

Seu primeiro dia de vendas foi uma semana depois da prisão de Isak. Após deixar a comida dele na prisão, Sunja se dirigiu para o mercado empurrando um carrinho de madeira com um grande pote de barro cheio de kimchi. O mercado aberto de Ikaino era um conjunto de tendas modestas onde eram vendidos artigos para o lar, tecidos, esteiras e aparelhos elétricos, e abrigava uma coleção de vendedores ambulantes como ela que vendiam tortas caseiras de cebolinha, sushi e pasta de soja. (Lee, 2018, p. 179).

Torna-se evidente que foi por meio da culinária cultural coreana que Sunja conseguiu ajudar no sustento da família. Assim como ela, outros vendedores também estão no mercado tentando ganhar o seu sustento. Ao vender o *Kimchi*, de modo inconsciente, Sunja também está introduzindo as características culturais de seu povo em uma outra cultura que, a princípio, não a recebe de uma boa maneira. Isso acontece com todos os tipos de inserções culturais, elas não são aceitas imediatamente.

Esse é um exemplo básico de mesclas culturais que ocorrem no cotidiano de uma sociedade em processo de multiculturalismo. Porém, em diversos casos os processos de interações culturais não são apenas básicos ou inofensivos. Ao longo da história, o hibridismo cultural foi fomentado por complexas situações agressivas ocasionadas por diferentes governos em busca de um maior poder político. A Coreia não escapa desses percalços.

A divisão da Coreia em duas nações – Coreia do Norte e Coreia do Sul – foi uma situação canalizadora para o surgimento de novas situações em que houvesse a possibilidade de distinções culturais entre regiões que antes eram unificadas sob a mesma cultura.

Influenciada pela dinâmica da Guerra Fria, a península coreana foi dividida ao longo do paralelo 38, com o Norte sob influência soviética e o Sul sob influência norte-americana. A partir dessa divisão geopolítica, cada lado passou a desenvolver modelos políticos e culturais distintos, moldados pelos regimes comunista e capitalista, o que contribuiu, posteriormente, para o surgimento de identidades nacionais diferentes.

Pretendemos realizar as discussões a respeito da identidade cultural coreana percorrendo sobre as maneiras em que os eventos históricos abordados no livro *Pachinko* foram os catalisadores responsáveis em modificar a cultura coreana e, conseqüentemente, a identidade de todo um povo.

3 CAPÍTULO 3

3.1 APRESENTAÇÃO DOS PERSONAGENS

A força do romance está na profundidade dos personagens e em como suas trajetórias representam temas como identidade, colonização, exclusão, resistência e pertencimento. Cada um dos personagens possui características próprias que contribuem, de modo individual e, em conjunto, para a construção da narrativa. Além disso, cada um dos personagens corresponde a um tema específico na trama, levando em consideração as suas respectivas necessidades e épocas geracionais.

Segundo Lima (2022), “o elo entre os tempos é forjado por Sunja, protagonista que passa de filha à mãe e de mãe à avó no decorrer das décadas”. Sunja é uma jovem coreana nascida durante a ocupação japonesa, ela é o coração pulsante de *Pachinko*. Sua vida, marcada por dificuldades, escolhas difíceis e resiliência, simboliza não apenas a trajetória de uma mulher coreana durante o século XX, mas também a história de um povo que enfrentou colonização, migração, preconceito e guerra.

Desde jovem, Sunja demonstra força e dignidade, mesmo diante da vergonha social. Ao engravidar de Hansu — um homem casado e envolvido com o crime — ela recusa sua proposta de ser sustentada como amante. Essa decisão inicial revela muito sobre sua personalidade: ela prefere a dificuldade com honra à segurança com humilhação. Essa atitude molda toda a trajetória da família Baek e define o tom ético da narrativa.

Ao se casar com Isak, um pastor doente que se compadece de sua situação, Sunja muda-se para o Japão. Lá, ela enfrenta um ambiente hostil e racista, onde os coreanos são vistos como inferiores. Mesmo nesse cenário, ela não se rende. Trabalha vendendo *kimchi* no mercado, sustenta os filhos e protege os que ama — sempre com uma postura firme, embora silenciosa.

Sunja representa a força feminina que sustenta as gerações, não pela grandiosidade, mas pelo sacrifício cotidiano. Ela não é heroína no sentido clássico, mas é a base que permite que outros — como Mozasu e Solomon — existam, mesmo que às custas de sua própria liberdade e bem-estar. Suas perdas (como a morte do filho Noa e do marido Isak) são profundas, mas ela continua. Essa persistência diante da dor é uma das grandes marcas da personagem.

No final da vida, Sunja carrega as cicatrizes da guerra, da pobreza e da discriminação, mas também os frutos de sua luta. Sua história é um testemunho do que significa resistir em silêncio — e ainda assim viver com dignidade, sem nunca deixar que o mundo a corrompa ou defina seu valor.

Hansu, o pai biológico de Noa, é um personagem ambíguo e complexo. Ele transita entre os mundos coreano e japonês, atuando como intermediário comercial e tendo laços com o crime organizado. Hansu representa o dilema do colonizado que busca sobreviver e prosperar dentro do sistema colonial, ainda que ao custo da identidade e da ética. Embora proteja Sunja e seu filho, sua influência é controladora e moralmente comprometida. Hansu simboliza o colonizado que “vence” no sistema, mas nunca é verdadeiramente aceito — uma figura marcada pela assimilação ambígua.

Isak, marido de Sunja, é o oposto de Hansu em termos de valores. Pastor protestante, Isak é um homem íntegro, idealista e sacrificial. Sua decisão de se casar com Sunja, mesmo sabendo de sua gravidez, é um gesto de compaixão e fé. Isak representa a força moral em tempos de opressão, e sua prisão e morte prematura expõem a fragilidade da bondade em meio à brutalidade do colonialismo. Ele também simboliza o papel da fé cristã como forma de resistência ética e espiritual dentro da diáspora coreana.

Noa, como já foi mencionado, é o filho de Sunja e Hansu, e talvez seja o personagem mais trágico da obra. Inteligente, sensível e esforçado, Noa luta para se inserir na sociedade japonesa. No entanto, como já dito, ao descobrir a verdadeira identidade de seu pai e compreender as raízes de sua marginalização, ele internaliza a vergonha e o preconceito a que foi submetido. Conforme demonstrado anteriormente, Noa é o retrato do colonialismo internalizado: um jovem que nega suas origens para tentar se integrar, mas que, mesmo assim, permanece estrangeiro. Sua decisão de se afastar da família e, posteriormente, tirar a própria vida, mostra os efeitos devastadores do racismo sistêmico e da rejeição identitária.

Mozasu, segundo filho de Sunja e Isak, segue um caminho oposto ao de Noa. Pragmático, ele enriquece administrando salões de *pachinko* — um ramo marginalizado, mas altamente lucrativo no Japão. Diferente do irmão, Noa, Mozasu aceita sua identidade coreana e, embora não busque aceitação dos japoneses, constrói uma vida sólida e digna em meio a eles. Ele representa uma forma de resistência prática, baseada na sobrevivência e no orgulho silencioso.

O filho de Mozasu, Solomon, é a nova geração — cosmopolita, bilíngue, educado no Ocidente, ambicioso. Inicialmente, acredita que pode vencer as barreiras sociais por meio do mérito e da educação. No entanto, ao se deparar com os limites impostos pela sociedade japonesa e pela persistência do preconceito, ele também é forçado a rever suas ilusões. Solomon representa a geração globalizada, que carrega cicatrizes invisíveis do colonialismo, mesmo quando parece ter superado as barreiras da marginalização. Assim, mesmo com todos

os seus atributos, Solomon enfrenta o mesmo preconceito e exclusão de seus avós, mostrando que o racismo estrutural persiste, mesmo quando disfarçado de meritocracia e modernidade.

Yoseb, irmão de Isak, é um personagem mais rígido, conservador e profundamente marcado pelas frustrações econômicas e sociais. Em seu esforço para manter a autoridade masculina e preservar os valores tradicionais, muitas vezes entra em conflito com Sunja, que desafia esses papéis ao assumir responsabilidades econômicas. Ainda assim, Yoseb não é vilanizado — ele encarna o sofrimento silencioso do homem que perdeu o controle do próprio destino em uma sociedade hostil aos coreanos.

Ao lado dele está Kyunghee, sua esposa, cuja doçura e sensibilidade contrastam com o ambiente opressor em que vive. Mesmo submetida ao silêncio esperado das mulheres de sua época, Kyunghee constrói uma forte relação de solidariedade com Sunja. Essa amizade revela o poder da sororidade como forma de resistência cotidiana frente ao patriarcado.

Yangjin, mãe de Sunja, representa a força silenciosa e resiliente da mulher coreana comum, marcada pelas dificuldades da história, mas profundamente ligada à sobrevivência da família. Sua trajetória é construída em torno de perdas, sacrifícios e escolhas difíceis, que revelam o impacto da colonização japonesa e da pobreza sobre a vida das mulheres.

Yangjin se torna viúva ainda jovem, pouco depois do nascimento de Sunja. A perda do marido, Hoonie, a obriga a manter sozinha a pensão familiar, enfrentando as dificuldades econômicas e o estigma social de ser uma mulher sozinha. Ela passa a representar um arquétipo de mãe que carrega o peso da estabilidade emocional e material da casa, mesmo sem muitos recursos. Segue-se um trecho da capacidade de resiliência de Yangjin ao encarar as adversidades da vida: “No inverno em que Sunja completou treze anos, Hoonie morreu de tuberculose. Em seu funeral, Yangjin e a filha estavam inconsoláveis. Na manhã seguinte, a jovem viúva se levantou da cama e voltou ao trabalho.” (Lee, 2020, p. 18).

Apesar de respeitar as tradições coreanas e manter uma visão moral rigorosa, Yangjin mostra-se pragmática. Quando Sunja fica grávida fora do casamento, ela não a expulsa nem a pune severamente, como talvez seria esperado em muitos contextos conservadores. Ao contrário, ela protege a filha e acolhe a proposta de casamento de Isak, mesmo sabendo que isso significava mandar Sunja para longe. Essa atitude demonstra sabedoria estratégica, priorizando a dignidade da filha e as possibilidades de futuro.

Mesmo com o deslocamento da família para o Japão, Yangjin permanece uma figura de estabilidade. Após anos sem ver a filha e sem conhecer os netos, é durante a Segunda Guerra Mundial que Yangjin é levada para o Japão por Hansu. Ela leva consigo os valores coreanos, a linguagem, a culinária e a religião, funcionando como uma ponte entre o passado

e o presente. Seu papel é essencial para preservar a identidade cultural da família, mesmo em solo estrangeiro.

Yangjin representa a geração mais antiga, ligada à terra natal, à tradição e à dignidade herdada da Coreia pré-colonial. Seu esforço silencioso e sua dedicação ao sustento da família fazem dela a base invisível sobre a qual tudo é construído.

Hoonie, pai de Sunja, é uma figura que aparece apenas no início da narrativa, mas sua importância simbólica atravessa toda a história da família. Nascido com deficiências físicas — uma perna deformada, um lábio leporino e um caminhar claudicante — Hoonie vive à margem de uma sociedade que valoriza fortemente a aparência e a força física. No entanto, sua vida é marcada por integridade, bondade e um senso profundo de responsabilidade, o que o torna uma das figuras mais respeitadas de sua comunidade.

Apesar de sua condição, Hoonie consegue se casar com Yangjin, não por status ou riqueza, mas porque sua reputação como um homem trabalhador e honesto fala mais alto do que suas limitações físicas. Essa união se torna o alicerce de uma pequena família, e a pensão que ele administra com a esposa será o primeiro espaço de estabilidade para a filha Sunja. Hoonie representa, assim, um tipo de masculinidade que se distancia da dominação ou da grandiosidade — ele é discreto, gentil e dedicado ao bem-estar dos outros. Sua figura contrasta diretamente com personagens como Hansu, cujo poder vem da manipulação e do envolvimento com estruturas corruptas.

A morte precoce de Hoonie, quando Sunja ainda é criança, marca uma transição significativa na narrativa. Sua ausência deixa Yangjin sozinha para sustentar a casa, exigindo que Sunja amadureça rapidamente. No entanto, a presença de Hoonie continua a ser sentida mesmo após sua morte. Ele é constantemente lembrado com respeito e saudade, e os valores que transmitiu — como a honestidade, a paciência e o trabalho silencioso — permanecem como herança moral para as gerações seguintes.

Mais do que um personagem coadjuvante, Hoonie simboliza os homens comuns que sustentam suas famílias e comunidades em tempos difíceis, muitas vezes invisíveis na história oficial. Ele é a raiz ética da narrativa de *Pachinko* — uma figura que, mesmo sem grandes feitos públicos, molda profundamente o caráter dos que vieram depois. Sua vida, marcada por humildade e dignidade, aponta para a força dos que resistem não com armas ou riqueza, mas com constância, cuidado e valores sólidos diante da adversidade.

Yumi, mãe de Solomon, é uma personagem que aparece de forma mais discreta em *Pachinko*, mas ainda assim carrega significados importantes para entender as transformações geracionais dentro da família Baek.

Ao contrário de Sunja, sua sogra, e de Kyunghee, que viveram sob a pressão direta da ocupação japonesa e dos traumas do exílio, Yumi representa uma mulher de uma geração posterior, que já vive em um Japão relativamente estabilizado economicamente e com maior abertura à vida urbana e moderna, porém ela também teve uma vida difícil, trabalhou por anos em uma indústria têxtil e perdeu a irmã caçula quando ainda era jovem. Yumi acaba falecendo ao ser atropelada por um taxista bêbado, nunca realizando o seu sonho de viver na Califórnia, até em sua morte ela demonstra o amor materno, pois “Várias testemunhas relataram que Yumi empurrou o filho para a calçada quando o táxi perdeu o controle” (Lee, 2020, p. 375).

Etsuko, madrastra de Solomon, é uma personagem que aparece já no Japão pós-guerra. Após a morte de Yumi, ela passa a ter um relacionamento com Mozasu. Essa personagem representa uma geração marcada pela reconstrução, por tensões identitárias e familiares. Mãe de Hana e ex- esposa de um homem ausente, ela vive um dilema entre suas responsabilidades e os conflitos emocionais não resolvidos, especialmente em relação à filha. Sua relação com Hana é tensa, permeada por distância afetiva e culpas, e reflete a dificuldade de muitas mães japonesas da época em equilibrar rigidez tradicional e afeto aberto.

Ao mesmo tempo, sua figura também nos faz pensar sobre a dificuldade de integrar plenamente as histórias de dor e deslocamento dos coreanos à sociedade nipônica. Como Etsuko é japonesa, mesmo por meio de seu relacionamento com Mozasu, ela nunca parece de fato pertencer àquela família ou compartilhar de suas lutas identitárias.

Etsuko também funciona como contraponto às mulheres coreanas da narrativa — enquanto Sunja e outras coreanas enfrentam a marginalização étnica, Etsuko lida mais com pressões sociais internas do Japão e com o peso das expectativas sobre as mulheres no pós-guerra. O seu relacionamento com Mozasu marca uma união interétnica que por si só carrega tensões sociais, ainda que mais veladas.

Hanako, ou apenas Hana, filha de Etsuko e enteada de Mozasu, é uma personagem intensa e complexa, marcada por rebeldia e autodestruição. Ela cresce sentindo abandono e instabilidade emocional, o que alimenta comportamentos impulsivos e uma busca constante por afeto e liberdade, muitas vezes em caminhos arriscados. Hana simboliza uma juventude que vive à margem, atravessada por feridas emocionais e pelo peso de relações familiares frágeis.

Sua trajetória, especialmente a relação intensa e ambivalente com Solomon, expõe temas como desejo, solidão e a dificuldade de encontrar pertencimento em um mundo dividido por barreiras culturais e expectativas sociais. Hana acaba falecendo após contrair AIDS, como o TAR (Tratamento antirretroviral) surge apenas em 1996 e Hana adquire a

doença em 1989, os médicos não podiam fazer nada além de diminuir a sua dor física, por isso, eles deixam claro que ela não terá muito tempo de vida.

Em conjunto, esses personagens compõem um retrato vívido da experiência coreana sob e após a dominação japonesa. Cada um, à sua maneira, revela as múltiplas estratégias de enfrentamento, negociação, assimilação e resistência diante da exclusão e da perda. *Pachinko* é, assim, uma história de sobrevivência, marcada por escolhas duras, amores sacrificados e identidades em constante disputa.

3.2 A FORÇA FEMININA FRENTE ÀS ADVERSIDADES EM *PACHINKO*

A força feminina em *Pachinko*, de Min Jin Lee, é um dos pilares centrais da narrativa e se manifesta de maneira contínua ao longo de gerações. O romance revela como as mulheres, muitas vezes invisibilizadas pelas estruturas patriarcais, sociais e coloniais, tornam-se as principais responsáveis pelo sustento das famílias, pela preservação da identidade e pela luta por dignidade em meio à opressão.

Durante o período da Ocupação japonesa na Coreia (1910–1945), o Império Japonês construiu um discurso ideológico que deslegitimava e inferiorizava a população coreana, moldando um imaginário colonial que justificava a dominação. Esse estigma persistiu mesmo após o deslocamento de coreanos para o Japão, especialmente para cidades como Osaka, onde passaram a enfrentar uma realidade marcada pela exclusão social, exploração econômica e forte discriminação étnica:

A discriminação, por outro lado, é o fruto das influências patriarcais e diferenças culturais, além do tradicionalismo familiar oriental que, de certa forma, são colocados como obstáculos no caminho da construção do protagonismo da mulher na obra. Por fim, tem-se a pobreza como o pontapé inicial das questões de opressão em relação ao lugar da mulher, uma vez que é essa pobreza que vai fazer com que essa mulher seja oprimida pelo simples fato de almejar o trabalho remunerado para auxiliar nas despesas da casa. (Santos, 2024, p.15).

Em *Pachinko*, a opressão das mulheres é apresentada como resultado de múltiplos fatores, incluindo discriminação de gênero, tradições patriarcais, diferenças culturais e pobreza. Essas barreiras estruturais limitam o protagonismo feminino e a autonomia das personagens, especialmente no contexto familiar e social.

No entanto, a obra evidencia a resiliência e a luta das mulheres, como Sunja e Kyunghee, que buscam sustentar suas famílias e construir dignidade mesmo diante das dificuldades impostas pelo colonialismo japonês e pelas condições econômicas adversas.

Assim, Min Jin Lee mostra como a força feminina se torna um instrumento de sobrevivência e transformação social, articulando resistência, trabalho e solidariedade em meio à opressão.

O trecho a seguir revela como esse imaginário afetava de modo ainda mais cruel as mulheres coreanas pobres, cuja vulnerabilidade era acentuada pelas barreiras culturais, linguísticas e de gênero — mas também destaca a força e a resiliência que garantiram, muitas vezes, a sobrevivência de suas famílias.

Na narrativa forjada pelo Império Japonês durante a Ocupação, a Coreia era representada como uma terra deteriorada, decadente e corrupta (ibid., p. 5), e este era o imaginário que estava por trás da hostilidade e do desprezo com que muitos coreanos se deparavam ao chegar em Osaka, passando a habitar bairros marginalizados, a ocupar funções subalternas e precariamente remuneradas e a ser expostos com ainda mais frequência à discriminação étnica e à degradação humana. Em um Japão já invadido pelo mundo ocidental e por muitos dos costumes que lhe caracterizavam, a mulher coreana pobre — que desembarcava na metrópole usando um *hanbok* (한복), sem saber falar japonês e na sombra do marido — seria, então, a figura vulnerável mais exemplar que se pode imaginar. No entanto, foi a capacidade de resiliência de mulheres como esta que, muitas vezes, assegurou a sobrevivência de toda uma família. (Lima, 2022, p. 15-16).

Desde Yangjin, que sofre perdas devastadoras e ainda assim continua a cuidar da filha com firmeza e esperança, até Sunja, a protagonista mencionada no trecho acima, que carrega o peso de uma gravidez fora do casamento, rejeita o conforto de uma vida fácil em troca da integridade, e enfrenta décadas de trabalho árduo para garantir a sobrevivência da família, *Pachinko* retrata mulheres que resistem não apenas às adversidades cotidianas, mas também à violência simbólica imposta pela colonização, pelo racismo e pelo machismo.

Essas personagens não possuem o privilégio da escolha plena, mas encontram formas de exercer suas influências mesmo nas situações mais restritas. Sua força está menos na transgressão aberta e mais na persistência, na capacidade de cuidar, sustentar e proteger — e isso se revela como uma forma de resistência cultural e política. Assim, o romance ressignifica o papel das mulheres na história coreana e na diáspora, apresentando-as como protagonistas silenciosas de grandes transformações, cujas contribuições são tão fundamentais quanto invisíveis aos olhos de uma história oficial dominada por figuras masculinas.

Assim, a narrativa é rodeada pela força feminina e pelas dificuldades que as mulheres enfrentam. Em *Pachinko* essa questão é destacada desde o início do livro, pois, entre os filhos de seus pais, a própria Sunja é a única menina e, também, a única que sobrevive após a primeira infância, segue-se o trecho:

Quando ficou sozinha com o recém-nascido, Yangjin delineou a boca do bebê com o dedo indicador e a beijou; nunca havia amado alguém como amava o filho. Quando tinha sete semanas de vida, ele morreu em decorrência de uma febre. O segundo

filho tinha o rosto perfeito e as pernas boas, mas teve diarreia e febre e também morreu antes da celebração de seu *baek-il*, quando o bebê completa cem dias de vida. Suas irmãs, que continuavam solteiras, culpavam sua pouca produção de leite e a aconselharam a procurar um xamã. Hoonie e os pais não aprovavam essa ideia, mas, quando engravidou do terceiro filho, ela foi procurá-lo sem dizer nada a eles. No entanto, na metade dessa gravidez sentiu-se mal e se resignou diante da possibilidade de que aquela criança também morresse. Perdeu-a para a varíola. [...] Por fim, Yangjin deu à luz Sunja, **sua quarta filha e a única mulher, e a menina sobreviveu**; até ela completar três anos, seus pais não dormiram uma noite inteira sem checar diversas vezes para ver se a pequena deitada a seu lado estava respirando. (Lee, 2020, p. 17-18, grifos nossos).

Esse trecho retrata, com delicadeza e dor, a trajetória de Yangjin marcada por perdas sucessivas e sofrimento físico e emocional — mas também revela, de forma profunda, a força feminina expressa na resiliência silenciosa das mulheres frente à adversidade.

Essa força não se traduz em heroísmo grandioso, mas sim em gestos cotidianos: buscar um xamã escondida, suportar o luto sucessivo, confiar na possibilidade da vida novamente, proteger Sunja com extrema vigilância. Yangjin representa uma forma de resistência que se constrói na intimidade da maternidade, na coragem silenciosa e no amor que persiste mesmo em meio à dor — e que, muitas vezes, é a base de sustentação de famílias e histórias inteiras.

Assim como sua mãe, ao longo da obra, Sunja é a personificação da resiliência feminina. Sua luta para sustentar a família, enfrentando discriminação, pobreza e perdas, revela a resistência cotidiana de mulheres que sustentam suas comunidades em silêncio. Segundo Lima (2022), cuja pesquisa também se desenvolve em torno de *Pachinko*, “A narrativa salienta o papel fundamental das mulheres para a sobrevivência de suas famílias, a despeito dos sofrimentos, dos riscos a que estavam expostas e das imposições da tradição patriarcal”. O sofrimento de Sunja nunca se transforma em passividade; ao contrário, ela constrói, protege e mantém vivas suas raízes coreanas, mesmo em um país que a rejeita.

No início da narrativa também há uma outra situação onde vemos uma menção sobre essa luta invisível e comum, compartilhada pelo sexo feminino, segue o trecho abaixo:

[...] Sunja-ya, a vida de uma mulher é trabalho e sofrimento sem fim. É sofrimento após sofrimento. É melhor se preparar, sabe. Você está se tornando uma mulher, então precisa aprender isto: o homem com quem se casar vai determinar sua qualidade de vida. Um bom homem vai lhe dar uma vida decente, já com um homem ruim você terá uma vida amaldiçoada... **Mas não importa o que aconteça, sempre espere sofrimento e continue trabalhando duro. Ninguém se preocupa com uma mulher pobre... a não ser nós mesmas.** (Lee, 2020, p.37, grifos nossos).

No excerto anterior vemos a perspectiva de uma mulher, segundo as próprias palavras de Min Jin Lee ao escrever a narrativa, uma *ajumma*¹⁴ (아줌마) que trabalha no mercado frequentado por Sunja. Conhecendo a menina desde a infância, a mulher mais velha se sente confiante em lhe dar um conselho sobre a vida.

A questão mais importante nesse caso é o conselho da mulher, pois não é algo que pode ser mudado, é um fato transmitido por gerações: As mulheres sofrem e não há possibilidade de mudar isso. O que pode ajudar uma mulher seria o homem com quem ela se casará e, talvez, Sunja tenha se lembrado desse conselho ao aceitar Isak como marido, pois ela repete constantemente sobre como Isak é bom. Contudo, apesar disso, ainda haverá algum sofrimento e, segundo a *ajumma*, as únicas pessoas que se preocupam com uma mulher pobre são as próprias mulheres.

Quando Isak é preso e Yoseb não tem condições de arcar com toda a despesa familiar sozinho, as duas mulheres, Sunja e Kyunghee, juntas, começam a preparação dos mantimentos, especialmente *Kimchi*, que serão vendidos por Sunja no mercado. Essa é a forma que elas encontram de ajudar na renda da família.

Então tinha que trabalhar. Ia se tornar vendedora ambulante. Uma coisa era uma mulher, como sua mãe, administrar uma pensão e trabalhar ao lado do marido para ganhar dinheiro, mas uma jovem ficar de pé em um mercado aberto e vender comida para desconhecidos gritando até ficar rouca, era completamente diferente. Yoseb tentou proibi-la de trabalhar, mas ela não podia obedecê-lo. Com lágrimas escorrendo pelo rosto, disse ao cunhado que Isak ia querer que ela ganhasse dinheiro para pagar pelos estudos dos meninos. Diante disso, Yoseb cedeu. No entanto, proibiu Kyunghee de trabalhar fora, e a esposa obedeceu. O marido permitiu que ela preparasse as conservas com Sunja, mas não que as vendesse. Yoseb não pôde protestar muito, porque a família precisava desesperadamente de dinheiro. De certa forma, as duas mulheres tentaram obedecê-lo em sua desobediência; não queriam magoá-lo desafiando-o, mas as demandas financeiras tinham se tornado grandes demais para que um homem se encarregasse delas sozinho. (Lee, 2020, p.179).

Nesse trecho vemos como as mulheres, mesmo diante das imposições patriarcais, assumem a responsabilidade prática pela sobrevivência da família. Sunja, desafiando abertamente a autoridade masculina de Yoseb, decide trabalhar como vendedora ambulante em um ambiente hostil e desgastante, rompendo com as expectativas tradicionais sobre o que seria “apropriado” para uma mulher.

¹⁴ “*Ajumma*” é um termo coreano que costuma designar mulheres casadas ou de meia-idade, derivado da palavra “*ajumeoni*” (아주머니). Embora muitas vezes seja traduzido como “tia”, essa tradução não implica, necessariamente, um vínculo familiar direto. Na sociedade sul-coreana, o vocábulo pode evocar características como força, resiliência e protagonismo tanto no âmbito familiar quanto comunitário, ainda que, por outro lado, também esteja associado a certos estereótipos negativos.

Ainda que emocionalmente abalada, ela age com firmeza e coragem, priorizando o bem-estar dos filhos acima da obediência passiva. Já Kyunghee, embora mais contida, também demonstra resistência silenciosa ao encontrar uma forma de colaborar com a produção sem confrontar abertamente o marido. Ambas revelam a força feminina não só pela ação direta, mas também pela capacidade de negociar, resistir e se adaptar às limitações impostas pelos homens, assumindo, com coragem e sensibilidade, o papel de sustentação da família.

Apesar disso, as duas seguem respeitando a posição de Yoseb na família. Essa questão revela uma nuance poderosa da força feminina retratada no trecho. Sunja e Kyunghee não enfrentam Yoseb com hostilidade ou desrespeito; ao contrário, demonstram empatia por sua posição e procuram preservar sua dignidade, mesmo ao contrariá-lo.

A força feminina aqui não se manifesta apenas na ação direta, mas também na delicadeza com que equilibram a resistência e o cuidado. Elas desobedecem por necessidade, não por rebeldia gratuita, e fazem isso de forma a minimizar o conflito. Essa postura evidencia um tipo de força que não é agressiva, mas profundamente estratégica e emocionalmente inteligente — elas protegem a família e, ao mesmo tempo, evitam desestabilizar a autoridade de Yoseb, que também está sob forte pressão. É um exemplo claro de como o poder feminino pode operar de forma sutil, mas decisiva.

As mulheres em *Pachinko* não apenas cuidam dos filhos ou da casa, mas também trabalham incansavelmente para garantir a sobrevivência da família. Seja vendendo comida no mercado, costurando ou trabalhando em pensões, elas enfrentam o preconceito e a violência social com determinação. Esse trabalho, muitas vezes invisível, revela sua importância como sustento econômico e afetivo em contextos opressores.

Personagens como Yangjin (mãe de Sunja) e a própria Sunja exercem um papel crucial na preservação da identidade coreana em território estrangeiro. Elas educam os filhos dentro de uma ética de trabalho, honra e sacrifício, mesmo enquanto enfrentam a assimilação forçada e a exclusão. As mulheres são as guardiãs da memória e das tradições, transmitindo sua história através da oralidade, da comida e dos rituais do cotidiano.

Um outro exemplo é Yumi, uma personagem que, embora apareça menos que Sunja, representa uma forma de força feminina que se equilibra entre afeto e pragmatismo. Ela entra na vida de Mozasu depois que ele já construiu uma certa estabilidade financeira, mas seu papel como mãe de Solomon e companheira mostra que sua força está em criar um ambiente de cuidado dentro de um mundo ainda hostil para os *zainichi*.

Yumi não é mostrada como uma militante ou rebelde, mas como alguém que compreende as realidades sociais e age dentro delas para proteger o que é seu. Como mãe, ela busca oferecer a Solomon o que muitas mulheres coreanas da geração anterior não puderam dar aos seus filhos: conforto, segurança material e um senso de pertencimento. Como foi mencionado no subcapítulo referente à análise dos personagens, Yumi literalmente se sacrifica para proteger o filho.

A proteção emocional, porém, não elimina o conflito — Solomon, ao crescer, terá que enfrentar as mesmas barreiras de preconceito que marcaram as gerações anteriores. Sua força é discreta, doméstica, mas estratégica: ela mantém a harmonia familiar, sustenta emocionalmente Mozasu e ajuda a dar ao filho uma base sólida para enfrentar o futuro. Nesse sentido, Yumi se conecta à tradição de personagens femininas de *Pachinko* que resistem não pela confrontação aberta, mas pelo cuidado persistente e pela criação de um lar onde os seus possam se fortalecer.

Etsuko também expõe uma forma de força feminina que não se define apenas pela resistência silenciosa, mas pela coragem de romper com padrões profundamente arraigados. Japonesa, ela viveu um casamento abusivo e infeliz, preso às expectativas sociais do pós-guerra, que ditavam à mulher o papel de “boa esposa” e cuidadora submissa. Ao decidir se separar, Etsuko não apenas desafiou esse ideal, mas também arriscou sua segurança social e financeira para recomeçar a vida sozinha.

A força de Etsuko se revela em sua autonomia, ela se torna dona de um restaurante e demonstra a capacidade de escolher um caminho próprio mesmo diante do estigma, Etsuko também possui uma relação de solidariedade que constrói com outras mulheres, como Sunja e Kyunghee. Essas relações não se limitam à amizade; são redes de suporte e sobrevivência, onde se compartilham dores, conselhos e estratégias para enfrentar um mundo hostil.

Além disso, Etsuko é uma personagem complexa, marcada por culpa, dilemas maternos e decisões ambíguas. Min Jin Lee a retrata com nuances que mostram que a resiliência não significa ausência de fragilidade; pelo contrário, é justamente na coexistência entre vulnerabilidade e perseverança que se encontra a sua força. Por meio dela vemos a figura de uma mãe que sabe a pressão que esse status exerce:

Ser mãe era o que a definia mais do que qualquer outra coisa: mais do que ser filha, esposa, mulher divorciada, namorada ou dona de um restaurante. Ela não tinha se saído bem, mas era quem ela era, e isso a havia mudado para sempre. Desde o momento em que Tatsuo nasceu, ela vivia cheia de tristeza e insegurança, porque sabia que nunca seria boa o bastante. Mesmo que tivesse fracassado, ser mãe era uma condição eterna, uma parte de sua vida que não terminaria nem com a morte. (Lee, 2020, p.437).

Assim, Etsuko amplia o retrato da força feminina em *Pachinko*, revelando que resistir não é apenas suportar, mas também ousar reescrever o próprio destino. Ao mencionar que “ser mãe é uma condição eterna e não terminaria nem com a morte” ela relata novamente uma força feminina que atravessa décadas e gerações, o instinto materno.

Hana, filha de Etsuko, representa um tipo de força feminina mais inquieta, marcada pela rebeldia contra as expectativas e normas que limitam sua autonomia. Filha de Etsuko, ela cresce num ambiente de instabilidade familiar e tensão identitária, mas recusa-se a se encaixar no papel de “boa filha” ou de mulher obediente que a sociedade japonesa patriarcal impunha.

Sua força se manifesta, antes de tudo, na recusa ao conformismo. Hana desafia regras, foge de casa, vive relacionamentos à sua maneira e busca experiências que lhe deem a sensação de controle sobre a própria vida, mesmo que isso a coloque em situações arriscadas. Ela encarna uma resistência que não é silenciosa ou discreta — é barulhenta, desafiadora e, muitas vezes, autodestrutiva. Ainda assim, essa rebeldia é um ato de afirmação diante de um mundo que a tenta reduzir a um papel pré-determinado.

A trajetória de Hana também revela um lado vulnerável: suas escolhas a levam a enfrentar doenças, isolamento e julgamentos severos. No entanto, mesmo nos momentos de fragilidade, ela mantém uma postura de quem não se deixa domesticar por completo. Sua força, portanto, não está em “vencer” no sentido convencional, mas em viver segundo seus próprios termos, por mais dolorosas que sejam as consequências.

Min Jin Lee constrói Hana como um contraponto às mulheres que resistem por meio da adaptação e do silêncio. Em vez de se moldar ao que é esperado, Hana opta pela insubmissão — e essa escolha, embora marcada por riscos e perdas, expõe outra face da força feminina: aquela que prefere arriscar-se à perda de si mesma.

Enquanto Etsuko resiste adaptando-se de modo estratégico, Hana resiste confrontando diretamente. A mãe mantém a força pela estabilidade que constrói; a filha, pela recusa a abrir mão da própria liberdade. As duas, no entanto, compartilham algo essencial: a insistência em viver de acordo com seus próprios termos, ainda que por caminhos opostos. Min Jin Lee, ao colocá-las lado a lado, mostra que a força feminina não é única nem uniforme — ela pode se expressar tanto no silêncio calculado quanto na rebeldia aberta, e ambas têm o mesmo valor no ato de afirmar a própria identidade.

Um outro ponto a se destacar nesse trabalho é o fato de Hana possuir uma profunda consciência a respeito do funcionamento da sociedade tradicional japonesa. Vemos a respeito disso no trecho seguinte:

O Japão nunca vai mudar. Os *gaijin* nunca vão se integrar e, meu querido, aqui você sempre será um *gaijin*, nunca um japonês. Nee? Os *zainichi* não podem deixar o país, nee? Mas não é só você. No Japão, pessoas como minha mãe nunca serão aceitas na sociedade, pessoas como eu nunca serão aceitas. E nós somos japonesas! Eu estou doente. Peguei de um cara japonês que era dono de uma empresa de exportação. Ele morreu. Mas ninguém se importa. Nem mesmo os médicos, que querem apenas que eu morra logo. Então ouça, Solomon, você deve ficar aqui e não voltar para os Estados Unidos, e deve assumir os negócios do seu pai. Ficar tão rico que possa fazer o que quiser. Mas, meu querido Solomon, eles nunca vão nos aceitar. Entende o que quero dizer? [...] (Lee, 2020, p.508-509).

No trecho, Hana revela uma consciência aguda e amarga sobre a barreira estrutural e social que impede a plena aceitação dos *zainichi* no Japão, mesmo para aqueles que já nasceram lá ou têm cidadania japonesa.

Ela não fala apenas de Solomon, mas amplia o entendimento para incluir todos os estrangeiros, descendentes e, até mesmo, os próprios japoneses, deixando claro que o preconceito não é circunstancial, mas profundamente enraizado na mentalidade e na organização social japonesa.

Quando diz "No Japão, pessoas como minha mãe e eu nunca serão aceitas [...] E nós somos japonesas!", Hana expõe a contradição de um sistema que nega pertencimento e identidade não apenas em relação a critérios étnicos e históricos, mas também em relação a segregar o seu próprio povo devido a escolhas que não são consideradas corretas sob a perspectiva dessa sociedade. A própria cultura de Hana e de Etsuko, ambas japonesas, as segregam da sociedade que sempre pertenceram, "A cultura, mais do que a herança genética, determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações." (Laraia, 2015, p. 48).

A fala de Hana também carrega uma dimensão de resignação: ela não propõe mudar o Japão, mas sim adaptar-se a ele — no caso de Solomon, através do acúmulo de poder e dinheiro como forma de criar espaços de liberdade dentro de uma sociedade que o rejeita. Ao mencionar sua doença, adquirida de um japonês e ignorada pelos médicos, Hana denuncia a indiferença institucional e o racismo que atravessa até o campo da saúde, colocando sua própria vida como prova de que, para a sociedade, ela é descartável.

Assim, a consciência de Hana é dolorosamente lúcida: ela reconhece que a exclusão dos coreanos no Japão não é apenas uma questão de opinião individual, mas um sistema de não-aceitação permanente, ela também reconhece que mesmo os japoneses podem ser excluídos de sua própria sociedade, e o máximo que se pode fazer contra isso, na sua visão, é sobreviver e encontrar meios de existir à margem.

Esse trecho é central para entender não apenas a dor pessoal de Hana, mas também como Pachinko articula a questão da força feminina e da identidade cultural no contexto das mulheres *zainichi*.

Quando Hana diz “O Japão nunca vai mudar”, ela verbaliza o que muitas personagens femininas no romance sentem, mas nem sempre expressam de forma tão direta: o peso de viver em uma sociedade que insiste em marginalizá-las, não importa o quanto se esforcem para se “encaixar”. Ela reconhece que, por conta de sua doença (AIDS) está presa num espaço de não pertencimento — não é e nunca mais será plenamente aceita pelo Japão.

Ao se chamar de “doente”, Hana expõe duas camadas de vulnerabilidade: Física — ligada à sua doença (HIV/AIDS), que a fragiliza e a coloca à margem e Social e simbólica — ela internaliza o preconceito que sofre, adotando o discurso estigmatizante que a sociedade lança sobre mulheres como ela, especialmente quando associadas à sexualidade e à prostituição.

A relação de Hana com a força feminina em Pachinko é paradoxal. Por um lado, ela é frágil, instável e autodestrutiva; por outro, há uma coragem crua na forma como enfrenta sua condição, mesmo que por meio da provocação e da ironia. Ela não se submete silenciosamente ao papel que a sociedade quer lhe impor — sua fala, embora marcada pelo desespero, também é uma forma de resistência.

Em termos de identidade cultural, Hana encarna a ruptura. Enquanto personagens como Sunja constroem sua força na resiliência silenciosa e na preservação da família, Hana expressa a força na recusa — recusa de se conformar, de pedir desculpas por existir ou de negar sua própria vivência marginalizada.

Assim, essa cena mostra que, em *Pachinko*, a força feminina não é sempre sinônimo de superação heroica; às vezes, ela se manifesta na raiva, na franqueza dolorosa e na capacidade de nomear a própria condição, mesmo que isso venha acompanhado de autodestruição. Hana, nesse sentido, é um contraponto necessário às formas mais “aceitáveis” de resistência feminina no romance.

Sendo assim, a sensibilidade da narrativa está profundamente ligada às experiências emocionais das personagens femininas. O amor de mãe, o luto, o orgulho ferido, os silêncios — tudo isso é explorado com delicadeza. As perdas sucessivas (como a morte dos filhos ou a separação forçada de entes queridos) não quebram essas mulheres, mas as fortalecem. A dor é vivida como parte da condição de ser mulher em um mundo que constantemente as marginaliza.

Enquanto muitos dos personagens masculinos lutam com as pressões sociais, o orgulho e a perda de *status*, as mulheres demonstram uma capacidade maior de adaptação, sacrifício e visão coletiva. Elas são menos movidas pela honra pessoal e mais pelo cuidado com a comunidade familiar, o que faz delas figuras de estabilidade em tempos de crise.

Na narrativa de *Pachinko*, Sunja é uma das personagens que mais mantém a sua identidade cultural. Ela é uma personagem central cuja vida atravessa o período de dominação japonesa sobre a Coreia, Sunja passa por uma migração forçada, mas necessária. Ela representa o esforço contínuo de sobrevivência em uma terra estrangeira. Sua trajetória é profundamente marcada pela experiência de perda e, ao mesmo tempo, pela reconstrução da identidade cultural coreana. Segundo Lima (2022), tanto Sunja quanto as outras mulheres que permeiam a narrativa de *Pachinko* são extremamente importantes para a resiliência da família em terra estrangeira, segue-se o trecho:

Já a força de Sunja, em específico, e das mulheres coreanas de *Pachinko*, em geral, é evidenciada pela resiliência que permite a sobrevivência de toda uma família em um contexto em que os homens, entendidos como seres de domínio e agentes no mundo pela visão patriarcal, são ausentes. Os maridos retratados no romance tornam-se, ao longo do tempo, pessoas em quem as esposas não podem se apoiar ou a quem não podem confiar a subsistência de seus filhos. Na Coreia, o pai de Sunja morre cedo, e é Yangjin, sua mãe, que trabalha para alimentar a filha e manter a hospedaria simples herdada da família de Hoonie. No Japão, durante os anos de prisão do pastor Baek Isak e após a sua morte, Sunja passa a trabalhar arduamente no mercado aberto, vendendo doces e kimchi, e na cozinha de um restaurante, a fim garantir o sustento e o estudo de Noa e Mozasu, seus filhos. O cunhado Baek Yoseb, casado com Kyunghee, sempre dizia que “dinheiro e negócios eram assuntos de homem” (LEE, 2020, p. 190) e que as esposas deveriam ser obedientes, cuidar da casa para seus maridos e jamais trabalhar, no entanto, foram as mulheres que: (a) pagaram suas dívidas vendendo um relógio que Hanse havia entregado a Sunja antes do fim do relacionamento; (b) trabalharam ainda mais para sobreviver quando Yoseb ficou inválido após sofrer queimaduras graves tentando se proteger dos bombardeios em Nagasaki. (Lima, 2022, p. 21).

Em um cenário de desestruturação familiar, ausência masculina e marginalização social, as mulheres — especialmente figuras como Yangjin, Sunja e Kyunghee — assumem o papel de sustentação material, afetiva e simbólica da comunidade familiar.

Ao se recusarem a ceder à fragilidade imposta socialmente às mulheres e ao assumirem responsabilidades que ultrapassam os limites do lar tradicional, essas personagens redefinem a noção de força e liderança, não como domínio ou imposição, mas como cuidado, resistência e continuidade. O trabalho árduo, como o de Sunja vendendo comida coreana nas ruas do Japão, carrega também o sentido de manutenção da cultura e das memórias coletivas, tornando-se uma forma silenciosa de resistência frente à assimilação cultural forçada.

Nesse sentido, a responsabilidade das mulheres não se limita apenas à sobrevivência prática da família, mas se estende à preservação das tradições coreanas em terra estrangeira, à transmissão de valores para as gerações futuras e à recusa em se deixar apagar pela lógica imperialista que tenta moldá-las à imagem do colonizador. É por meio da força dessas mulheres que se constrói uma ponte entre passado e futuro, entre opressão e dignidade — uma ponte sustentada por trabalho, afeto e memória.

3.3 O MITO DA SUPREMACIA JAPONESA E SUA RELAÇÃO COM O COLONIALISMO

Quando mencionamos o colonialismo japonês devemos destacar que essa prática colonial não segue os mesmos padrões do colonialismo europeu. O colonialismo europeu sempre foi voltado para a conquista de povos e etnias cujas características culturais e nacionais eram extremamente diferentes. Como exemplo podemos citar o fato de que grande parte dos países africanos foi colonizada por europeus. Havia na época um pensamento, obviamente errôneo, de uma supremacia branca, portanto, os colonizados eram de outras etnias.¹⁵

Entretanto, isso não ocorreu em relação à expansão colonial japonesa. Os japoneses iniciaram as tentativas de expansão de seu território para os territórios vizinhos, ou seja, as tentativas de ocupação colonial japonesa aconteceram em países próximos como Coreia, China, Manchúria, entre outros.

Segundo Mark R. Peattie, no capítulo "The Japanese Colonial Empire, 1895–1945", publicado na *Cambridge History of Japan*, encontramos uma afirmação muito relevante: O surgimento do Japão como potência colonial foi um fenômeno atípico na história do imperialismo moderno, explicável apenas a partir de seu contexto histórico e geográfico específico e dos acontecimentos globais da segunda metade do século XIX.

Formado no auge do chamado “novo imperialismo”, o domínio colonial japonês tomou, em grande medida, como referência os modelos de impérios tropicais das potências europeias. Ainda assim, por ser o único império não ocidental da era moderna, apresentou características singulares que o diferenciavam substancialmente de seus correspondentes europeus, em condições pouco prováveis de serem repetidas em outros contextos.

¹⁵ Segundo o autor Albert Memmi (2007), o colonizador europeu via a si mesmo como superior, um ser civilizado, racional e moderno. Em contrapartida, ao colonizado eram atribuídas características de atraso, inferioridade ou até incapacidade de autogoverno. Essa lógica de superioridade cultural e racial legitimava, aos olhos dos europeus, a própria prática colonial.

Logo, mesmo que o império japonês tenha se baseado no padrão de colonialismo europeu, especialmente no imperialismo da Inglaterra para com o Egito, o caso do colonialismo japonês é uma situação curiosamente diferente.

O Japão se utilizou de um colonialismo relativamente complexo. Diferentemente do colonialismo imposto pelos europeus para com os africanos (branco/negro), o colonialismo japonês se constituiu de uma relação de asiáticos para com asiáticos (amarelo/amarelo). Tendo em vista esse fator, o colonialismo japonês, obviamente, não possui as mesmas implicações que o colonialismo europeu.

Os europeus geralmente viam seus impérios coloniais como propriedades distantes, enquanto o Japão via suas colônias como extensões do próprio país, queriam que taiwaneses e coreanos, por exemplo, se tornassem "bons japoneses", ainda que nunca fossem tratados como iguais.

Um outro ponto é que o Japão promovia o discurso de libertação da Ásia do imperialismo branco, mas na prática substituíu a dominação europeia por sua própria dominação, o que gerava muita revolta entre os povos ocupados.

O Japão passou a tentar uma iniciativa de pan-asiatismo, uma ideologia criada no século XIX e que ganhou força no início do século XX. A ideia central era de que os povos asiáticos devem se unir para resistir ao imperialismo e ao colonialismo europeu e americano. Assim, “Os japoneses se utilizaram de discursos como o orientalismo e o pan-asiatismo para expandir a sua influência no cenário internacional e impor a sua dominação na Ásia [...]”. (Anraku, 2024, p.108).

Na prática, quando o Japão adotou o pan-asiatismo, ele usou essa ideia como uma justificativa para dominar outros países asiáticos. O discurso era de "libertar", mas o objetivo real era substituir o domínio europeu pelo domínio japonês. Em *Pachinko*, podemos analisar a presença dessa ideologia nas ideias do patrão de Yoseb, Shimamura, segue-se o trecho:

O capataz, Yoseb, não gostava de punir as garotas, e Shimamura encarava isso como mais um exemplo da fraqueza coreana. O dono da fábrica acreditava que, se todos os países asiáticos fossem administrados com a eficiência, a atenção aos detalhes e o alto nível de organização dos japoneses, a Ásia como um todo prosperaria e cresceria, tornando-se capaz até mesmo de derrotar o imoral Ocidente. Shimamura se considerava uma pessoa justa, com um coração mole demais, o que explicava por que contratava estrangeiros quando muitos de seus amigos não o faziam. Quando apontavam a natureza desleixada dos estrangeiros, Shimamura argumentava que eles nunca iam aprender se os japoneses não os ensinassem a repudiar a incompetência e a preguiça. Ele acreditava que era preciso manter alguns padrões pelo bem da posteridade. (Lee, 2020, p.257).

No trecho, a lógica do pan-asiatismo aparece com clareza. Shimamura acredita que os outros países asiáticos só prosperariam se fossem administrados com os mesmos padrões japoneses de eficiência e organização. Isso evidencia o mito da supremacia japonesa, no qual o Japão se vê como a nação mais avançada, disciplinada e moralmente superior da Ásia, sendo a única capaz de conduzir os demais ao progresso.

A ideia de que os coreanos são naturalmente desleixados ou preguiçosos, e que cabe aos japoneses ensiná-los, reforça uma postura colonialista travestida de benevolência. Shimamura se vê como "justo", e sua contratação de estrangeiros seria um ato de generosidade — mas apenas dentro de um projeto de assimilação, onde os coreanos devem abandonar suas características culturais para adotar os "altos padrões" japoneses.

Essa narrativa legitima o domínio japonês ao posicionar os coreanos como inferiores e dependentes da tutela japonesa, consolidando, portanto, a lógica racial e civilizatória que sustentava o imperialismo nipônico sob o discurso pan-asiático. Ao mesmo tempo em que proclama a unidade da Ásia contra o Ocidente, o Japão reitera sua superioridade dentro da própria Ásia, estabelecendo uma hierarquia onde ele ocupa o topo.

A colonização japonesa foi de fato realizada sob a influência da colonização europeia, porém a característica que a determina como uma colonização fora do comum foi justamente essa perspectiva de uma dominação colonial sobre colonizados cuja etnia é a mesma de seus colonizadores. Afinal, tanto o Japão quanto os seus colonizados são asiáticos. Segundo Queiroz (2024), o Japão foi um país imperialista colonizador de seus vizinhos. Assim, nota-se uma distinção em relação ao padrão europeu de colônia cuja opressão se dava aos países considerados totalmente distintos em termos étnicos, enquanto o Japão oprimia e colonizava os seus semelhantes culturais.

Indiretamente, esse fato implica na percepção de que a sociedade japonesa, especialmente a família imperial, considerava a sua importância social e cultural maior do que os outros países do meio asiático. Vemos isso ao longo de algumas leituras, como *Japanese Culture*, de Varley (2000) e *Geopolítica E Determinismo Geográfico No Japão Contemporâneo*, de Karla de Queiroz (2024).

Podemos analisar que, muito provavelmente, essa característica intrínseca se deve em especial ao mito de criação da sociedade japonesa, o qual relata sobre a superioridade da nação nipônica em relação às outras devido a crença desse povo na linhagem imperial ser descendente de *Amaterasu*, uma deusa xintoísta. O trecho abaixo relata sobre essa crença:

O xintoísmo é o conjunto de religiões locais, de natureza animista, significando que fenômenos da natureza podem ser deuses, ou *kami*, e é a religião que legitima o

imperador do Japão e deu aos japoneses um imaginário de povo escolhido. Xintoísmo é meramente o nome que se dá a todo o conjunto variado de religiões antigas que povo japonês alimenta desde antes de serem um Estado. Os japoneses acreditavam ser descendentes de *Amaterasu*, *kami* do Sol, e principal deusa desse conjunto, e o imperador é o principal descendente direto, de natureza divina. Daí os japoneses tem como consequências o Ato de Nacionalidade (que começa determinando o *jus sanguinis*: para que alguém seja considerado japonês ao nascer, é preciso que um dos pais seja japonês) e a crença de sua pureza como povo (puramente ilusória, pois há muito tempo eles se miscigenaram com os antepassados dos coreanos e dos chineses). (Queiroz, 2024, p.7, grifos nossos).

Logo, essa concepção sustentou políticas como o Ato de Nacionalidade, baseado no *jus sanguinis*¹⁶, e funcionou como instrumento ideológico, assim como o discurso europeu de “civilização” e “salvação”, para justificar práticas de dominação. No contexto do Japão militarizado e governado por um regime de caráter fascista, o imperador e seu governo controlavam rigidamente imprensa, educação, cultura e religião, promovendo censura e alimentando a alienação da sociedade japonesa em relação a outros povos asiáticos. Dessa forma, a maior hipótese é de que a religião xintoísta foi utilizada pela família imperial para justificar os seus atos¹⁷. Afinal, o mito é “[...] capaz de revelar o pensamento de uma sociedade, a sua concepção da existência e das relações que os homens devem manter entre si e com o mundo que os cerca.” (Rocha, 1985, p.12).

Retornando ao mito, em resumo, conta-se sobre a deusa sol xintoísta, *Amaterasu*. Para os japoneses essa deusa nasceu do olho esquerdo de *Izanagi*, que é um deus primordial, bem como a sua consorte, *Izanami*. Segundo a tradição, *Amaterasu* foi responsável pela criação de outras divindades e pela criação das ilhas japonesas. Para a sociedade tradicional japonesa, *Amaterasu* é a ascendente direta da família real, sendo relacionada frequentemente à linhagem imperial nipônica.

Essa associação, nesse caso, é uma maneira de discorrer sobre a importância da família real, ocorre como uma forma de explicar a realidade, pois “não são só os povos ‘primitivos’ que elaboram mitos, a consciência mítica persiste em todos os tempos e culturas como componente indissociável da maneira de compreender a realidade.” (Aranha; Martins, 2003, p.72).

¹⁶ No *jus sanguinis* (“direito de sangue”), a nacionalidade não é determinada pelo local de nascimento (*jus soli*), mas sim pela ascendência. No Japão, isso significa que, historicamente, apenas filhos de pais japoneses podiam ser considerados cidadãos japoneses, independentemente de nascerem no território japonês.

¹⁷ Deve-se destacar que, nesse ponto, estamos relatando sobre o xintoísmo estatal e não apenas o religioso. O xintoísmo estatal (国家神道, Kokka Shintō) foi a forma institucional e ideologicamente organizada do xintoísmo que o governo japonês promoveu principalmente entre a Restauração Meiji (1868) e o final da Segunda Guerra Mundial (1945).

Ele não era apenas uma religião, mas uma ferramenta política para unificar o país em torno da figura do imperador, visto como descendente direto da deusa solar *Amaterasu*, e reforçar a ideia de que o Japão tinha uma missão divina no mundo.

Amaterasu também atua como uma mediadora entre o mundo dos deuses e dos humanos. Segundo a tradição, ela possui fortes implicações políticas e religiosas para os japoneses. *Amaterasu* demonstra a ligação entre a família imperial e o divino, garantindo em seu papel a estabilidade e prosperidade da nação. Em seu trabalho, Varley (2000), menciona a importância de *Amaterasu*:

Amaterasu, a deusa do sol, é talvez a divindade mais importante do xintoísmo. Ela é considerada a progenitora da família imperial e desempenha um papel central na legitimação mitológica e política da soberania japonesa. [...] Seu status divino como progenitora da família imperial vincula a autoridade religiosa ao poder político, reforçando a ideia de que o imperador é um descendente direto dos deuses¹⁸. (Varley, 2000, p. 22, tradução nossa).

O governo japonês se utilizou dessa narrativa como forma de controle de poder até o fim da segunda guerra, quando foi obrigado pelos Estados Unidos a negar a divindade da figura imperial. Afinal, é nesse momento histórico, após a rendição do Japão, que o imperador japonês da época, *Hirohito*¹⁹, é influenciado e pressionado pelos aliados a renunciar formalmente a posição da família imperial em relação à descendência divina. Dessa forma, é a partir desse momento que a ideia da suposta genealogia imperial divina cai por terra.

A concepção dessa perspectiva social em que o imperador é um ser descendente do divino é uma das prováveis causas da ideia de supremacia japonesa, pois, ao afirmar serem descendentes da suposta deusa criadora do mundo, isso indiretamente implica em algo relacionado a concepção de que essa nação seria melhor do que as outras, seria a superior, aquela que foi escolhida não por humanos, mas por deuses.

Obviamente, isso favoreceu a mentalidade dos japoneses na confiança em si mesmos, especialmente em relação a acreditarem possuir a capacidade e, inclusive, o direito de assumirem o controle de diversas nações. A mitologia torna-se útil como um meio de controle social:

Pois, a mitologia, quando submetida a um escrutínio que considere não o que é, mas o modo como funciona, o modo pelo qual serviu à humanidade no passado e pode servir hoje, revela-se tão sensível quanto a própria vida às obsessões e exigências do indivíduo, da raça e da época. (Campbell, 1995, p.192)

¹⁸ No original: “*Amaterasu, the sun goddess, is perhaps the most important deity in Shinto. She is considered the progenitor of the imperial family and plays a central role in both the mythological and political legitimation of Japanese sovereignty.[...] Her divine status as the progenitor of the imperial family links religious authority to political power, reinforcing the idea that the emperor is a direct descendant of the gods.*” (Varley, 2000. p. 22).

¹⁹ O imperador Hirohito (1901–1989) foi o 124º imperador do Japão, reinando de 1926 até sua morte. Ele liderou o país durante períodos cruciais, como a expansão militar japonesa, a Segunda Guerra Mundial e a reconstrução do pós-guerra.

Assim, a mitologia e a mentalidade de superioridade se reforçam mutuamente. A confiança dos japoneses em sua capacidade e direito de dominar outras nações é sustentada pelo uso da mitologia como instrumento de alienação e controle social, legitimando atitudes e valores coletivos e moldando a visão de mundo de acordo com as obsessões e exigências da época, como observa Campbell.

Dessa forma, o colonialismo japonês vai ganhando confiança, aumentando a sua força opressora e expandindo o seu império. Ao decorrer dessa imposição cultural, a identidade nacional coreana vai sendo reprimida.

O império japonês inicia nesta ocupação a imposição de suas características culturais às nações que colonizou. Logo, os colonizados acabam com um grande comprometimento cultural em relação à cultura imposta pelo colonizador.

Nesse caso, a imposição de características culturais evidencia como o colonizador busca apagar ou substituir as expressões culturais locais. Essa lógica é reforçada por Fanon, que afirma que, sob a dominação, a cultura nacional é sistematicamente combatida e forçada à clandestinidade:

A situação colonial detém, em sua quase totalidade, a cultura nacional. [...] A cultura nacional é, sob a dominação cultural, uma cultura contestada e cuja destruição é empreendida de maneira sistemática. Muito rapidamente, é uma cultura condenada à clandestinidade. (Fanon, p. 238, 2022).

Assim, estabelece-se uma conexão direta: a colonização não apenas submete politicamente, mas também atua de forma violenta sobre a identidade cultural dos povos dominados, tentando apagá-la ou subordiná-la à cultura do opressor.

A ocupação japonesa tentou, de forma sistemática, apagar a memória e a identidade nacional da Coreia para fortalecer o domínio do império. O objetivo era destruir a identidade nacional coreana e integrar completamente o povo coreano à cultura imperial japonesa, mesmo que o tratamento entre os povos continuasse diferente.

Desse modo, a cultura coreana foi empurrada para a clandestinidade, ela sobreviveu em segredo, nas famílias, nas pequenas práticas escondidas do olhar colonial, a cultura coreana sobreviveu dentro da resistência.

3.4 A PERDA DA IDENTIDADE CULTURAL COREANA

O livro 1 de *Pachinko* corresponde aos acontecimentos históricos mencionados ocorridos entre os anos de 1910 até 1933, sendo os mais importantes para essa pesquisa:

Livro I Gohyang/ Cidade Natal 1910-1933	Ocupação Colonial Japonesa 1910-1945	Movimento Samil 1919	Grande Depressão 1929	Invasão da Manchúria 1931
--	---	----------------------------	-----------------------------	---------------------------------

Ao longo da narrativa, observamos as dificuldades e esperanças de cada geração ao desejar uma melhoria de vida para os seus descendentes. Essa melhora acontece apenas para a última geração mencionada no livro e, só ocorre após duras penas.

No primeiro livro, *Gohyang/Cidade Natal* (1910-1933), observamos o início da ocupação colonial japonesa na Coreia. O governo japonês cobra impostos altíssimos e, por esse motivo, diversos coreanos vendem ou cedem as suas terras para pagá-los.

Neste ponto do livro, temos a história de um casal que possui uma pensão, eles são os donos do negócio, mas não do lugar. Com a ocupação colonial o aluguel sobe e o casal passa a dormir no vestibulo para deixar o seu quarto livre e, assim, aumentar o número de hóspedes. A vida dos civis vai se tornando cada vez mais difícil, como podemos observar no seguinte trecho:

[...] como acontece sempre que um país sofre um golpe dos seus rivais ou da natureza, os fracos (os velhos, as viúvas e os órfãos) estavam mais desesperados do que nunca na península colonizada. Para cada lar que podia alimentar mais uma pessoa, havia multidões dispostas a trabalhar um dia inteiro em troca de uma tigela de grãos de cevada. (Lee, 2020, p. 13).

Esse período foi de grande importância para a história coreana, pois é uma época em que as dificuldades de vida do povo se elevaram a níveis catastróficos. Já nas primeiras páginas de *Pachinko* podemos confirmar esse fato, pois apesar de todas as dificuldades, o povo coreano luta para contornar os obstáculos impostos em suas vidas e, em meio às divergências, sobrevive. Observamos o trecho a seguir:

Em 1910, quando Hoonie [pai de Sunja] tinha vinte e sete anos, o Japão anexou a Coreia. O pescador e a mulher, que eram parcimoniosos e muito trabalhadores, decidiram viver à margem dos aristocratas incompetentes e governantes corruptos do país, que tinham entregado a nação aos ladrões. Quando o aluguel da casa voltou a subir, o casal deixou o próprio quarto e passou a dormir no vestibulo junto à cozinha para aumentar o número de hóspedes. (Lee, 2020, p. 11-12, acréscimo nosso).

Como é visto no trecho acima, os coreanos tiveram de se adaptar às exigências feitas pelo governo japonês, no caso, especialmente em relação à cobrança de impostos, os quais continuavam a aumentar e o povo tinha cada vez mais dificuldade para pagar.

Além disso, a identidade cultural e, conseqüentemente, a identidade individual coreana sofreu diversos impactos. Chegou ao ponto de o povo coreano não poder utilizar nomes em

*hangul*²⁰ em seus registros, sendo permitido apenas nomes japoneses. Como vemos no seguinte trecho:

[...] Devido às exigências do governo colonial, era normal que os coreanos tivessem dois ou três sobrenomes, mas na Coreia ela [Sunja] praticamente não usava o tsume japonês que aparecia em seus documentos de identidade (Junko Kaneda), porque não frequentava a escola e não tinha nenhuma relação com instituições oficiais. O sobrenome de nascimento de Sunja era Kim, mas no Japão, onde as mulheres adotavam o nome de família do marido, ela era Sunja Baek, que se traduzia como Sunja Boku, e em seus documentos de identidade seu tsume agora era Junko Bando. Quando os coreanos tiveram que escolher um sobrenome japonês, o pai de Isak escolheu Bando porque soava como a palavra coreana ban-deh, que significa “objeção”, o que tornava seu sobrenome japonês obrigatório uma espécie de piada [...] (Lee, 2020, p. 142, acréscimo nosso).

As consequências dos atritos mencionados em *Pachinko* a respeito dessa identidade cultural, em especial à ocupação japonesa, são mantidas por gerações. Ao retirar o nome de origem coreana, os japoneses deram a cartada final na negação de uma identidade cultural propriamente centrada neste grupo. Como as identidades também estão vinculadas às condições sociais e materiais, o fato de os coreanos terem sido obrigados a utilizar outro nome não foi de grande ajuda em relação a essas condições.

Afinal, esse grupo étnico continuou a passar por discriminações: sob a perspectiva das condições materiais, os coreanos e seus descendentes eram impossibilitados de ter passaporte japonês, comprar imóveis e, inclusive, conseguir um emprego, isso perdurou até o final dos anos 1989. Assim, “A identidade está vinculada *também* a condições *sociais e materiais*. Se um grupo é simbolicamente marcado como o inimigo ou como tabu, isso terá efeitos reais porque o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais [...]” (Silva, 2000, p. 14).

Dentro da narrativa, a cultura coreana é constantemente pressionada e desvalorizada pelo domínio japonês, refletindo um comportamento etnocêntrico. As imposições nipônicas tratam as tradições, a língua e os costumes coreanos como inferiores ou impróprios, forçando os personagens a se adaptarem a padrões japoneses para sobreviver.

No que concerne à cultura, as imposições nipônicas foram um grande exemplo de comportamento etnocêntrico, pois “Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais”. (Laraia, 2015, p.74). Essa dinâmica evidencia como a cultura coreana é marginalizada e julgada negativamente,

²⁰ *Hangul* - É o nome do alfabeto coreano, conhecido como *hangul* na Coreia do Sul (em coreano: 한글, em hanja: 韓契) e *Chosŏn'gŭl* na Coreia do Norte (em coreano: 조선글), foi criado pelo Rei Sejong, o Grande, em 1443 e utilizado por ambas as Coreias até os dias atuais.

tornando-se alvo de preconceito institucionalizado e social, conforme o conceito de etnocentrismo citado.

Mesmo que os coreanos não pudessem opinar ou se manifestar contra a prática de mudança dos nomes e sobrenomes, vemos em *Pachinko* que alguns coreanos escolheram sobrenomes que zombavam da imposição japonesa. Essa pequena resistência já demonstrava certo grau de insatisfação do povo em relação ao imperialismo japonês.

Devemos lembrar que em meio a esses acontecimentos históricos importantes para a sociedade coreana e asiática de modo geral, ocorreram, de modo paralelo, eventos de importância global: como a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) que não é mencionada de modo direto no livro, mas indiretamente também afetou o cotidiano do povo. Durante a Primeira Grande Guerra, o Japão se manteve do lado dos aliados e foi um importante protetor das rotas marítimas asiáticas. Por conta desses motivos, a fama japonesa no ocidente começa, aos poucos, a crescer.

Enquanto isso, os coreanos estavam cada vez mais revoltados com a submissão que eram forçados a demonstrar perante os japoneses e com as boas graças que os nipônicos recebiam do ocidente. Assim, em 1919, logo após o término da Primeira Guerra Mundial, explode na Coreia o Movimento Samil, ou Movimento Primeiro de Março. Esse movimento foi basicamente uma grande manifestação nacionalista contra o imperialismo japonês que ocorreu na Praça Pagoda na capital coreana, durante a manifestação houve a participação de líderes religiosos cristãos, cheondoistas e budistas. Logo, “Enquanto o imperialismo ampliava a sua abrangência e profundidade, a resistência nas próprias colônias também crescia.” (Said, 1999, p. 281).

Mesmo na narrativa há uma menção acerca do Movimento Samil e de como muitos líderes da manifestação eram cristãos:

Isak era jovem e doente demais para participar do Movimento pela Independência do Primeiro de Março, mas muitos de seus organizadores haviam se formado no mesmo seminário que ele, em Pyongyang. Vários dos professores do seminário marcharam em 1919. (Lee, 2020, p. 121).

O trecho evidencia como o cristianismo na Coreia, especialmente através de instituições como os seminários, teve um papel ativo na luta pela independência. Muitos líderes cristãos, formados em espaços de ensino religioso, participaram diretamente do Movimento de 1º de Março de 1919. Essa conexão revela que, além de sua função espiritual, as comunidades cristãs serviam como centros de formação intelectual e articulação política,

contribuindo para a organização e a propagação das ideias nacionalistas contra o domínio japonês.

Durante a manifestação foi lida a Declaração de Independência, escrita pelo poeta Choe Nam-Seon, essa declaração ainda é uma grande referência para o nacionalismo coreano. O movimento ecoou pela Coreia e mais rebeliões foram acontecendo, das quais foram consideradas subversivas pelo Japão. As próprias consequências do Movimento Samil foram catastróficas.

[...] Dias depois, as manifestações pelo país ganharam ares violentos, e as autoridades japonesas resolveram agir de maneira brutal. Mobilizando a polícia, o *kenpeitai* e o exército, foram usados rifles e espadas durante semanas contra os considerados subversivos. Ao todo, cerca de 7500 pessoas morreram, 15 mil feridos e mais de 46 mil presas e torturadas. Centenas de casas, igrejas e escolas foram incendiadas. Em 15 de abril, a população de uma aldeia perto de Suwon foi massacrada dentro de uma igreja local pelas autoridades japonesas. As notícias aterradoras, no entanto, não chegaram a impactar na imprensa internacional, pois muitos países ocidentais não assumiram posição crítica diante de um aliado nos esforços da Primeira Guerra Mundial, o Japão. (Macedo, 2018, p. 158).

Assim, movimentos de resistência coreanos foram tratados com extrema violência. Uma manifestação pacífica por independência, foi respondida com repressão brutal, resultando em milhares de mortes e prisões. O Estado japonês não buscava apenas conter revoltas, ele buscava intimidar e silenciar.

Em virtude dos fatos apresentados podemos afirmar que os japoneses defensores dos valores coloniais nipônicos eram extremamente cruéis com os coreanos. Durante esse período, em todos os assuntos referentes à independência coreana, nenhum governo externo ocidental se manifestou ou tomou partido da situação coreana.

Obviamente, como é dito no trecho de Macedo, isso se deve ao fato de que esses países estavam em uma posição crítica em relação a um dos aliados durante a Primeira Guerra Mundial, o Japão.

O Japão estabeleceu um regime policial brutal na Coreia, proibindo manifestações culturais coreanas, suprimindo a língua coreana e controlando rigidamente a educação, a mídia e os espaços públicos. Tudo isso visava apagar a identidade coreana e impor uma identidade japonesa, como acontece em diversos casos entre colonizador e colônia.

Em *Pachinko*, Samoel, irmão de Baek Isak, morre durante esse movimento. A maior parte da população não queria se envolver com assuntos relacionados à política, tanto pela luta em relação à independência quanto aos assuntos pró-japoneses, o risco era grande e a morte do irmão de Isak, por meio da ficção, retrata isso. A seguir veremos dois trechos de

Pachinko que demonstram esse ponto, o primeiro é uma conversa entre a mãe de Sunja, Yangjin, e Isak, e o segundo uma reflexão de Yoseb acerca do ativismo pró-Coreia:

Meu marido dizia que os cristãos não são más pessoas. Alguns foram patriotas que lutaram pela independência. Não é?

— Sim, meus professores no seminário em Pyongyang lutaram pela independência. Meu irmão mais velho morreu em 1919.

— O senhor também está envolvido com política? — Ela parecia preocupada. Hoonie tinha lhe dito que deviam evitar alojar ativistas, porque podia ser perigoso.

— Como seu irmão?

— Meu irmão Samoel era pastor. Ele me levou a Cristo. Meu irmão era um homem brilhante. Destemido e generoso. Yangjin assentiu. Hoonie desejava a independência da Coreia, mas acreditava que a prioridade de um homem devia ser o bem-estar da família.

— Meu marido não queria que seguissemos ninguém: nem Jesus, nem Buda, nem um imperador, nem mesmo um líder coreano.

— Eu compreendo. De verdade.

— Há tantas coisas horríveis acontecendo.

— Deus controla todas as coisas, mesmo que não compreendamos suas razões. Às vezes eu também não aprovo seus desígnios. É frustrante. (Lee, 2020, p. 70).

[...] — A polícia militar vai torturá-lo até você se render ou morrer — continuou Yoseb. — E sua saúde, Isak... Precisa ter cuidado para não ficar doente de novo. Testemunhei a prisão de alguns homens. Não é como em nosso país. Os juízes aqui são japoneses. Os policiais são japoneses. As leis não são claras. E nem sempre dá para confiar nos coreanos desses grupos que lutam pela independência. Há espiões que trabalham para ambos os lados. Há espiões nos grupos de discussão de poesia e também nas igrejas. No fim das contas, todos os ativistas são apanhados como fruta madura caída da mesma árvore estúpida e são forçados a assinar uma confissão. Está entendendo? [...]

— Yobo, você se preocupa demais. Isak não vai se envolver com essas coisas. Não vamos estragar a primeira noite deles. Yoseb concordou, mas era difícil controlar a ansiedade e parecia necessário advertir o irmão para dissipar parte daquela preocupação, ainda que isso o fizesse soar histérico. Yoseb se lembrava de como a vida era boa antes da chegada dos japoneses, pois tinha dez anos quando o país foi colonizado, mas mesmo assim não fora capaz de fazer o que seu irmão mais velho, Samoel, fizera com tanta valentia: lutar e morrer como um mártir. Protestar era para homens jovens sem família. (Lee, 2020, p. 121-122).

Podemos observar pelo excerto acima que a mãe de Sunja sente receio de como será a vida de sua filha ao se casar com Isak. O pai de Sunja sempre a aconselhava a não seguir ninguém, simplesmente ter uma religião já era arriscado. O fato de haver um grande teor religioso na obra, que pode ser observado pelos nomes de algumas personagens, também influencia nessa pesquisa. Afinal, a religião, especialmente a cristã, é o que motiva diversas atitudes e ações das personagens durante o livro, como o casamento do pastor Isak com Sunja, uma moça solteira e grávida.

Ambos os trechos retratam o medo e a resignação diante da repressão japonesa. No excerto de Yoseb, ele expressa a consciência do perigo que qualquer envolvimento político implicava: prisões arbitrárias, torturas, espiões infiltrados até em espaços considerados seguros, como igrejas, e a ausência de justiça imparcial. Essa atmosfera de vigilância e

ameaça constante explica por que, grande parte da população evitava se envolver com a luta pela independência ou com causas pró-japonesas — o custo pessoal era alto demais. A morte do irmão de Isak e de Yoseb como mártir reforça, de forma ficcional, a dimensão trágica dessa escolha: o heroísmo tinha um preço que muitos não podiam ou não queriam pagar, optando pela sobrevivência ao invés do engajamento direto.

Assim, observamos como essa religião influenciou o modo de pensar e agir dos coreanos, temas como o livre arbítrio e a liberdade do povo foram úteis para os discursos dos nacionalistas coreanos. Consequentemente, o cristianismo também influenciou na identidade cultural desta nação. Veremos mais sobre esse assunto ao longo da pesquisa, em especial no quarto capítulo.

Cerca de dez anos após o Movimento Samil, em 1929, surge a Grande Depressão que apesar de ter ocorrido nos Estados Unidos oscilou a economia mundial. O Japão estava envolvido com projetos globais que buscavam uma modernidade cada vez maior, devido a essa crise na bolsa de valores a economia japonesa foi agravada. Como consequência, o governo japonês passou a defender o fascismo militar e a expansão para a China.

Desde que o governo japonês matou o senhor da guerra da Manchúria, em 1928, o exército japonês passou a expandir a sua dominação sobre esse país. Enfim, em 1931, eclode a invasão da Manchúria pelo Japão. Nesse momento histórico, os coreanos continuam sofrendo com as altas taxas dos impostos, com a guerra ao lado do seu território e com as decisões tomadas pela metrópole japonesa.

A colonização japonesa apropriou diversos recursos da Coreia. Agricultores coreanos perderam suas terras; trabalhadores foram explorados em condições desumanas. As coreanas sofrem ainda mais, pois é nesse momento que os japoneses levam as mulheres da colônia para se tornarem mulheres de consolo do exército japonês durante a guerra.

Essas mulheres foram forçadas a servir como “mulheres de conforto”²¹, ou seja, escravas sexuais para o exército japonês, um dos episódios mais dolorosos e emblemáticos da desumanização colonial. Afinal, “O caso das “mulheres de conforto” coreanas constitui o maior exemplo da exploração vivida pelo povo coreano durante o período da chamada Dominação Japonesa.” (Parrilha, 2022, p.7).

²¹Durante a Segunda Guerra mundial o termo: “Mulheres de conforto” ou “mulheres de alívio” foi um eufemismo utilizado para designar mulheres forçadas à prostituição e escravidão sexual em bordéis militares japoneses. Grande parte dessas mulheres foram retiradas das colônias japonesas, a maioria eram mulheres coreanas e muitas delas nunca mais retornaram para a casa.

Um país colonizador não apenas "tira coisas" do colonizado, ele desestrutura uma existência inteira. Assim, o Japão não usufruiu apenas dos recursos naturais e econômicos da península coreana, mas também dos "recursos humanos".

Desse modo, como outros eventos históricos de importância mundial também dificultaram a vida na península vemos no trecho abaixo como tanto a Grande Depressão quanto a Invasão da Manchúria prejudicaram o povo coreano:

O inverno que sucedeu a invasão da Manchúria pelo Japão foi difícil. Rajadas de vento cortante atravessavam a pequena pensão, e as mulheres precisaram enfiar algodão entre as camadas de roupa. Durante as refeições, os hóspedes, repetindo o que ouviam no mercado dos homens que sabiam ler os jornais, diziam que aquilo se chamava Depressão e estava assolando o mundo inteiro. Os americanos pobres passavam tanta fome quanto os russos pobres e os chineses pobres. Em nome do imperador, até os japoneses estavam enfrentando privações. Os prudentes e fortes, não havia dúvida, sobreviveriam àquele inverno, mas as notícias vergonhosas eram frequentes demais: crianças que iam dormir e não acordavam, meninas que vendiam sua inocência por uma tigela de macarrão e idosos que se recolhiam para morrer sozinhos a fim de que os mais novos pudessem comer. (Lee, 2020, p. 19).

Todos os trechos narrativos mencionados neste subcapítulo foram retirados de *Pachinko*, apesar de constituírem um romance de ficção, são baseados em fatos históricos e nos levam a refletir sobre como os eventos mencionados até o momento foram catastróficos para a população coreana.

Sabemos que a Primeira Guerra Mundial e a Grande Depressão tiveram consequências negativas para o mundo. Porém, para os coreanos, a situação teve outros percalços. Afinal, esse povo já estava sofrendo com as políticas japonesas presentes na ocupação colonial e, mesmo com essas dificuldades, também enfrentaram as questões relativas aos obstáculos mundiais decorrentes das últimas décadas. Foi, em especial, nesse período que a identidade cultural coreana foi fortemente reprimida pelos japoneses imperiais.

É necessário mencionar que Sunja cresce na Coreia em meio a ocupação colonial japonesa; portanto, como vimos em trechos anteriores, até mesmo o seu nome é confiscado. Logo, é um fato que todos os coreanos nascidos e crescidos no mesmo período histórico que Sunja também tiveram seus nomes modificados para serem aceitos dentro do padrão japonês. Essa questão é de grande relevância para a perda da identidade cultural dos coreanos.

Em 1933, Sunja vai para o Japão com o marido Isak, ambos buscam uma vida melhor para a família, pois com a Coreia sendo colônia japonesa, os coreanos não possuem oportunidades dignas de estudo ou trabalho. A partir desse momento, a família se torna *Zainichi*. Na metrópole japonesa, a situação dos coreanos é tão ruim quanto na Coreia e essa diáspora coreana também contribui para a perda da identidade cultural desse povo.

Mesmo que a identidade cultural desse grupo tenha sido reordenada, esses coreanos formaram comunidades próprias e mantiveram, ao menos em parte, sua identidade cultural, mesmo enfrentando forte discriminação social, exclusão institucional e dificuldades de integração.

A diáspora coreana no Japão é uma das mais antigas comunidades de imigrantes no país, mas ainda enfrenta desafios relacionados à identidade, pertencimento e cidadania, mesmo após várias gerações. Ao mesmo tempo, ela é marcada por uma rica produção cultural, resistência política e contínua luta por reconhecimento e igualdade.

Ademais, outros acontecimentos históricos surgem para desestabilizar o imperialismo nipônico. Na segunda seção do romance, temos um salto temporal de seis anos, ainda assim, o segundo livro também aborda eventos históricos conflituosos. Como vemos na tabela abaixo:

Livro II Pátria Mãe 1939-1962	Ocupação Colonial Japonesa 1910-1945	Segunda Guerra Sino-Japonesa 1937-1945	Segunda Guerra Mundial 1939-1945	Guerra da Coreia 1950-1953
--	---	--	--	-------------------------------

Neste momento, continuaremos refletindo e argumentando sobre as diversas trocas culturais, essencialmente impostas, que ocorreram na Coreia devido aos eventos mencionados no quadro acima. Um dado importante é o fato de que a Segunda Guerra Mundial, a Segunda Guerra Sino-Japonesa e a Ocupação Colonial Japonesa na Coreia terminaram em 1945.

Obviamente isso não é uma coincidência, o Japão sofreu com a alta demanda de homens enviados para o auxílio no controle colonial, para a Guerra Sino-Japonesa e para a Segunda Guerra Mundial. Logo, durante esse período, as forças japonesas estavam se enfraquecendo cada vez mais e, como consequência, os cofres também.

Portanto, após a rendição do imperador japonês *Hirohito* para as forças aliadas, o Japão perde a sua influência e o seu poder. A Coreia pode enfim começar a aspirar a sua tão sonhada independência. Assim, o governador-geral japonês na Coreia, Endo Ryusaku²² (1886-1963), entra em contato com forças nacionalistas coreanas. Devemos lembrar que os movimentos nacionalistas coreanos nunca pararam totalmente, mesmo com a forte repressão japonesa.

²² Endō Ryūsaku foi um Governador-Geral japonês da Coreia, atuando no final do período colonial. Como governador, ele representava a autoridade imperial japonesa, responsável por administrar o território e implementar políticas que reforçavam a dominação sobre a Coreia. Durante seu governo, como era comum nessa função, houve repressão política e esforços para acelerar a assimilação cultural forçada dos coreanos — parte do projeto japonês de apagar a identidade nacional coreana.

Enfim, o líder nacionalista Yo Unhyong²³ coloca como condição a plena independência coreana e, em troca, Yo promete não dissolver a estrutura da administração do Governo Geral e controlar a retaliação que o governo japonês poderia vir a receber dos coreanos. Yo organiza um comitê convidando todas as lideranças nacionalistas do país, sem distinção entre as diferenças ideológicas. No norte coreano, o governador busca um nacionalista cristão, Cho Man-sik²⁴, a fim de realizar outro comitê para buscar a conciliação na região.

Em *Pachinko*, a família de Sunja no Japão fica cada vez mais preocupada com as notícias relacionadas à Coreia, especialmente pelo fato de que os pais de Isak e a mãe de Sunja continuam na península. O ódio e o preconceito dos japoneses em relação aos coreanos aumenta durante esse período, pois de um modo irracional, alguns japoneses associam a perda da influência e do poder de seu país com a iminente independência coreana.

A força do Japão durante esse período histórico denotava, para a sociedade asiática da época, uma soberania desse povo. Assim, quando essa suposta soberania cai por terra após as perdas ocorridas durante as guerras mencionadas do livro II de *Pachinko*, os japoneses expressam sua frustração nos imigrantes que passam a ser ainda mais maltratados.

Durante o período pós-guerra, o Japão não ofereceu cidadania automática a esses residentes, e até hoje muitos *Zainichi* mantêm um status legal ambíguo. Eles criaram escolas, associações e instituições para preservar sua língua e cultura, embora isso também tenha gerado tensões políticas, especialmente entre os que se identificavam com a Coreia do Norte (*Chongryon*²⁵) e os que apoiavam a Coreia do Sul (*Mindan*²⁶).

Dentro da narrativa, os filhos de Sunja e Isak, que já sofriam *bullying* na escola por serem filhos de coreanos, estão cada vez mais confusos em relação à sua própria identidade e cultura. Apesar de terem nascido no Japão, eles não são considerados japoneses por serem filhos de coreanos e na Coreia eles não são considerados coreanos por terem nascido no Japão.

²³ Yo Unhyong (1886–1947) foi um importante líder nacionalista coreano. Ele lutou pela independência da Coreia, primeiro contra a ocupação japonesa e depois tentou unificar o país após a libertação em 1945.

²⁴ Cho Man-sik (1883–1950?) foi um importante líder nacionalista e cristão coreano. Ele se destacou na resistência não violenta contra a ocupação japonesa, inspirado por princípios cristãos e pelo nacionalismo. Cho liderou movimentos de boicote a produtos japoneses e foi uma figura central no movimento de independência da Coreia.

²⁵ *Chongryon* é uma associação de residentes coreanos no Japão cujos princípios e valores políticos possuem laços estreitos com a Coreia do Norte.

²⁶ *Mindan* é a outra organização de residentes coreanos no Japão, nesse caso os princípios e os valores políticos dessa organização possuem laços voltados para a Coreia do Sul. *Mindan* é a organização com mais filiados coreanos no Japão.

[...] o processo pelo qual os coreanos foram posicionados na sociedade japonesa no pós-guerra foi surpreendentemente eficiente em termos de exclusão total. Em 1947, todos os residentes não-japoneses no Japão passaram a ser sujeitos ao registro de *alien*²⁷ (estrangeiro), como oposição ao registro de residência. Os coreanos perderam a identidade de residência e seus registros foram transferidos para o registro de estrangeiros (RYANG; LIE, 2009). Pouco antes da proclamação da nova constituição japonesa de 1947, o último decreto do imperador de Showa (1926-1989) determinou que todos os coreanos no Japão perderiam sua afiliação nacional ao Japão. (Ritzel, 2020, p. 28).

Obviamente, essa dificuldade na identificação nacional e cultural dos filhos de Sunja se deve às consequências dos eventos históricos mencionados anteriormente, especialmente em relação à ocupação colonial japonesa. Apesar da família ter emigrado imaginando que seus filhos teriam condições de vida melhores em comparação com a vida na Coreia da época, a situação tornou-se ainda pior:

[...] os *zainichi* viveram no Japão do pós-guerra com uma luta contínua pela reconciliação de identidade e uma luta pelo reconhecimento como cidadãos “plenos” do Japão. Como antigos súditos coloniais vivendo na antiga metrópole imperial, eles foram tratados como um legado indesejável das ambições imperiais do Japão durante a guerra. Combinando influências, como as noções onipresentes de identidade nacional japonesa homogênea e ligações indivisíveis feitas entre a nacionalidade japonesa e a etnia, [os japoneses] conseguiram marginalizar os *zainichi*. (Chapman, 2008, p. 11, tradução nossa).²⁸

Como vemos no excerto, a distinção dos coreanos conduziu a uma ideologia de segregação. É interessante destacar que esses povos possuem características semelhantes entre si e, durante a narrativa de *Pachinko*, vemos que se em um primeiro momento, muitos japoneses não conseguiam diferenciar o seu próprio grupo étnico dos coreanos.

Porém, o preconceito e a discriminação começavam assim que a descoberta acontecia. Portanto, podemos dizer que essa diferenciação sobre a identidade é algo produzido em nosso meio social: “[...] Somos nós que a fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais.” (Silva, 2000, p. 76).

²⁷ Sobre nacionalidade, cidadania e o conceito de estrangeiro nos termos legislativos, McDougal, Chen e Lasswell observaram que a referência do rótulo genérico “alien” não é para um grupo estático isolado, mas potencialmente para toda a humanidade. Todo indivíduo é um “alien” em potencial em relação à todos os estados dos quais não é nacional; na medida em que ele se move e se engaja em atividades além das fronteiras do estado, essa potencialidade se torna uma realidade. (MCDUGAL et al, 1978, p. 433).

²⁸ No original: “[...] for the most part *zainichi* have lived in post-war Japan with a continual struggle for reconciliation of identity and a fight for recognition as ‘full’ citizens of Japan. As past colonial subjects living in the former Imperial metropolis, they have been treated as an unwelcome legacy of Japan’s wartime Imperial ambitions. Compounding influences such as the ubiquitous notions of homogeneous Japanese national identity and indivisible links made between Japanese nationality and ethnicity have been successful in marginalizing the *zainichi*.”

Deve-se considerar que ao realizar a dominação colonial os colonizadores tentaram retirar a identidade, portanto, tentam retirar as características culturais do povo colonizado e, conseqüentemente, o que os qualifica como nação.

Fanon (2022, p. 237) discorre sobre como essa dominação colonial se reflete em uma obliteração cultural, segue-se o trecho:

A dominação colonial, por ser total e simplificadora, fez de tudo para deslocar de modo espetacular a existência cultural do povo submetido. A negação da realidade nacional, as novas relações jurídicas introduzidas pela potência ocupante, o afastamento para a periferia, pela sociedade colonial, dos nativos e seus costumes, a expropriação, a sujeição sistematizada de homens e mulheres tornam possível essa obliteração cultural.

Esse trecho descreve de forma contundente os efeitos profundos e violentos da dominação colonial sobre os povos colonizados, especialmente no que diz respeito à sua identidade cultural e nacional. A colonização não se limita à ocupação física e econômica de um território. Ela busca apagar, de forma sistemática e intencional, a cultura, a história e os modos de vida do povo dominado:

Com o tempo, a cultura vem a ser associada, muitas vezes de forma agressiva, à nação ou ao Estado ; isso “nos” diferencia “deles”, quase sempre com algum grau de xenofobia. A cultura, neste sentido, é uma fonte de identidade, e aliás bastante combativa, como vemos em recentes “retornos” à cultura e à tradição. (Said, 1995, p. 11).

No caso da Coreia sob domínio japonês, a repressão da língua, das tradições e das manifestações culturais não era apenas uma estratégia administrativa, mas uma forma deliberada de quebrar os vínculos identitários que uniam o povo coreano. Isso se alinha ao que Said (1995) observa: quando a cultura é associada diretamente à nação ou ao Estado, ela passa a funcionar como um marcador de fronteira — o “nós” contra “eles”.

Ao impor novas leis, reorganizar a sociedade segundo os interesses do colonizador e marginalizar os nativos social e politicamente, a potência ocupante desestabiliza e enfraquece as estruturas culturais que sustentavam aquele povo.

A “negação da realidade nacional” citada no trecho de Fanon se refere à tentativa de apagar qualquer senso de soberania ou orgulho cultural do povo colonizado. Dessa forma, o povo terá a impressão de ser um povo inferior ou sem valor fora do contexto do domínio estrangeiro. Já o “afastamento para a periferia” mostra como os colonizados são empurrados para as margens da sociedade, privados de acesso a recursos, direitos e protagonismo, exatamente como é visto em *Pachinko*. A “expropriação” trata da perda das terras, riquezas e autonomia, enquanto a “sujeição sistematizada” indica que a opressão não é aleatória, mas planejada e sustentada por todo um sistema político e social.

Um trecho do romance *Pachinko* que ilustra de forma clara a obliteração cultural sofrida pelos coreanos no Japão, aparece quando a personagem Noa, filho de imigrantes coreanos, descobre que sua ascendência o condena a uma vida de marginalização, mesmo sendo educado, fluente em japonês e vivendo como um “nativo” em aparência. Podemos averiguar esses fatos pelos trechos abaixo:

[...] Noa parecia uma criança japonesa de classe média que morava em uma parte mais rica da cidade, sem nenhuma semelhança com as crianças sujas do gueto do lado de fora da porta de sua casa. [...] Como todas as crianças, Noa tinha segredos, mas os seus não eram segredos comuns. Na escola, preferia usar o nome japonês, Nobuo Boku, em vez de Noa Baek, embora todos em sua turma soubessem que ele era coreano por causa do sobrenome adaptado para o japonês. Quando conhecia alguém que não sabia disso, ocultava esse detalhe. Falava e escrevia em japonês melhor do que a maioria das crianças nativas. Em sala de aula, temia a menção da península onde seus pais haviam nascido e olhava para o caderno quando o professor fazia alguma alusão à colônia da Coreia. [...] Mas, acima de todos os outros segredos sobre os quais não podia falar, Noa desejava ser japonês. Seu sonho era deixar Ikaino e nunca mais voltar. (Lee, 2020, p.248 e 249).

[...] Até Hoshii, o professor mais rigoroso de sua série, dissera a Noa que ele era bom na escrita e que deveria se esforçar para melhorar a sua raça analfabeta. Um coreano diligente pode inspirar dez mil a rejeitar a sua natureza indolente! - dissera o professor. (Lee, 2020, p. 266 e 267).

Esses trechos expõem como, apesar dos esforços de assimilação, a identidade coreana era constantemente negada ou desprezada pela sociedade japonesa, mostrando como o sistema colonial, e o seu legado, não apenas marginalizou os coreanos social e politicamente, mas também tentou apagar ou reconfigurar suas identidades culturais.

Noa vive um conflito interno devastador: ele é culturalmente japonês, mas legal e socialmente estrangeiro, refletindo a obliteração cultural que o sistema impôs, uma tentativa de apagar a cultura coreana enquanto também recusava a plena inclusão no mundo japonês.

Além disso, há outros trechos no livro que ilustram a obliteração cultural enfrentada pelos personagens. Por exemplo, no capítulo 12, há uma descrição do bairro onde os coreanos residem, caracterizado como um vilarejo caótico e precário, onde é dito: "este lugar é adequado apenas para porcos e coreanos." (Lee, 2020, p. 149).

Esses trechos evidenciam a marginalização e o apagamento cultural enfrentados pelos coreanos no Japão, temas centrais explorados ao longo da narrativa de *Pachinko*.

Esse processo de "obliteração cultural" tem como objetivo final destruir qualquer possibilidade de resistência organizada, quebrando o espírito coletivo do povo submetido e dificultando sua reconstrução pós-colonial. O trecho, portanto, revela como o colonialismo age de maneira abrangente, não apenas conquistando territórios, mas tentando apagar almas.

4 CAPÍTULO 4

4.1 O REENCONTRO DA IDENTIDADE CULTURAL COREANA

Com o término da Segunda Guerra Mundial, os japoneses acabam derrotados pelos aliados (Reino Unido, França, União Soviética e Estados Unidos) e, com isso, ocorre o fim da Ocupação Colonial Japonesa na Coreia (1910-1945). Em 15 de agosto de 1945 é instaurado o dia da libertação coreana, o *Gwangbokjeol* 광복절 cujo significado é: “restauração da luz do dia”, dando fim ao período de escuridão e terror instalado pelo Japão na Coreia.

Obviamente, esse é um fator importante para o início do reencontro da identidade coreana, contudo a Coreia ainda sofria com a ganância dos países próximos a ela. Após acontecer a rendição do Japão, não há mais nada que impeça a Rússia de avançar para a península almejando os portos do nordeste da Coreia. Portanto, o povo acaba se encontrando sem governo e vulnerável a invasões de outros países. A derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial abriu espaço para uma nova disputa de poder na península coreana.

A União Soviética tomou o controle da parte norte da península e, enquanto isso, o exército estadunidense desembarcava na parte sul, para evitar que toda a Coreia fosse governada pelo exército vermelho. Ambas as potências definiram, em 1948, a sua zona de influência, separadas por uma linha divisória próxima ao paralelo 38²⁹. Contudo, isso não agradou a todos.

Logo, inicia-se outro confronto pela disputa de território e, inclusive, pela disputa de ideologias. Como foi mencionado em relação à Guerra Russo-Japonesa, a Rússia já possuía interesses territoriais na península coreana. Portanto, o país inicia as suas tentativas de abarcar todo o território coreano, porém os Estados Unidos acabam interferindo e, então, tem-se início a Guerra da Coreia³⁰ (1950-1953) dividindo de vez a península entre Coreia do Norte e Coreia do Sul, divisão mantida até os dias atuais.

A Coreia do Norte, sob liderança comunista, foi apoiada pela União Soviética e, posteriormente, pela China. Já a Coreia do Sul foi apoiada pelos Estados Unidos e outros países aliados da ONU. A guerra solidificou a divisão, com o Norte se tornando uma nação

²⁹ Paralelo 38 é o nome dado a uma linha imaginária que se encontra a 38 graus da linha do Equador. Na história da Coreia é importante, pois divide o país em Coreia do Norte e Coreia do Sul. O paralelo 38 é a linha de latitude que passou a dividir a Coreia em duas zonas de ocupação: o norte controlado pela União Soviética e o sul pelos Estados Unidos. Inicialmente, era uma divisão administrativa temporária, mas com o aumento das tensões da Guerra Fria, acabou se tornando a fronteira entre dois países: a Coreia do Norte e a Coreia do Sul. Essa separação marcou o começo da divisão coreana que persiste até hoje.

³⁰ A Guerra da Coreia (1950–1953) foi um conflito entre a Coreia do Norte, apoiada pela China e a União Soviética, e a Coreia do Sul, apoiada pelos Estados Unidos e aliados da ONU. Ela começou quando o Norte invadiu o Sul, tentando unificar a península sob um governo comunista.

comunista e o Sul se alinhando com o bloco ocidental e adotando um sistema capitalista e democrático.

A Guerra Fria foi um dos principais fatores para a perpetuação dessa divisão, já que a península coreana se tornou um campo de batalha simbólico entre os blocos oriental e ocidental. A guerra também ajudou a criar uma forte presença militar dos Estados Unidos no Sul e uma influência militar chinesa e soviética no Norte.

A Guerra da Coreia (1950-1953) foi um dos maiores exemplos de como as interferências externas podem prejudicar uma nação que busca a própria independência há anos. Sabemos que o resultado desse conflito foi definido pela China, Rússia e, principalmente, Estados Unidos. Esses países foram os principais responsáveis pela atual divisão coreana mantida pelo paralelo 38, ou seja, a divisão que conhecemos atualmente: Coreia do Norte e Coreia do Sul.

Assim como todas as guerras, essa também foi um conflito extremamente brutal, resultando na morte de milhões de pessoas, entre civis e militares. O confronto terminou em 27 de julho de 1953 com a assinatura de um armistício, e não de um tratado de paz definitivo, o que significa que, do ponto de vista legal, as duas Coreias continuam tecnicamente em guerra até os dias atuais. A linha de cessar-fogo estabelecida ficou próxima ao paralelo 38, criando a Zona Desmilitarizada (DMZ), uma das fronteiras mais militarizadas do mundo e símbolo da divisão política e ideológica que persiste na península.

O nome “Zona Desmilitarizada” (DMZ) é, na prática, um paradoxo. Ela recebeu esse nome porque, segundo o Acordo de Armistício de 1953, a faixa de aproximadamente 4 km de largura e 250 km de extensão deveria servir como uma barreira neutra, sem a presença de tropas armadas ou instalações militares permanentes dentro dela, separando as forças da Coreia do Norte e da Coreia do Sul.

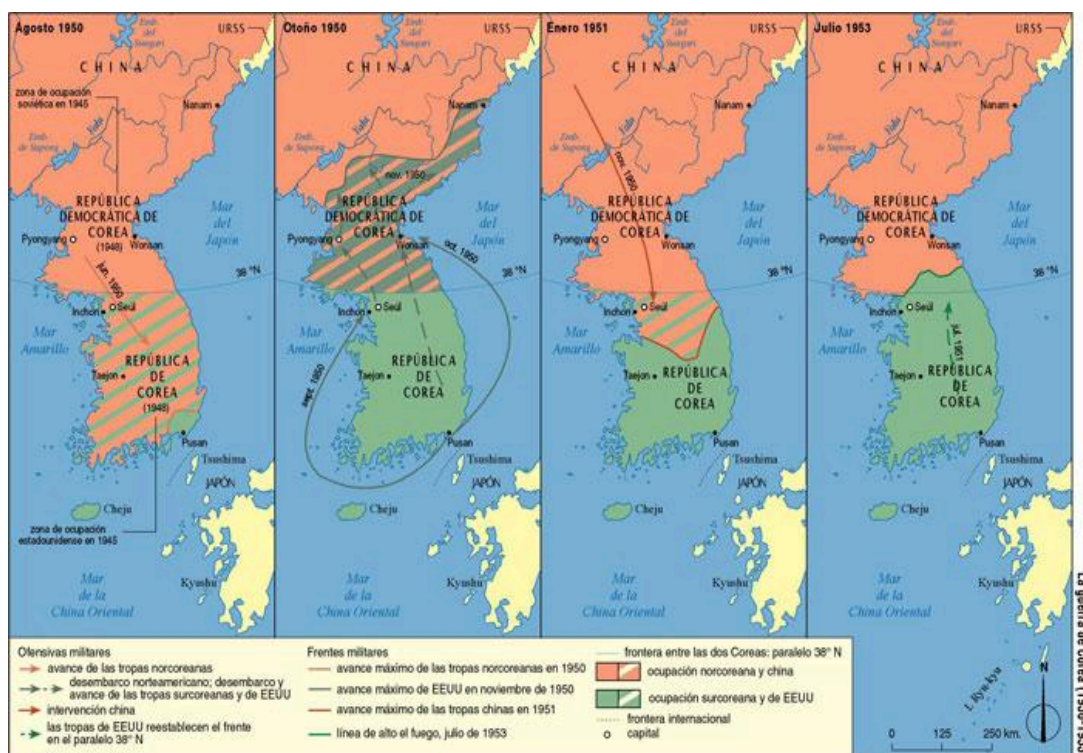
No entanto, embora o interior da DMZ seja oficialmente “livre” de armamento pesado, as áreas imediatamente adjacentes a ela são extremamente militarizadas. Tanto o Norte quanto o Sul mantêm bases, postos de vigilância, arame farpado, minas terrestres e um grande número de soldados posicionados nos dois lados. Isso cria a situação irônica: a “zona desmilitarizada” é cercada por uma das maiores concentrações militares do mundo.

Assim, a DMZ acabou se tornando uma das fronteiras mais fortemente guardadas do mundo, apesar de seu nome sugerir o contrário.

Até hoje, as duas Coreias permanecem separadas, com sistemas políticos e sociais radicalmente diferentes e uma forte militarização nas fronteiras. Apesar de alguns esforços de

diálogo e aproximação, como as cúpulas entre líderes norte-coreanos e sul-coreanos, a divisão continua sendo uma das consequências mais duradouras da Guerra da Coreia.

Imagem 4 - Mapa da divisão da península coreana



Fonte: Mapa da Guerra da Coreia.

Acesso em: 24. jul. 2024.

Como vemos pelo mapa acima, a divisão coreana entre norte e sul acontece aos poucos. Além disso, apesar dos avanços significativos das tropas da União Soviética e da China, que por um tempo quase dominaram toda a península coreana, o conflito terminou com um armistício, sem que a Coreia fosse completamente tomada pelo exército vermelho. Antes do cessar-fogo, os Estados Unidos conseguiram reverter parte dos avanços obtidos pelo exército do norte e recuperar algum domínio.

Em resumo, o território cujo poder econômico, político e militar se estabeleceu segundo os padrões do discurso comunista da época se tornou o que hoje conhecemos como Coreia do Norte. E, paralelamente, o território cujos mesmos poderes se estabeleceram seguindo os parâmetros relacionados ao discurso capitalista se tornou o que hoje conhecemos como Coreia do Sul.

Após a divisão da Coreia, os coreanos residentes no Japão que eram desumanizados por serem considerados estrangeiros, mesmo os nascidos em solo japonês, acabam tendo

outro conflito relacionado à identidade cultural. Mesmo após cerca de três ou quatro gerações nascidas no Japão, os japoneses seguem chamando os descendentes coreanos de *kankokujin*³¹ ou *chosenjin*³², respectivamente, sul-coreanos e norte-coreanos.

Em *Pachinko*, isso é retratado de modo indireto por meio dos filhos de Sunja, Noa e Mozasu, que entram novamente em um dilema, pois além da dificuldade em se identificarem como japoneses ou coreanos, agora eles possuem a dificuldade de se identificarem como *kankokujin* ou *chosenjin*. Afinal, Isak nasceu e cresceu em Pyongyang, na atual Coreia do Norte, e Sunja nasceu e cresceu em Busan, na atual Coreia do Sul. Portanto, é inegável o fato de que essa divisão também foi um ponto forte na concepção da identidade cultural coreana, mesmo para os *Zainichi*.

A Guerra da Coreia interferiu na identidade cultural coreana de uma maneira diferente do que foi visto durante a ocupação colonial japonesa. Nesse caso houve uma interação entre culturas que também ocorreram de uma maneira imposta, mas não com a agressividade e a submissão forçada características da Ocupação Colonial Japonesa.

Após os envolvimento da União Soviética e dos Estados Unidos, as lideranças políticas foram definidas entre: Kim Il-Sung³³, no norte, e Syngman Rhee³⁴, no sul. Em relação a essa divisão de poder, concordamos com Duarte ao dizer que “Ambos eram produtos antagônicos de uma sociedade desestruturada com a sucessão de domínios estrangeiros desde meados do século XIX.” (Duarte, 2019, p. 17).

Até os dias atuais existe uma rixa entre ambas as Coreias. Segundo Hu (2005), “A única particularidade comum entre Kim Il-Sung e Syngman Rhee era o objetivo inconciliável de unificação das Coreias sob suas respectivas bandeiras”, ou seja, cada governante queria tomar posse completa da península coreana sob o seu próprio Estado. Mesmo no século XXI, ambas as Coreias possuem dificuldades de se reconhecerem mutuamente como estados

³¹ O termo *kankokujin* (韓国人) é uma palavra japonesa que significa "coreano" ou "pessoa da Coreia". Ela é usada para se referir aos cidadãos da Coreia do Sul, ou seja, pessoas de origem coreana que pertencem ao estado moderno da Coreia do Sul.

³² O termo *chōsenjin* (朝鮮人) é uma palavra japonesa que originalmente se referia aos coreanos, em especial ao que vieram da Coreia do Norte. Originalmente, "*chōsenjin*" (朝鮮人) queria dizer simplesmente "pessoa da Coreia", mas acabou ganhando outra nuance. Quem mantinha vínculo com a Coreia do Norte (ou que se identificava como "coreano" de maneira mais neutra, sem adotar a cidadania sul-coreana) era muitas vezes ainda chamado de *chōsenjin*.

³³ Kim Il-Sung (1912–1994) foi o fundador da Coreia do Norte e seu líder absoluto de 1948 até sua morte. Ele começou sua trajetória como guerrilheiro comunista lutando contra a ocupação japonesa na Manchúria e, com apoio da União Soviética, assumiu o poder no norte da Coreia depois da libertação do país em 1945. Em 1950, ele liderou a invasão da Coreia do Sul, iniciando a Guerra da Coreia.

³⁴ Syngman Rhee (1875–1965) foi o primeiro presidente da Coreia do Sul, governando de 1948 até 1960. Ele era um político nacionalista, cristão e fortemente anticomunista. Rhee viveu muitos anos nos Estados Unidos antes de voltar para a Coreia após a libertação do domínio japonês.

soberanos. “Contudo, tanto a Coreia do Sul quanto a do Norte compartilham a ideia de uma nação homogênea.” (Oliveira, 2021, p. 13).

Apesar desses percalços, as Coreias retomam sua autonomia em relação à independência do povo coreano e ao governo da península. Mesmo com a divisão do território entre norte e sul, o poder político volta para as mãos coreanas.

Na última divisão da narrativa, temos o Livro III, *Pachinko* (1962-1989). Dentre todos, esse é o livro cuja narrativa é mais pacífica, menos visceral. Nessa divisão, entendemos o porquê de o romance como um todo se chamar *Pachinko*: esse é o nome de um jogo de azar³⁵ praticado em máquinas semelhantes ao *pinball*, muito comum no Japão. Após a imigração dos protagonistas coreanos, como já foi dito, mesmo que seus filhos tenham nascido em solo japonês, a marginalização daqueles que não são japoneses segue sendo imensa e muitos empregadores não aceitam estrangeiros.

Por fim, diversos descendentes coreanos acabam trabalhando em salões de *Pachinko*, um jogo que se mantém no limite da legalidade, e é por meio dos lucros com esse jogo que a família central deixa a miséria e o desespero rumo à riqueza e à esperança. Nessa última parte do livro, os protagonistas não convivem com guerras, desespero ou fome frequentes. *Pachinko* não representa apenas uma elevação social, representa o que as pessoas podem se tornar ao lhes ser dada a oportunidade de tentar.

É interessante mencionar o aspecto intrínseco relacionado ao inconsciente dos povos coreano e japonês. Como foi visto até aqui, devido às trocas culturais, sejam elas impostas ou não, ambos os povos acabaram adquirindo semelhanças culturais entre si. O inconsciente coletivo faz parte dessa troca, pois é por meio dele que esses traços culturais são compartilhados através das gerações. Contudo, ao mesmo tempo, é esse inconsciente coletivo que divide as culturas e, conseqüentemente, as pessoas.

O inconsciente coletivo é uma parte da *psique* que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo portanto uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e portanto não foram adquiridos individualmente, mas **devem sua existência apenas à hereditariedade**. (Jung, 2000, p.53, grifos nossos).

³⁵ Roland Barthes, em *O império dos signos*, já se impressionara com o *pachinko*, cujo funcionamento descreve: “O Pachinko é uma máquina caça-níqueis. Compra-se, no balcão, uma pequena provisão de bolinhas metálicas; depois, diante do aparelho (espécie de quadro vertical), com uma das mãos enfia-se cada bolinha numa boca, enquanto com a outra, graças a um gatilho, propulsa-se a bolinha através de um circuito de passagens em ziguezague; se o disparo é certo (nem muito forte, nem muito fraco), a bolinha impelida libera uma chuva de outras bolinhas, que caem em nossa mão, e tudo o que se tem a fazer é recomeçar – a menos que se prefira trocar o ganho por uma recompensa irrisória (tablete de chocolate, laranja, maço de cigarro)” (BARTHES, 2007, p. 39).

Diferente do inconsciente pessoal, o inconsciente coletivo transmite as suas características de modo social. Logo, ele não é adquirido individualmente, mas sim pelas trocas sociais entre a comunidade. O fato disso ser inconsciente já implica que é algo inerente às atitudes daquela comunidade.

Assim, os traços culturais originalmente diferentes e compartilhados entre os coreanos e os japoneses já são quase imperceptíveis para esses povos, pois esses traços estão tão difundidos no seu meio cultural que não há mais separação entre onde começa uma cultura e onde acaba a outra.

Portanto, o conceito junguiano de inconsciente coletivo ajuda a compreender a persistência do preconceito de japoneses para com coreanos, mesmo em contextos onde a convivência já gerou intensa troca cultural. Diferente do inconsciente pessoal, que se forma a partir das experiências individuais, o inconsciente coletivo é transmitido socialmente e herdado pela comunidade ao longo de gerações, independentemente da vivência pessoal de cada indivíduo. Isso significa que certos estereótipos, desconfianças e narrativas históricas negativas sobre os coreanos podem estar tão enraizados na psique coletiva japonesa que se manifestam de forma automática, sem que o indivíduo necessariamente tenha vivido situações concretas que justifiquem tais atitudes.

Ao mesmo tempo, a difusão cultural ocorrida entre coreanos e japoneses ao longo da história fez com que muitos traços originalmente distintos se tornassem quase imperceptíveis — porém, essa similaridade não foi suficiente para eliminar preconceitos. Isso porque o inconsciente coletivo não se baseia apenas em costumes visíveis, mas também em símbolos, memórias e significados herdados, que podem perpetuar uma visão de “nós” contra “eles” mesmo quando a vida cotidiana já mistura elementos das duas culturas.

Apesar dos percalços, o reencontro da identidade cultural coreana após a ocupação japonesa, a Guerra da Coreia e o advento do multiculturalismo é um processo histórico de reconstrução e reinvenção que se deu em diferentes camadas.

Com o fim da ocupação colonial japonesa em 1945, a Coreia iniciou um esforço intenso para recuperar elementos culturais que haviam sido suprimidos ou proibidos, como a língua, as tradições artísticas e a memória histórica. Esse momento marcou uma reapropriação simbólica: o idioma voltou às escolas, festivais tradicionais foram retomados e narrativas históricas foram reforçadas para reafirmar a soberania cultural. No entanto, não se tratou apenas de um retorno ao passado, pois muitas práticas foram reinterpretadas para servir ao projeto político de reconstrução nacional.

A Guerra da Coreia aprofundou a fragmentação identitária ao dividir o país em dois Estados com ideologias opostas. Tanto no Norte quanto no Sul, a cultura passou a ser utilizada como instrumento de legitimação: no Sul, buscou-se preservá-la como forma de resistência ao comunismo, ao mesmo tempo em que se incorporavam influências ocidentais; no Norte, a identidade foi moldada pelo nacionalismo socialista e pela autossuficiência (*Juche*³⁶).

Segundo Kim Jong Il (1982), “A Ideia *Juche* representa uma ideia norteadora invariável da Revolução Coreana e uma grande bandeira revolucionária do nosso tempo.”³⁷ Essa separação fez com que cada lado reivindicasse para si a condição de guardião da “verdadeira” cultura coreana.

A partir do fim do século XX, o multiculturalismo e a globalização trouxeram um novo desafio. A Coreia do Sul, especialmente, passou a lidar com um intenso fluxo cultural internacional, fruto da imigração e da popularização global da cultura coreana (K-pop, cinema, gastronomia, dramas televisivos). Nesse contexto, o reencontro da identidade cultural passou a ocorrer por meio da combinação de elementos tradicionais com influências externas, criando um modelo híbrido e adaptável. O próprio livro trabalhado nesta dissertação é um exemplo disso. Pois *Pachinko*, ao ser adaptado para um K-drama, tornou-se uma fonte ficcional de conhecimento histórico baseado na realidade, contribuindo para a disseminação cultural coreana.

Com esse (re)encontro, festivais e rituais ganharam novas formas de expressão, dialogando com a estética e as linguagens globais, sem perder o vínculo com as raízes históricas. Atualmente é comum a utilização de *hanboks*³⁸ para tirar fotos em cenários históricos coreanos, o que demonstra a resiliência desse (re)encontro cultural coreano.

Assim, o reencontro da identidade cultural coreana não foi um simples resgate, mas um processo contínuo de negociação entre passado e presente, tradição e inovação, local e global. É dessa interação que emerge uma identidade que mantém a memória coletiva viva, mas que também se transforma para sobreviver e se afirmar em diferentes contextos históricos e culturais. Pois, “[...] entre nós, a identidade é irrevogavelmente uma questão histórica.

³⁶ O *Juche* é a ideologia oficial da Coreia do Norte, centrada na autossuficiência (política, econômica e militar) e na liderança da família Kim, com raízes no marxismo-leninismo, mas com uma forte ênfase na identidade nacional coreana e no afastamento de influências externas.

³⁷ Traduzido de: *The Juche idea represents an invariable guiding idea of the Korean revolution and a great revolutionary banner of our time.*

³⁸ **Hanbok** (coreano: 한복; hanja: 韓服) é um tradicional vestido coreano. Normalmente, é caracterizado por cores vibrantes, linhas simples e ausência de bolsos. Embora o termo signifique literalmente "roupas coreanas", muitas vezes é usado para se referir especificamente ao hanbok da Dinastia Joseon e é utilizado como roupa formal ou semi formal durante as festas e celebrações tradicionais.

Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas”. (Hall, 2003, p. 30).

4.2 O CONCEITO DE NAÇÃO E A DIÁSPORA PRESENTE EM *PACHINKO*

O conceito tradicional de nação pressupõe um território soberano, uma comunidade de pertencimento e um conjunto de direitos compartilhados. Nessa visão, o indivíduo é parte integral do corpo político e cultural do país. Mas, em *Pachinko*, essa lógica se desfaz. Os coreanos nascidos e criados no Japão continuam sendo classificados como estrangeiros, mesmo quando não têm qualquer vínculo prático com a Coreia. A nação, nesse caso, não é algo que se escolhe ou constrói com base na vida cotidiana; é uma identidade imposta pela história, pelas leis e pelo preconceito.

O conceito de nação na narrativa não aparece como algo simples ou puramente geográfico, ele é vivido como um conjunto complexo de identidade, pertencimento e exclusão. O que vemos é que “nação” não é apenas o lugar onde se nasce, mas também o espaço que reconhece ou nega alguém como seu.

A nação também aparece como uma identidade herdada, pois os personagens nascem no Japão, mas continuam sendo considerados “coreanos” por lei e pela sociedade. Isso mostra como a nacionalidade pode ser tratada como algo fixo, transmitido pela origem familiar, e não pelo território ou cultura vivida.

Em contrapartida, a nação pode ser usada como um meio de exclusão, no romance há uma definição sobre quem é “japonês” e quem não é, criando barreiras legais e sociais como discriminação no trabalho, restrições de cidadania e preconceito. De certa forma, só são considerados japoneses quem nasce no Japão e quem possui ascendência japonesa. Aqui, “nação” funciona como um mecanismo de pertencimento seletivo.

Em paralelo, para os *zainichi*, a Coreia segue sendo a nação ancestral, ligada ao afeto e à memória. Para os mais velhos, é mais do que um país distante: é o lugar mítico das origens, ligado à língua, à comida e à memória coletiva. Mesmo sem viver lá, eles carregam uma sensação de ligação e dever para com essa terra. Entretanto, para as novas gerações, essa nação é mais um mito distante do que um espaço concreto de pertencimento. Ao mesmo tempo, o Japão, país onde vivem e constroem suas vidas, não os reconhece plenamente como parte da comunidade nacional.

Contudo, a escolha de nação carrega um caráter quase impossível, pois muitos personagens se perguntam: “Sou coreano ou japonês?” e percebem que, para a sociedade, não

basta escolher — a nação é algo que lhes é imposto e que molda sua vida, muitas vezes contra a própria vontade.

Assim, a diáspora transforma a nação em algo fragmentado e híbrido: ela deixa de ser apenas um lugar físico para se tornar um conjunto de vínculos emocionais, histórias familiares e fronteiras simbólicas que definem quem está “dentro” e quem está “fora”. Em *Pachinko*, a nação é menos um lar seguro e mais uma marca identitária imposta — algo que molda profundamente a vida dos personagens, mas raramente lhes oferece acolhimento.

Dentro da narrativa, a relação entre nação e diáspora revela que viver entre dois mundos não significa simplesmente somar identidades, mas habitar um espaço instável, por vezes doloroso, no qual se está sempre negociando quem se é. O romance mostra que, para os coreanos no Japão, a nação não é apenas uma questão de geografia ou cidadania; é uma marca que define status social, direitos e até possibilidades de futuro. O próprio conceito de nação em *Pachinko* é mencionado como algo imaginado, a própria Min Jin Lee inicia o Livro 3 com uma citação de Benedict Anderson relacionada a esse conceito:

Proponho a seguinte definição de nação: uma comunidade política imaginada — e imaginada tanto como inerentemente limitada quanto soberana. É imaginada porque até os membros da menor nação nunca conhecerão a maioria de seus compatriotas, nunca os verá nem ouvirão falar deles, ainda que na mente de cada comunidade...um viva a imagem de sua nação é imaginada como limitada porque mesmo a maior delas, que abriga talvez um bilhão de seres humanos, possui limites finitos, ainda que elásticos, além dos quais há outras nações...É imaginada como soberana porque o conceito nasceu em uma época em que o Iluminismo e Revolução estavam destruindo a legitimidade do reino dinástico hierárquico e divinamente ordenado...Por fim, é imaginada como uma comunidade porque, independentemente da desigualdade e da exploração que possam prevalecer em cada uma delas, uma nação é sempre concebida como uma camaradagem profunda e horizontal. Em última instância, foi essa fraternidade que tornou possível, nos últimos dois séculos, que tantos milhões de pessoas estejam dispostas não apenas a matar, mas a morrer de bom grado por essa imaginação limitada.

— Benedict Anderson
(Lee, 2020, p.355).

Pachinko traduz, de forma literária, a compreensão teórica de Benedict Anderson sobre a nação como “comunidade política imaginada”. A ideia de Anderson — de que a nação é uma construção simbólica, limitada e sustentada por um sentimento de pertencimento coletivo — aparece tensionada na obra de Min Jin Lee, pois, para os coreanos no Japão, essa “imaginação” não é inclusiva, mas excludente.

Na narrativa, a nação é menos um lar e mais uma marca identitária imposta, ele expõe justamente a contradição entre o ideal de “camaradagem horizontal” descrito por Anderson e a realidade vivida pelos personagens, marcada pela hierarquia étnica e pela negação do pertencimento. Assim, o romance revela que essa comunidade imaginada, no caso japonês,

possui fronteiras simbólicas rígidas, que determinam quem está “dentro” e quem está “fora”, independentemente de vínculos de nascimento, língua ou contribuição social.

A relação entre diáspora e nação, portanto, torna-se um espaço de conflito: se a diáspora fragmenta e hibridiza a noção de nação, em *Pachinko* essa fragmentação também expõe o caráter seletivo e excludente da imaginação nacional. O resultado é um pertencimento sempre negociado e precário, no qual a identidade nacional funciona mais como barreira do que como vínculo.

A diáspora acrescenta outra camada a essa experiência. Ela mantém viva uma ligação afetiva com a Coreia — através da língua, da comida, das histórias de família —, mas também transforma o país de origem em um lugar idealizado, distante e, muitas vezes, inacessível. Ao mesmo tempo, a vida no Japão impõe a assimilação de costumes e valores japoneses, criando um hibridismo cultural inevitável. Esse hibridismo, contudo, não é plenamente reconhecido nem por japoneses nem por coreanos.

A diáspora representada em *Pachinko* dialoga profundamente com os conceitos trabalhados por Stuart Hall em *Da diáspora: Identidades e mediações culturais* (2003), especialmente no que diz respeito à identidade, ao pertencimento e à resistência cultural. Hall compreende a identidade diaspórica como algo não fixo, mas em constante construção, resultado de deslocamentos, cruzamentos culturais e tensões entre o lugar de origem e o de chegada.

Em *Pachinko*, essa condição é vivida pelos coreanos no Japão, que, embora carreguem as memórias e tradições de sua terra natal, absorvem elementos da cultura japonesa e, ainda assim, são constantemente lembrados de que não pertencem totalmente a nenhum dos dois lugares. Trata-se de uma identidade em trânsito, marcada pela fragmentação e pela multiplicidade.

O pertencimento, nesse contexto, é sempre condicionado. Hall aponta que as comunidades diaspóricas compartilham histórias e traumas comuns, mas vivem em permanente negociação entre inclusão e exclusão. Isso é evidente na obra de Min Jin Lee: personagens como Sunja, Noa, Mozasu e Solomon enfrentam a impossibilidade de serem plenamente aceitos, mesmo quando nascidos e criados no Japão. Essa experiência reforça a visão de Hall de que a diáspora não é apenas um deslocamento geográfico, mas também simbólico, manifestando-se como um estado de deslocamento identitário contínuo.

Um exemplo disso ocorre quando Solomon precisa tirar o seu cartão de registro de estrangeiro no dia de seu aniversário, esse cartão é necessário para os estrangeiros residentes no Japão continuarem a residir no país. Entretanto, o paradoxo dessa situação está no fato de

que Solomon nasceu no Japão, assim como seu pai, porém ainda não é considerado um cidadão japonês, mesmo sob os aspectos legais. A seguir vemos um excerto que expressa esse descontentamento:

— É inútil. Não posso mudar o destino dele. Ele é coreano. Precisa obter esses documentos e seguir todos os passos da lei. Uma vez, em uma repartição como esta, um funcionário me disse que eu era um visitante em seu país.

— Você e Solomon nasceram aqui.

— Sim, meu irmão Noa também nasceu aqui. E agora ele está morto. Mozasu cobriu o rosto com as mãos. Etsuko suspirou.

— Seja como for, o funcionário não estava errado. E isso é algo que Solomon precisa entender. Nós podemos ser deportados. Não temos pátria. A vida é cheia de coisas que ele não vai poder controlar, então ele precisa se adaptar. Meu garoto tem que sobreviver. [...] A funcionária sorriu para o garoto e lhe disse para pegar o cartão de registro na sala ao lado.

— Vamos pegar suas plaquinhas de identificação — disse Mozasu. Solomon encarou o pai.

— Hum?

— É o que nós, cachorros, precisamos ter. A funcionária de repente pareceu furiosa.

— As impressões digitais e os cartões de registro são de vital importância para os registros governamentais. Não há necessidade de se sentir insultado por isso. É um regulamento de imigração necessário para estrangeiros...

Etsuko deu um passo à frente.

— Mas você não tem que levar seus filhos para tirar impressões digitais no aniversário deles, não é?

[...]

— Os coreanos fazem muitas coisas boas para este país — disse Etsuko.

— Eles fazem os trabalhos difíceis que os japoneses não querem fazer, pagam impostos, obedecem a leis, formam boas famílias e criam empregos...

A funcionária assentiu, com compaixão.

— Vocês, coreanos, sempre me dizem isso.

— Ela não é coreana. — Solomon deixou escapar.

Na vida, havia tanto insulto e sofrimento, e ela (Etsuko) não tinha escolha a não ser aceitar a parte que lhe cabia. Mas agora também queria acolher a vergonha de Solomon e adicioná-la ao seu fardo, embora já estivesse sobrecarregada. (Lee, 2020, p. 431-433).

Nesse episódio, mesmo sendo nascido no Japão e descendente de outras gerações também nascidas ali, Solomon é obrigado a reafirmar legalmente seu status de “estrangeiro”, vivenciando na prática a exclusão simbólica e institucional que Hall descreve. A burocracia e o tratamento da funcionária evidenciam que o pertencimento não é garantido nem pelo nascimento, nem pela contribuição à sociedade, mas condicionado por critérios étnicos e históricos.

Assim, a teoria de Hall se conecta ao drama de *Pachinko* ao mostrar que a diáspora não se limita à distância geográfica da terra natal, mas é um estado contínuo de deslocamento e luta por reconhecimento. A cena ilustra como esse processo afeta não apenas a vida pública, mas também a dimensão íntima, produzindo sentimentos de humilhação, resistência e

solidariedade — como se vê no gesto de Etsuko ao tentar carregar a vergonha de Solomon junto à sua.

Ao mesmo tempo, Hall ressalta que a diáspora não significa apenas perda ou alienação, mas também é um espaço de criação e reinvenção cultural. Dentro da narrativa, as famílias coreanas mantêm viva a língua, a culinária, os valores e os costumes herdados, ao mesmo tempo em que adaptam estratégias de sobrevivência à sociedade japonesa que as rejeita. Essa preservação, combinada à adaptação, torna-se uma forma de resistência contra a assimilação forçada e a invisibilização.

Desse modo, a leitura de *Pachinko* à luz de Hall revela que os personagens vivem não apenas um deslocamento físico, mas um deslocamento identitário permanente, que os obriga a reconstruir continuamente suas formas de existir no mundo. Essa condição, embora marcada pela dor da exclusão, também abre espaço para a formação de novas subjetividades e culturas híbridas, tal como Stuart Hall propõe.

Assim, os personagens vivem em um espaço identitário de fronteira: não são vistos como japoneses, tampouco são plenamente coreanos. É uma condição de “estrangeiro permanente”, que obriga a constantes adaptações e reinvenções. Em vez de encontrar segurança na nação, eles aprendem a viver em trânsito — carregando dentro de si fragmentos de dois mundos que coexistem, mas nunca se fundem completamente.

4.3 O CRISTIANISMO COMO RESISTÊNCIA COREANA FRENTE AO IMPERIALISMO JAPONÊS

A fé cristã está fortemente presente ao longo de toda a narrativa de *Pachinko*. Podemos ver isso pelos nomes de alguns personagens: Isak, Noa, Mozasu, Yoseb e Solomon. Esses são personagens centrais na história e observamos que diversas atitudes tomadas por eles possuem relação direta com a religião cristã.

Ao longo da narrativa do livro vemos a história de Sunja, a protagonista do romance *Pachinko*. Nascida em uma vila pobre na Coreia durante o período da ocupação japonesa, ela é filha de um pescador honesto e trabalhador. Ainda jovem, engravida de Hansu, um homem rico e casado que lhe oferece sustento, mas não respeito, nem casamento. Para proteger sua honra e a do filho que espera, Sunja se casa com Isak, um pastor cristão doente que decide ajudá-la.

O próprio casamento entre Sunja e Isak ocorre devido a esses valores cristãos. Isak tem tuberculose e, mesmo sem conhecê-lo, é Sunja quem cuida dele durante suas crises na pousada. O pastor se sente grato e percebe que Sunja está grávida. Como ela não é casada,

Isak sabe que a sociedade irá marginalizá-la junto com a criança. Sunja não seria capaz nem de dar o seu sobrenome ao filho, pois, naquela época, apenas os sobrenomes paternos podiam ser transmitidos hereditariamente. Assim, Isak reflete e chega à conclusão de que pode usar o seu nome e o que resta de sua vida para salvar aquela mulher e o filho.

Ao se casar, Sunja deve aceitar as práticas religiosas do marido e, ainda mais importante, o Deus de Isak. Como vemos no trecho:

[...] - Acha que pode amar a Deus? - perguntou ele, respirando fundo. - Se puder amar a Deus, então eu sei que tudo ficará bem. Sei que talvez seja pedir muito. Pode ser que agora não faça sentido para você. Vai levar tempo. Eu entendo.

Naquela manhã, tinha ocorrido a Sunja que Isak poderia perguntar algo assim, e ela havia pensado naquele Deus no qual o pastor acreditava. Havia espíritos no mundo, ela acreditava nisso, mesmo que seu pai não acreditasse. Depois que ele morreu, sentia que ele estava com ela. Quando visitava o túmulo dele para celebrar o jesa, sentia sua presença reconfortante. Se deuses e espíritos existiam, então ela achava que poderia amar o deus de Isak, especialmente se ele fosse a inspiração para que Baek Isak fosse uma pessoa tão boa e generosa.

— Sim — respondeu ela. — Eu posso. (Lee, 2020, p. 89-90).

Podemos observar pelo trecho acima que Sunja não tem uma ideia definida sobre quem é o Deus de Isak, muito menos sobre a religião Cristã. Entretanto, ela faz uma associação em relação a bondade de Isak e sua religião.

É interessante destacar que, normalmente, quando a sociedade menciona qualquer religião cujos princípios de bondade se destacam, a associação feita é a de que as pessoas que seguem essa religião são boas. Logo, se a religião é fundamentalmente boa, os seus seguidores também são. Contudo, ao saber sobre a religião de Isak, Sunja faz uma associação inversa: Isak é bom, logo a sua religião e, automaticamente, o seu Deus também são bons.

Essa concepção criada por Sunja se deve, para além da sua inocência, ao fato de que o cristianismo era uma religião com fortes vertentes ocidentais. Logo, Sunja não possuía qualquer conhecimento sobre o que era ser um cristão até a chegada de Isak. Ela não sabe que muitos de seus costumes deverão ser modificados por conta da aceitação do Deus de Isak e da religião dele.

A própria Sunja relata, em determinado momento do livro, realizar o *Jesa* (제사), uma prática memorial em honra aos antepassados que já se foram. Essa prática é a adaptação de uma antiga prática budista cujo princípio era o mesmo: honrar e relembrar os mortos.

Contudo, para a igreja católica, essa prática é considerada civil, algo cultural inerente aos coreanos e não algo religioso. Por isso, até os dias atuais, há católicos coreanos que ainda realizam o *Jesa* para os seus antepassados. Porém, em contraste, para os protestantes, essa

prática não é aceita. Ou seja, de todo modo, Sunja não poderia mais realizar esse memorial após se casar com Isak, já que ele é um pastor protestante.

Entretanto, na época relatada no livro, a religião não teria relevância nesse assunto, considerando que as práticas culturais coreanas estavam sendo reprimidas pelos japoneses durante a Ocupação Colonial. Assim, mesmo que a religião permitisse, Sunja não poderia realizar o *Jesa* devido às imposições nipônicas.

Em relação a isso, podemos concluir que, no contexto retratado na obra, Sunja encontra-se submetida a múltiplas formas de dominação que restringem suas práticas culturais e religiosas. A impossibilidade de realizar o *Jesa* não se deve exclusivamente às imposições da ocupação colonial japonesa, que visava à supressão das tradições coreanas, mas também à influência do protestantismo, adotado por sua família, o qual também rejeita determinados rituais ancestrais. Dessa forma, mais do que hierarquizar as formas de dominação, importa reconhecer como diferentes sistemas de poder, religioso e colonial, atuam de maneira concomitante na vida da personagem, condicionando suas possibilidades de ação e expressão cultural.

Ademais, como já foi mencionado, a característica desse trecho que mais nos importa é a associação feita por Sunja ao comparar a religião de Isak com a bondade dele. Quando Sunja faz essa associação, ela inconscientemente assimila que, se Isak é bom, tudo que ele faz, tudo que ele é, ou tem, é bom da mesma forma. Esse é um ponto de extrema importância para a verdadeira conversão de Sunja.

Isak de fato cumpre com as expectativas de Sunja, diferentemente de Hansu, ele nunca a coloca sob situações vergonhosas ou quebra sua palavra. Dessa forma, Isak possui a característica de ser o típico “príncipe encantado” das narrativas de romance. Ele não apenas salva Sunja de um possível e, quase certo, futuro vergonhoso tanto para ela quanto para o filho; Isak salva toda uma geração e seus futuros descendentes que poderiam crescer às margens da sociedade coreana.

Por esse motivo, Isak cumpre com louvores o estereótipo de bom cristão, marcado por valores como altruísmo, compaixão e abnegação. Sua postura ética diante das adversidades, sua disposição em acolher Sunja e assumir responsabilidades que não lhe caberiam socialmente, bem como sua firmeza moral, refletem um ideal cristão de conduta. Ele toma para si uma responsabilidade da qual não possui nenhuma relação, uma responsabilidade que demonstra fielmente a sua força de caráter, honra e dignidade: criar o filho de outro homem.

Com essa escolha, Isak quebra os padrões tradicionais da época e, mesmo sendo julgado por seus semelhantes, continua firme em sua decisão. O que mais motiva essa escolha

de Isak é a sua crença de que esse seria o desejo de Deus para a sua vida, afirmando assim a importância de sua religião para que essa atitude fosse tomada.

A relação de Isak com Deus é retratada com profundidade, refletindo sua fé, sofrimento e humanidade. Um dos momentos mais significativos ocorre quando ele conversa com o pastor Shin sobre o sofrimento humano e a natureza de Deus:

Isak assentiu, sério.

— Acha que é importante sentirmos o que Deus sente?

— Sim, sem dúvida. Quando se ama alguém, é impossível não compartilhar seu sofrimento. Se amamos nosso Senhor, não apenas o admiramos, tememos ou queremos coisas dele: temos que reconhecer seus sentimentos, sua angústia diante de nossos pecados. Precisamos compreender seu sofrimento porque o Senhor sofre conosco. Ele sofre como nós. É um consolo saber que não estamos sozinhos em nosso sofrimento. (Lee, 2020, p. 99).

Esse trecho revela a profunda empatia de Isak e sua crença de que Deus compartilha o sofrimento humano. Sua fé não é apenas intelectual, mas vivida na prática diária, especialmente ao servir a comunidade como pastor. Essa perspectiva teológica oferece uma visão de Deus que não é distante ou indiferente, mas presente e compassivo nas lutas humanas.

Essa caracterização do personagem Isak, pode ser compreendida, em parte, à luz da própria identidade religiosa da autora, Min Jin Lee, que se declara cristã. Conforme vemos na seguinte entrevista:

[...] Então pensei: vou tentar isso. Agora leio um capítulo da Bíblia todos os dias antes de começar a escrever ficção. Faço isso desde 1995. Já devo ter lido a Bíblia literalmente de capa a capa umas sete vezes. Tem sido muito útil para entender como as coisas são escritas, com uma visão ampla. (Lee, 2022, online, tradução nossa³⁹).

Assim, após essa afirmação, a representação de Isak ultrapassa uma função meramente narrativa e adquire contornos ideológicos, evidenciando como a fé da autora influencia a forma como determinadas virtudes são valorizadas e projetadas nas figuras centrais da obra.

Assim, o grande teor religioso na obra, além de ser inegável, também demonstra que essa religião vinda do ocidente começa a ganhar um espaço relativamente importante no cotidiano da população, influenciando em suas concepções de ser, de agir e de pensar.

Observamos como o cristianismo influenciou o modo de pensar e agir dos coreanos, temas como o livre arbítrio e a liberdade do povo foram úteis para os discursos dos nacionalistas coreanos. Consequentemente, torna-se evidente que a religião cristã também influenciou na identidade cultural dessa população.

³⁹ No original: "[...] So I thought, 'I'll try that.' Now I read a chapter of the Bible every day before I start writing fiction. I've been doing this since 1995. I've probably read the Bible cover to cover about seven times. It's been very helpful for understanding how things are written, with a broad view."

Ao longo de *Pachinko* vamos percebendo que o cristianismo vai além de uma simples escolha entre os coreanos residentes no Japão. Essa crença passa a se tornar uma saída para as fortes repressões japonesas sofridas pelos coreanos. Como vemos no trecho:

Sob esse duro regime, (Ocupação Colonial Japonesa) o pouco espaço de resistência se dava por organizações com apoio estrangeiro, como as escolas missionárias e particulares. Apesar de serem vistos como suspeitos, as autoridades japonesas queriam preservar a imagem internacional da administração japonesa na Coreia. Esses missionários, por sua vez, em boa parte advindos da América do Norte de igrejas protestantes, começaram a denunciar cada vez mais a opressão e os abusos dos direitos humanos, angariando suporte e apoio de nacionalistas coreanos e de outros missionários e cristãos convertidos coreanos. **Em outras palavras, o cristianismo na Coreia passou a ser visto como meio de escapar da opressão japonesa.** (Macedo, 2018, p. 146, grifos nossos).

O excerto anterior confirma que, por meio de seus missionários, a religião cristã influenciou significativamente no cotidiano dos coreanos, inclusive em relação à independência e, conseqüentemente, à constituição da identidade cultural. No livro *Pachinko*, o Pastor Isak Baek é enviado como um missionário para as terras japonesas e acaba sendo preso e é levado à morte por ser cristão.

É necessário mencionar que, especialmente no Japão, o cristianismo ainda não era uma religião totalmente aceita. Em 1587 foi promulgado o édito de Hakata, por Toyotomi Hideyoshi⁴⁰, que escreveu:

O Japão é a Terra dos Deuses. Que uma doutrina perniciosa seja difundida pelo País Cristão por aqui é algo que não desejamos. Abordar as pessoas de nossas províncias e distritos, tornando-as cristãs e destruindo os templos dos deuses e os templos dos Budas é algo desconhecido em nosso passado. Enquanto províncias, distritos e feudos são concedidos temporariamente aos seus destinatários, (...), confundir a fê das pessoas é algo miserável. (...) É porque os padres juntam grande número de paróquias como bem entendem, por meio da sua inteligente doutrina, que a Lei dos Budas está sendo destruída nos Recintos do Sol. Sendo isto miserável, não será permitido que os padres permaneçam em solo japonês. Em vinte dias a partir de hoje eles deverão se preparar para voltar ao seu país. [...]

(Tensho 15 VI 19 [24 de julho de 1587] (Hideyoshi. In: Bary, 2006: 145-146).

Em relação a proibição do catolicismo, Hichmeh (2019) relata que o decreto de Hideyoshi evidencia a principal crítica ao Cristianismo: estar ligada ao caráter exclusivo de seus ritos e práticas, interpretado pelas autoridades japonesas como uma postura agressiva.

⁴⁰ Toyotomi Hideyoshi (1537–1598) foi um líder militar e político japonês que unificou o Japão no final do período Sengoku. Originário de uma família humilde, serviu a Oda Nobunaga e, após sua morte, consolidou seu poder, implementando reformas sociais e administrativas. Também é conhecido por suas políticas expansionistas na Coreia e pelo édito de 1587 contra o Cristianismo, buscando manter o controle interno e limitar influências estrangeiras.

Nos anos seguintes ao édito, diversas igrejas foram destruídas, em cumprimento à exigência de Hideyoshi para que os daimyo convertidos abandonassem a fé católica.

É curioso notar que, poucos anos após esse édito, diversos coreanos foram tomados como escravos devido ao resultado da “guerra injusta” (1592-1598) deflagrada por Hideyoshi na península. (Boxer, 1967, p. 227).

Podemos relacionar esses dois pontos (a proibição do catolicismo e a escravização de coreanos) pela forma como ambos expressam a política de Hideyoshi de controle social e afirmação de poder, tanto no plano interno quanto no externo.

O édito contra o Cristianismo, como aponta Hichmeh (2019), evidencia a preocupação das autoridades japonesas com a ameaça que uma religião estrangeira poderia representar à ordem estabelecida, sobretudo pela exclusividade de seus ritos e pela lealdade que exigia de seus fiéis. Essa mesma lógica de contenção e supremacia se reflete na expansão bélica: a invasão da Coreia (1592–1598), classificada por muitos historiadores como uma “guerra injusta”, produziu não apenas devastação, mas também a captura de coreanos que foram escravizados, evidenciando a tentativa de Hideyoshi de afirmar o Japão como potência regional.

Assim, tanto a repressão ao Cristianismo quanto a guerra contra a Coreia revelam um mesmo movimento: construir um poder central forte, capaz de eliminar ou subjugar tudo aquilo que fosse visto como ameaça à coesão política e cultural do Japão.

No Japão o cristianismo teve dois momentos: o primeiro no século XVI, com as missões católicas lideradas pelos portugueses, mas essa vertente cristã se tornou proibida de fato por volta de 1614, anos após o édito de Hideyoshi.

Somente no final do século XIX, temos o segundo momento do cristianismo no Japão, é nesse ponto que a religião cristã passa a ser aceita pelo império nipônico. Isso ocorre devido a reabertura dos portos, por meio de um tratado com os Estados Unidos, o Japão deveria receber missionários cristãos, dessa vez em sua maioria protestantes. Então, por volta de 1870 o cristianismo volta a tentar se inserir no meio japonês e, como consequência, na vida dos *Zainichi* também.

Assim como dito na penúltima citação, as igrejas e escolas missionárias foram extremamente úteis para a consolidação da resistência coreana tanto para a independência do seu país como para a ressignificação de sua identidade cultural.

Inclusive, no dorama *Pachinko* (2022), adaptação para o audiovisual do romance de Min-jin Lee, o pastor Isak não é morto apenas por ser cristão, mas sim por utilizar o espaço da

sua igreja para encontros da resistência coreana frente ao colonialismo japonês, algo que, de fato, acontecia na época.

Vemos, portanto, a influência do cristianismo na identidade cultural coreana e os seus desdobramentos pela busca por justiça, igualdade e, principalmente, independência do povo coreano.

Além disso, o cristianismo teve grande importância na intelectualidade japonesa da época. Por meio do ensino e da educação, os missionários foram evangelizando a população local.

É importante destacar que o cristianismo, tanto em sua vertente protestante quanto católica, exerceu papel relevante na formação da intelectualidade japonesa no período moderno, especialmente por meio da atuação missionária no campo da educação. A implantação de escolas e instituições de ensino superior ligadas a ordens religiosas não apenas facilitou o acesso a saberes científicos e humanísticos, mas também funcionou como meio de disseminação dos valores cristãos.

Essa atuação, contudo, deve ser compreendida dentro de uma lógica ambígua: ao mesmo tempo em que promoveu avanços educacionais significativos, esteve inserida em dinâmicas de dominação cultural. Trata-se, portanto, de um fenômeno que demanda análise cuidadosa, evitando tanto a idealização quanto a condenação, e reconhecendo a complexidade das interações entre religião, conhecimento e poder.

Podemos ver a extensão desse ensino no trecho abaixo retirado do artigo “A Contribuição do Cristianismo no ensino no Japão, Séc. XVI-XXI”, do português José Miguel Pinto dos Santos (2007, p.28, grifos nossos):

[...] em 1909, Josef Reiners também chegou ao Japão com o fim de evangelizar através de actividades ligadas à educação. Tal como Xavier sonhava em criar uma instituição de ensino superior que coadjuvasse a missionação do país. Como primeiro passo consegue criar em 1932 a Nanzan High School em Nagoya. Devido ao seu impulso, em 1946 os Missionários do Verbo Divino fundaram o Nanzan College of Foreign Languages que, em 1949, se transformará na Universidade de Nanzan (Nanzan Daigaku 南山大学). Jochi e Nanzan são hoje as Universidades de primeira referência no universo de cerca de 40 instituições de ensino superior de origem católica que actualmente existem no Japão.

Ora, a identidade cultural coreana é reencontrada e reestruturada devido às diversas interseções culturais, como as mencionadas acima. Interseções culturais que os coreanos passaram antes, durante e após a Ocupação Colonial Japonesa. A Coreia teve uma interseção gigantesca entre culturas distintas. Obviamente, o cristianismo, tanto católico quanto protestante, também fez parte dessa interseção.

Após a Ocupação Colonial Japonesa e a Guerra da Coreia, muitos coreanos não conseguiam se identificar como parte de um grupo específico ou mesmo serem aceitos por determinado grupo. Em *Pachinko*, os próprios filhos de Sunja possuem essa dificuldade, pois tanto Noa quanto Mozasu nasceram no Japão mas são classificados como coreanos para os japoneses, possuindo até mesmo o passaporte coreano. Para complicar ainda mais a identidade cultural de ambos, a mãe deles, Sunja, é sul-coreana e o pai, Isak, é norte-coreano. Podemos observar que isso causa um imenso confronto em relação ao pertencimento identitário e cultural desses personagens. Essa identidade híbrida acaba representando toda uma geração *Zainichi*.

O cristianismo, de certa maneira, resolve parte desses problemas, pois os coreanos, tanto os residentes na península quanto os residentes na ilha do sol nascente, acabam utilizando dessa religião para se unificarem em uma única frente em relação à opressão japonesa. Assim, essas pessoas passam a ver umas às outras, primeiramente, como cristãos e, depois, como coreanos ou *Zainichi*. Obviamente, esse fato causa um impacto na concepção da identidade cultural do referido grupo.

Os princípios acerca do cristianismo ajudam e muito na concepção da independência coreana, valores como: todos são iguais perante a Deus e todo homem tem direito ao seu livre arbítrio, tornam-se ideais que sustentam a resistência coreana, em especial para os que residem no Japão como é o caso dos personagens de *Pachinko*.

Dessa forma, de maneira indireta, o cristianismo não se mantém apenas como uma religião em meio às outras mas passa a ser uma filosofia também. Segundo o livro *History of Japanese Literature*, de Shuichi Kato, é por meio do cristianismo que começa a ocorrer uma crítica ao sistema do Estado japonês. Afinal, “O protestantismo abriu caminho para uma posição intelectual que transcendia absolutamente o poder do estado *Meiji* e tornou possível uma crítica fundamental do sistema.”⁴¹ (Kato, 1983, p. 115, tradução nossa).

A principal hipótese é a de que devido ao fato do cristianismo não ser uma religião totalmente aceita pelo Japão, por meio dessa religião, os coreanos encontraram uma forma de resistir à Ocupação Colonial Japonesa. Até os dias atuais, o cristianismo é mais forte entre os coreanos do que entre os japoneses. Segundo uma pesquisa feita em 2019 por Hikichi T. para

⁴¹ No original: *Protestantism opened the way for an intellectual position that absolutely transcended the power of the Meiji state and made possible a fundamental critique of the system.*

o *Mag2news*, um site japonês, no Japão o número de cristãos é de 1.91 milhões, corresponde a 1% da população, enquanto na Coreia do Sul, 30% são cristãos e 25% budistas.⁴²

Desse modo, o cristianismo advindo dos Estados Unidos e América do Norte em geral, influenciou na identidade cultural coreana tanto dentro da Coreia quanto no Japão com os *Zainichi*, como uma forma de resistir à opressão japonesa.

Em *Pachinko*, o reencontro da identidade cultural e a influência do cristianismo nessa identidade manifesta-se por meio do neto de Sunja, Solomon, essa personagem tem a oportunidade de estudar nos Estados Unidos devido ao dinheiro ganho por seu pai, Mozasu, com os jogos de pachinko. Ao estudar nos Estados Unidos, Solomon percebe que a segregação com os coreanos, recorrente no Japão, não é tão escancarada ou frequente quanto a que ele conheceu com os japoneses.

O fato de Solomon ter estudado em uma escola internacional com diversos estrangeiros explica, em grande parte, o motivo de suas atitudes serem completamente diferentes em relação às dos outros japoneses.

Devido a esses motivos, e em especial pela tolerância gerada pelo convívio em um meio de grande hibridismo cultural, Solomon adquire uma mentalidade mais compreensiva, tolerante e ampla em relação aos conceitos identitários e culturais. Inclusive, em determinada parte do livro, ele afirma que seu nome é bíblico e sofre uma discriminação em relação a isso. Segue o referido trecho:

— Seu nome... — O funcionário estreitou os olhos para o formulário que Solomon havia preenchido. — So-ro-mon. Que tipo de nome é esse?
— É da Bíblia. Salomão era um rei. Filho do rei Davi. Um homem de grande sabedoria. Meu tio-avô me deu esse nome.
Solomon sorriu para o funcionário como se estivesse compartilhando um segredo com ele. Era um garoto educado, mas, como tinha estudado com americanos e outros estrangeiros em uma escola internacional, às vezes dizia coisas que um japonês jamais diria.
— So-ro-mon, um rei. De grande sabedoria. — O funcionário sorriu. — Os coreanos não têm mais reis. (Lee, 2017, p. 543).

A ignorância do atendente em relação ao nome de Solomon e o seu comentário depreciativo demonstram que, mesmo nos anos 1980, além do cristianismo continuar com pouca abrangência no Japão, o preconceito retratado na trama em relação ao fato de Solomon ser um *Zainichi* pode nos levar a refletir sobre a persistência de práticas semelhantes na sociedade contemporânea japonesa.

⁴² No original: 韓国はキリスト教国に近い様相を持ったアジアでは珍しい国でもある。日本のキリスト教徒は約191万人で1%に対し、韓国は3割以上がキリスト教、仏教が約25%とされる。この割合の多さゆえに政治の動向にも、社会問題にもキリスト教は大きく関わってきた。

Vemos, pelo trecho acima, que Solomon relata o motivo de ter recebido esse nome e, além disso, também confirmamos que Solomon possui relação com a personalidade do rei do qual ele carrega o nome, pois é “um garoto educado”. Além disso, no decorrer da narrativa, vemos menções de como Solomon é compreensivo, amável e justo.

Isso remete-nos diretamente à história bíblica do rei Salomão, mencionada em Reis 3:4-13, onde o rei pede a Deus um coração compreensivo e seu pedido é concedido, segue-se o trecho:

Dá, pois, a Teu servo, um coração compreensivo, capaz de governar o Teu povo e de discernir entre o bem e o mal.
Uma vez que você pediu sabedoria para governar meu povo com justiça, e não vida longa, nem riqueza, nem a morte de seus inimigos, atenderei a seu pedido. Eu lhe darei um coração sábio e compassivo, como ninguém teve nem jamais terá. (1Rs 3, 4-13⁴³).

Solomon é tolerante e compassivo. O Rei Salomão bíblico recebeu sabedoria porque priorizou o que era certo, e não o que era vantajoso. Solomon Baek, mesmo em suas falhas e dúvidas, também caminha para entender que ser sábio é discernir o que é verdadeiramente bom, não apenas o que traz poder ou riqueza.

4.4 AS CONSEQUÊNCIAS DO COLONIALISMO PARA OS *ZAINICHI* E A CONSTITUIÇÃO DE SUA IDENTIDADE CULTURAL

São destacados ao longo da narrativa de *Pachinko*, as diversas situações enfrentadas pelos *Zainichi* e a dificuldade dessa comunidade étnica em ter uma boa qualidade de vida em um país que os despreza. Obviamente, além dos outros eventos históricos, o colonialismo japonês foi o principal motivador da dificuldade em ser um coreano residente no Japão.

Após a queda do Japão, ao final da Segunda Guerra Mundial, a população coreana residente no país encontra-se sem nenhuma perspectiva em relação ao seu futuro. Estima-se que, nessa época, havia cerca de dois milhões de coreanos residindo no Japão.

A grande maioria desses coreanos vieram durante a ocupação colonial japonesa, seja para trabalho forçado em fábricas no Japão, para trabalhar em outras colônias além mar ou para se alistar no exército imperial japonês e participar das contendas em locais como a Manchúria.

Em *Pachinko*, vemos um exemplo dessa situação por meio de Yoseb, tio de Noa e Mozasu. Yoseb trabalha em uma fábrica japonesa, claramente sob uma exploração severa e

⁴³ A citação bíblica utilizada neste trabalho refere-se à Bíblia Sagrada – Edição Pastoral, Paulus, 1990.

sob uma ameaça constante de ser substituído por um dos diversos coreanos que chegam diariamente no Japão. A seguir veremos um trecho do livro em que podemos observar essa situação.

Nos últimos seis anos, Yoseb havia trabalhado como capataz em uma fábrica de biscoitos, supervisionando trinta moças e dois homens. No trabalho, tinha que parecer asseado, apenas isso. Não precisava se vestir melhor do que o chefe, Shimamura, que já deixara claro que poderia colocar outro no lugar de Yoseb sem pensar duas vezes. Todos os dias, chegavam a Osaka trens vindos de Shimonoseki e barcos vindos de Jeju cheios de coreanos famintos, e Shimamura poderia escolher o melhor entre eles. Yoseb ficou satisfeito por seu irmão mais novo estar chegando em um domingo, seu único dia de folga. (Lee, p. 143, 2019).

O trabalho de Yoseb não era dos melhores, porém era mais do que muitos coreanos conseguiram ao chegar ao Japão. A situação de alguns empregos era ainda pior do que a encontrada por Yoseb. Entretanto, como já foi mencionado nesse trabalho, o salário recebido apenas por Yoseb não era o suficiente para sustentar uma família de cinco pessoas.

O fato de os coreanos e seus descendentes manterem-se no Japão, mesmo após o término da ocupação colonial japonesa na Coreia, demonstra que a situação econômica e política na Coreia estava ainda pior. Isso é evidenciado pelo acontecimento de maior importância após a ocupação colonial enfrentada pela península: a divisão da Coreia entre norte e sul.

Pouco antes dessa divisão, vários coreanos tentaram retornar a sua pátria devido a ajuda do Comando Supremo das Forças Aliadas (CSFA⁴⁴), que iniciou o programa oficial de repatriamento em dezembro de 1945.

Milhares de coreanos aguardavam nos portos sul do Japão com a intenção de voltar para os seus lares e estima-se que cerca de 1,3 milhão chegaram a retornar. Porém, devido a situação de seu país, muitos coreanos voltaram mais uma vez, clandestinamente, ao Japão.

Coreanos retornantes enfrentaram uma dura realidade em seu país de origem, descobrindo uma situação em que aqueles que estavam colaborando com os japoneses, ou os próprios japoneses que haviam permanecido, permaneceram em posições-chave, e que os cidadãos coreanos tinham menos liberdade abaixo do paralelo 38 agora, do que possuíam enquanto estavam no Japão do pós-guerra. Nem todos os coreanos retornaram. As circunstâncias políticas e econômicas do pós-guerra desencorajaram um estimado de 600.000 coreanos no Japão de repatriar-se. Um número indeterminado de coreanos clandestinamente retornou para o Japão após terem retornado para Coreia. (Ritzel, 2020, p. 26).

⁴⁴ O Comando Supremo das Forças Aliadas (CSFA) foi o conjunto de forças que reorganizou o espaço territorial, econômico, político e social, antes governado pelo império japonês, a partir de sua rendição e durante o período da Ocupação do Japão (1945–1952).

O cenário político e social da Coreia do pós-guerra era profundamente desiludido. De modo surpreendente, muitos dos que haviam colaborado com os colonizadores japoneses e, até mesmo alguns japoneses remanescentes, mantinham posições de poder. Esse fato se deve ao acordo feito pelo líder nacionalista Yo Unhyong ao buscar a independência coreana, acordo esse já mencionado nas páginas anteriores desse trabalho.

Enquanto isso, os coreanos comuns enfrentavam uma liberdade ainda mais restrita, especialmente ao sul do paralelo 38, do que aquela que haviam experimentado no Japão ocupado. Essa contradição desanimadora fez, mesmo em meio a discriminação e a dificuldade, grande parte dos coreanos optarem por permanecer no Japão.

O país estava dividido entre o Norte e o Sul, com tensões políticas crescentes, falta de infraestrutura, pobreza extrema e um cenário de incerteza quanto ao futuro.

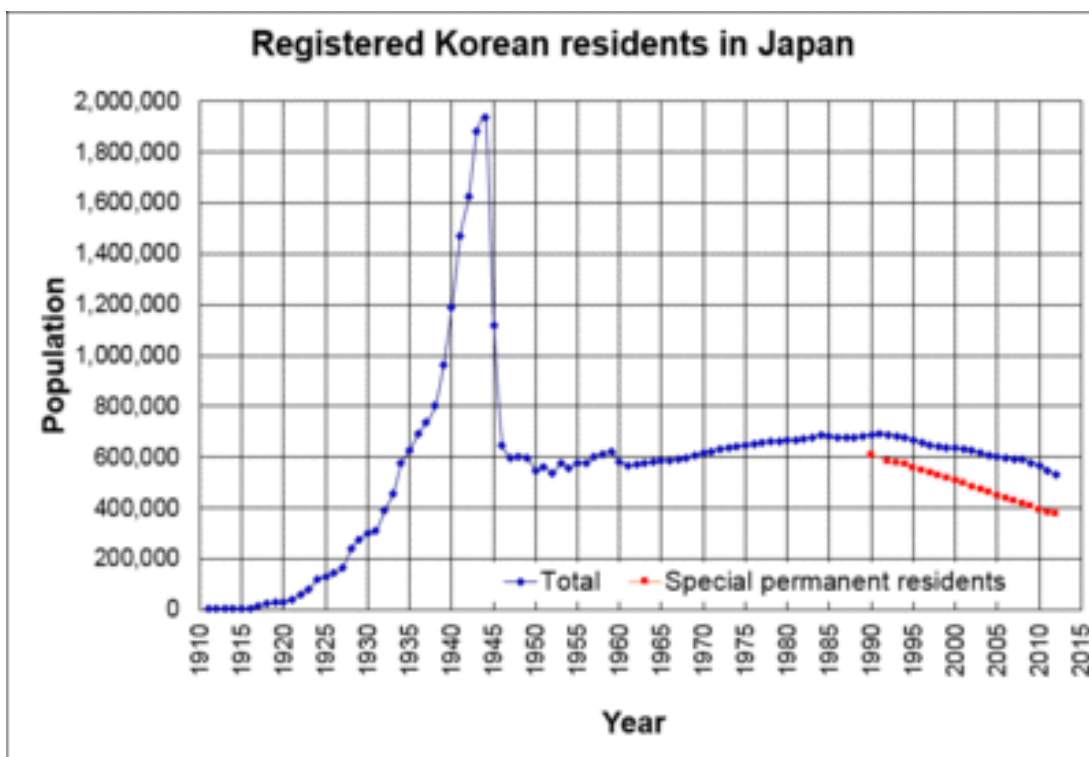
Pelo fato de muitos dos que colaboraram com os colonizadores japoneses ainda estarem no poder, os coreanos que retornavam sentiam grande frustração e revolta. No Japão, apesar das dificuldades, os coreanos já haviam estabelecido laços sociais, empregos e uma certa estabilidade. Por conta disso, mesmo com a possibilidade de retornar para a Coreia, muitos escolheram permanecer no Japão, como podemos confirmar pelo seguinte trecho:

Aos mais de 2 milhões de coreanos que viviam no Japão naquele momento foi dado o direito de voltar à pátria de origem, liberados do jugo nipônico. Cerca de 620 mil deles permaneceram em solo japonês, mas foram vítimas de discriminações ainda mais acentuadas que no passado. Apesar disso, quiseram continuar a viver no Japão – cujo idioma eles e seus filhos dominavam – e manter seus próprios costumes, mas também se beneficiar dos mesmos direitos que os japoneses. Eles até poderiam solicitar a nacionalidade japonesa, mas até 1985 precisavam renunciar à coreana. (Humbert, 2015, online).

Mesmo que as dificuldades sejam gritantes, para muitos, permanecer onde já conheciam o idioma, o sistema e tinham alguma base de sobrevivência parecia uma escolha menos arriscada do que encarar uma Coreia destruída e em conflito, sem garantias de reconstrução ou justiça social.

Essa lógica de permanência ajuda a explicar os dados do gráfico da população de coreanos no Japão entre 1910 e 2015, que mostram uma queda acentuada após 1945, seguida por uma estabilização com centenas de milhares permanecendo no país. Isso revela como razões práticas e identitárias motivaram a permanência, mesmo em condições adversas. Segue o gráfico:

Imagem 5 – Gráfico da População de Coreanos no Japão entre 1910 e 2015



Fonte: WIKIMEDIA COMMONS, 2017.

Acesso em: 29. mai. 2025.

Vemos pelo gráfico acima que o auge de coreanos residindo no Japão é justamente no ano de término da Segunda Guerra Mundial, o ano da queda do Japão e da perda de diversos territórios que haviam sido conquistados pelo imperialismo nipônico. É o ano em que a extensa ocupação colonial japonesa, enfim, termina.

Apesar disso, o número de coreanos no Japão é maior nesse período. Obviamente, não fazia parte dos planos japoneses a rendição e o fato de perderem todas as suas diversas conquistas territoriais. Logo, os *zainichi* continuaram no Japão até que se iniciasse a repatriação, pois, devido as suas próprias práticas, os japoneses falham em criar uma concepção de consciência nacional japonesa entre os coreanos:

O governo japonês, no entanto, tendo "desfranqueado" os moradores da Coréia e Formosa (Taiwan) ao final de 1945 e colocando-os fora do esboço constitucional no início de 1946, agora também procurava expulsar o maior número possível de coreanos devido ao consenso unânime entre as elites japonesas de que as políticas de colonização japonesas haviam falhado completamente em construir uma consciência nacional entre os coreanos como sendo "japoneses". (Ritzel, 2020, p. 28).

Esse acontecimento atingiu fortemente os nipônicos, foi por isso que logo após essa queda, inicia-se o já mencionado movimento de repatriação dos coreanos, pois a residência

deles em solo japonês reforçava a memória dos nipônicos sobre a queda de seu império, causando sentimentos de revolta, repulsa e, reforçando assim, a segregação.

O Estado-nação não surgiria para superar a violência e torná-la um legítimo resquício da sua atuação, ele nasceu de práticas violentas e se manteve através da violência, da interdição operada nas colônias sobre os colonizados, que tem como *prima ratio* (e não *ultima ratio*) o controle, a punição e a expropriação de vidas matáveis. (Fanon, 2022, p.10).

Esse trecho levanta uma crítica profunda à ideia tradicional de que o Estado-nação seria um instrumento de superação da violência e promotor da ordem. Pelo contrário, ele argumenta que o Estado nasceu da violência, estruturou-se por meio dela e a utiliza como meio de controle, especialmente nas relações coloniais.

O termo *prima ratio* significa "razão primeira", ou seja, a base, o fundamento. O texto afirma que o uso da violência pelo Estado não é o último recurso (*ultima ratio*), mas o primeiro. Isso se aplica diretamente à colonização japonesa da Coreia, pois a violência foi desde o início o primeiro recurso a ser utilizado.

Tendo em vista a situação enfrentada pelos coreanos após a ocupação colonial japonesa, os resquícios da violência deixada pelos nipônicos repercutiram nas diversas condições de segregação sofridas pelos coreanos *Zainichi*. Esse grupo étnico cresceu sem acesso ideal a diversos itens básicos essenciais para uma sobrevivência humana digna, e com ainda menos, ou quase nenhum, acesso aos itens considerados luxuosos.

A cidade do colonizado é uma cidade faminta, faminta de pão, de carne, de calçados, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma cidade acorada, uma cidade ajoelhada, uma cidade estendida no chão. [...] Não há um único colonizado que não sonhe pelo menos uma vez por dia em se instalar no lugar do colono. (Fanon, 2022, p. 36).

Uma das consequências dessas situações de opressão, é o surgimento do sentimento de inferiorização causado no colono. Infelizmente, em muitos casos esse sentimento leva o colonizado a querer ter o papel do colonizador, ou seja, ter o poder sob suas mãos.

Em *Pachinko*, o personagem Hansu é um dos colonizados que desejam essa inversão de papéis. Hansu é um coreano pró-japonês, essa é uma das suas características mais marcantes, pois esse fato é o que direciona diversas atitudes do personagem.

O olhar que o colonizado lança a cidade do colono é um olhar de luxúria, um olhar de inveja. Sonhos de posse. Todos os modos de posse: sentar-se à mesa do colono, dormir na cama do colono, com a mulher do colono, se possível. O colonizado é um invejoso. O colono sabe disso, pois, quando lhe surpreende o olhar evasivo, constata amargamente, ainda que em estado de alerta: "Eles querem tomar o nosso lugar". (Fanon, 2022, p. 36).

Como um coreano que cresceu vendo a opressão sofrida pelo seu povo sob as mãos do governo nipônico, *Hansu* adquiriu uma mentalidade de sobrevivência em que ele relacionou o fato de ser um colonizador como sinônimo de ter poder. Assim, *Hansu* tenta de todas as formas ter a mesma posição e importância social que os seus colonizadores, para que dessa maneira ele conquiste poder.

Após anos se adaptando aos costumes japoneses, Hansu passa a ser um poderoso *Zainichi*. O fato dele ter tido uma infância humilde e desejado desde pequeno ter o poder que os japoneses tinham, fez com que a sua determinação para isso fosse inabalável. Como consequência, Hansu adquire um grande poder sob formas ilegais de crescimento econômico, ele inclusive passa a ter relações com a *Yakuza*:

Hansu deixou Kim encarregado de cobrar as taxas dos proprietários de barracas do mercado Tsuruhashi. Em troca, os homens de Hansu davam aos proprietários proteção e apoio. Naturalmente, ninguém queria pagar essas taxas, que não eram nada insignificantes, mas não havia muita escolha. Nas raras ocasiões em que alguém chorava miséria ou cometia a tolice de se recusar a pagar, Hansu mandava outros homens no lugar de Kim para resolver a situação. Para os comerciantes, os pagamentos eram uma prática estabelecida havia muito tempo, apenas mais um dos custos de manter o negócio. Todos que trabalhavam para Hansu tinham que transmitir a imagem adequada da organização. Os homens que trabalhavam para ele, tanto japoneses quanto coreanos, se esforçavam para ser discretos, evitando atrair qualquer tipo de atenção negativa desnecessária. Exceto por sua miopia, corrigida pelos óculos grossos, Kim era um homem de aparência agradável: humilde, trabalhador e educado. Hansu preferia que ele se encarregasse da cobrança, porque era eficaz e sempre muito gentil — ele era a embalagem limpa de um trabalho sujo. (Lee, 2020, p. 318).

Pelo trecho acima, vemos que Hansu consegue a sua tão sonhada ascensão social. Percebe-se, então, como foi colocado pela autora, que a ilegalidade acaba sendo um dos poucos caminhos disponíveis para um *Zainichi* que tenta conquistar uma elevação social.

Ao longo da narrativa de *Pachinko* observamos que muitos *zainichi* não conseguem empregos considerados decentes e honrados, pois a segregação e o preconceito dos japoneses impede isso.

Fanon, em obras como *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2008), discute como o colonizado é forçado a se ver por meio dos olhos do colonizador. Essa imposição cultural gera uma espécie de alienação: o colonizado perde o acesso à sua própria cultura originária, enquanto nunca é plenamente aceito pela cultura do colonizador.

No caso de *Pachinko*, vemos isso nos personagens coreanos que vivem no Japão. Mesmo depois do fim do domínio colonial, eles continuam ocupando uma posição subalterna: falam japonês, têm nomes japoneses, trabalham dentro das regras da sociedade japonesa, mas

continuam sendo vistos como "outros". Eles foram assimilados, mas não aceitos. Isso reflete o conceito fanoniano da dupla consciência e da identidade fragmentada.

Como já foi mencionado, o *Pachinko*, mesmo com suas controvérsias morais, é um dos trabalhos mais dignos que os coreanos no Japão conseguiram assumir, porém, em alguns casos, até mesmo conseguir trabalhar com *Pachinko* não é simples. Como exemplo, já vimos que o próprio Noa precisou fingir ser totalmente japonês, ou seja, ele se tornou algo que não é para poder trabalhar nesses salões de jogos.

Assim, a constituição da identidade cultural está fortemente relacionada não apenas com a cultura tradicional transmitida por gerações, mas também com a cultura social na qual esses indivíduos estão inseridos. Formando assim, uma identidade cultural única em que existe uma troca constante de características e, conseqüentemente, de identidades.

5 CAPÍTULO 5: CONCLUSÃO

A narrativa desdobra-se em diversos eventos conflituosos históricos que afetam diretamente a vida da população coreana, especialmente dos coreanos no Japão (*Zainichi*) e de seus descendentes, prejudicando, inclusive, a identidade cultural desse grupo étnico. Analisamos como essa identidade cultural foi comprometida e, depois, reordenada na cultura coreana atual.

O principal objetivo dessa pesquisa foi apresentar uma perspectiva em relação à influência dos conflitos armados no cotidiano coreano durante as épocas relatadas no romance e as suas consequências para as gerações posteriores. Além disso, por meio do livro *Pachinko*, de Min Jin Lee, também analisamos a perda da identidade cultural desse grupo étnico e o seu (re)encontro.

Ao longo do trabalho vimos a importância da identidade cultural, especialmente para os *Zainichi* mencionados no livro, representando os imigrantes coreanos em solo japonês. Observamos as maneiras de repressão cultural impostas pelo imperialismo japonês durante a ocupação colonial japonesa. E vimos como esse período histórico, bem como as diversas guerras e contendas mencionadas ao longo do romance influenciaram na perda da identidade cultural coreana.

O fato de que parte da identidade cultural coreana foi perdida durante e após a ocorrência dos conflitos mencionados anteriormente determina que ao tentar reafirmar suas identidades, supostamente perdidas, os coreanos buscaram a explicação nos atos ocorridos no passado.

Porém, ao realizar essa busca, encontraram outras formas de entender e proteger as suas distinções culturais, ou seja, por meio de questões multiculturais os coreanos (re)encontraram a sua nova identidade. A própria concepção de ser parte do grupo étnico coreano foi reorganizada. Culturas externas, para além da Ásia, como a estadunidense, influenciaram em uma identidade cultural coreana reordenada, mesclando Oriente e Ocidente. Segundo Said:

(...) assim como o próprio Ocidente, o Oriente é uma idéia que tem uma história e uma tradição de pensamento, imagística e vocabulário que lhe deram realidade e presença no e para o Ocidente. As duas entidades geográficas, desse modo, apoiam e, em certa medida, refletem uma à outra. (Said, 1990, p. 17).

Essa mescla entre Ocidente e Oriente pôde ser comprovada durante a evolução da Guerra da Coreia para a Guerra Sino-Americana, ocorrida no mesmo período (1950-1953). Enquanto a Coreia entra em disputa com a divisão em norte e sul, a China inicia suas

investidas e apoia o Norte, então a contenda que dizia respeito apenas a Coreia passa a tomar proporções maiores. Estima-se que a Guerra Sino-Americana foi travada por três milhões de soldados de 26 diferentes nacionalidades.

Portanto, é inegável que a Coreia teve uma interseção gigantesca entre culturas distintas. Obviamente, as culturas “mais influentes” foram aquelas que possuíam um poder bélico maior e uma influência mundial maior, com destaque para: Estados Unidos, China e URSS. Segundo Woodward (2014), essa redescoberta do passado faz parte da construção da identidade que, normalmente, passa por alguma crise:

Aquilo que parece ser simplesmente um argumento sobre o passado e a reafirmação de uma verdade histórica pode nos dizer mais sobre a nova posição-de-sujeito do guerreiro do século XX que está tentando defender e afirmar o sentimento de separação e de distinção de sua identidade nacional no presente do que sobre aquele suposto passado. Assim, essa redescoberta do passado é parte do processo de construção da identidade que está ocorrendo neste exato momento e que, ao que parece, é caracterizado por conflito, contestação e uma possível crise. (Woodward, 2021, p. 11-12).

Assim, podemos dizer que o processo de reencontro da identidade cultural coreana se iniciou com o fim da ocupação colonial japonesa e se fortaleceu com a independência das Coreias. Mas não ocorreu de uma única vez, não aconteceu de modo pacífico ou com clareza. Como foi mencionado, vários detalhes interferiram nessa busca pela identidade.

Além de tudo isso, a identidade retomada não é a mesma que havia sido perdida, pois com a mescla entre culturas diferentes, a própria cultura daquele povo se modifica. Por esse motivo, o título dessa pesquisa menciona o “(re)encontro” da identidade cultural, pois a identidade que é encontrada novamente não é a mesma de quando havia sido perdida.

Essa identidade cultural reencontrada é uma mescla entre a cultura considerada tradicional e as culturas distintas com as quais a tradicional teve suas interações. Resultando assim, na identidade cultural atual, formada pela relação entre as diferentes nações e povos que tiveram contato com a península coreana. Deve ser destacado que isso não é um fator negativo, pois todas as culturas mundiais que tiveram contato com outros povos possuem relações de multiculturalidade:

A cultura, então, é tanto estudo quanto busca. Não é apenas o desenvolvimento da “cultura literária”, mas “de todos os lados de nossa humanidade”. Tampouco é uma atividade relacionada apenas com indivíduos, ou alguma parte ou seção da sociedade, ela é, e deve ser, essencialmente *geral*. (Williams, 2011, p. 139).

No romance *Pachinko*, a experiência dos personagens coreanos no Japão ilustra exatamente a ideia de que a cultura é um processo dinâmico e geral, como aponta Williams

(2011). Ao viverem em um contexto marcado por deslocamento, discriminação e convivência forçada com outra sociedade, esses personagens não preservam sua identidade cultural de forma isolada, mas a reelaboram constantemente em diálogo — e, às vezes, em tensão — com a cultura japonesa.

Assim como o autor afirma que a cultura é “estudo” e “busca” de todos os aspectos da humanidade, a trajetória das famílias em *Pachinko* revela que a identidade não é um bloco fixo, mas o resultado de interações históricas, afetivas e sociais, em que o multiculturalismo se torna inevitável e é parte constitutiva da experiência humana. Além disso, com os anos posteriores a cultura tradicional também associou-se a mais culturas externas, em especial, as culturas ocidentais.

No caso da Coreia em especial, ocorre uma separação entre os povos que são divididos, a Coreia do Norte assume uma cultura mais próxima das potências soviéticas e chinesas, enquanto a Coreia do Sul aproxima-se de potências como os Estados Unidos.

Alguns podem pensar que isso faz com que a cultura tradicional da antiga Joseon tenha sido perdida, porém na verdade, ela se tornou uma cultura híbrida. Apesar de haver alterações na cultura de um povo, a base da tradição se mantém.

O povo é um museu vivo dos grandes ancestrais, depositário dos vestígios de sua cultura original. Certamente, a tradição permitiu, mediante alterações, a conservação do legado primitivo através das gerações. A investigação destes vestígios permite, portanto, colocar em dia e estabelecer, após reconstituição, os autênticos fundamentos de uma moderna cultura nacional. (Thiesse, 2002, p. 9).

Como exemplo a esse fato podemos citar o uso do *Hanbok* em cerimônias tradicionais coreanas. Afinal, essa vestimenta ainda é usada em ambas as Coreias, ou seja, mesmo com as inúmeras interferências culturais externas, ao menos parte da base cultural coreana se mantém até os dias atuais.

Ao longo da narrativa, Sunja é uma das maiores responsáveis pela preservação dessa base cultural coreana familiar, desde jovem ela enfrenta a perda de seu lar e de seu senso de estabilidade ao deixar a Coreia para se mudar para o Japão. No Japão, ela e sua família sofrem discriminação sistemática: são marginalizados tanto legalmente quanto socialmente, forçados a viver como estrangeiros mesmo após gerações. Essa realidade ameaça constantemente apagar suas raízes coreanas, seja pela pressão para se assimilarem à cultura japonesa, seja pelas dificuldades em manter tradições em um ambiente hostil.

Entretanto, Sunja resiste. A maneira como ela preserva aspectos fundamentais da cultura coreana, na comida que cozinha, na língua que fala dentro de casa, nos valores de

trabalho duro e dignidade que ensina aos filhos, mostra que, mesmo diante da adversidade, a identidade cultural é reconfigurada, mas não destruída. Sua persistência em transmitir essas tradições à próxima geração é um ato de resistência silenciosa contra o apagamento cultural.

Além disso, o reencontro com a identidade cultural coreana acontece também no plano interno: ao longo da vida, Sunja reafirma o orgulho de sua origem, mesmo quando seria mais seguro escondê-lo. Sua história demonstra que a identidade cultural não é algo fixo, mas sim algo que pode ser perdido em parte, transformado e depois reencontrado e reinventado nas práticas do cotidiano e nos afetos familiares.

Assim, a relação de Sunja com a perda e o reencontro da identidade cultural coreana é uma das forças motrizes de sua história, representando não só uma narrativa pessoal, mas também a luta coletiva de um povo para manter viva sua herança em contextos de opressão.

Ao reencontrar essa nova identidade, tendo em vista as tristes situações vivenciadas após os confrontos, os sul-coreanos observaram que a melhor forma de ter o apoio de outros países não é exercer o seu poder de modo forçado, e, sim, utilizar uma estratégia política com eficácia conduzindo a identidade cultural sul-coreana para as outras nações mundiais sob uma perspectiva empática. Contudo, a Coreia do Norte não age dessa forma, eles se fecham para diversas relações globais, mantendo assim, pouca manifestação internacional.

Após o fim dos eventos históricos mencionados nessa pesquisa, os coreanos reorganizam a sua identidade cultural, mantendo a base de sua cultura e mesclando a multiculturalidade advinda das situações de opressão passadas por eles ao longo da história. Por meio disso, os coreanos (re)encontram a identidade cultural de sua pátria e passam a tentar protegê-la. Como já foi mencionado, a Coreia do Norte se fecha para a maior parte das políticas externas, enquanto a Coreia do Sul utiliza uma tática inversa.

Em *Pachinko*, o reencontro da identidade cultural se manifesta por meio do neto de Sunja, Solomon, essa personagem tem a oportunidade de estudar nos Estados Unidos devido ao dinheiro ganho por seu pai, Mozasu, com os jogos de pachinko.

Diferentemente dos coreanos que nasceram no Japão e mesmo após duas ou três gerações continuam sendo considerados coreanos, os coreanos que nasceram nos Estados Unidos são considerados estadunidenses desde a primeira geração.

Para Solomon a situação é diferente, o fato dele ter tido o contato desde jovem com culturas diversas em relação a sua cultura familiar fez com que ele se tornasse muito mais adepto de uma sociedade multicultural.

O comportamento de Solomon não é japonês, coreano ou estadunidense, é uma mescla de todos. Ao retornar para o Japão, após anos vivendo nos Estados Unidos, Solomon nota claramente essa distinção cultural:

O intelectual colonizado que retorna a seu povo através das obras culturais comporta-se de fato como um estrangeiro. Por vezes não vai hesitar em utilizar os dialetos para manifestar sua vontade de ficar o mais próximo possível do povo, mas as ideias que expressa, as preocupações que o habitam não tem nenhuma relação com a situação concreta conhecida pelos homens e pelas mulheres de seu país. (Fanon, 2022, p. 224).

Assim, segundo o trecho acima, as ideias e a personalidade expressadas por Solomon são muito mais relacionados aos conceitos que ele adquiriu no exterior do que a situação vivida de fato pelos seus conterrâneos que nunca saíram do país. Por isso, a sua mentalidade é mais adepta a uma vertente social igualitária, proveniente, em grande parte, dos ideais ocidentais.

Desse modo, Solomon adquire uma mentalidade mais tolerante e ampla em relação aos conceitos identitários e culturais. A impressão que temos de Solomon ao longo do livro é a de que ele não se define como japonês, coreano ou estadunidense, mas sim como uma mescla de todos. Para Solomon, não existe soberania cultural, pois ao fim e ao cabo todas as culturas são humanas, criadas e mantidas por suas respectivas sociedades:

Solomon traz uma nova perspectiva para a experiência *Zainichi*. Ele entende que sua identidade não precisa se limitar aos rótulos impostos por uma sociedade que ainda carrega resquícios de uma visão colonial e excludente. Assim como apontado por Hall (2006), a identidade de Solomon passa a ser construída e transformada a partir da influência do meio social em que ele vive, levando-o a aceitar a hifenização de sua identidade, fato que, como foi abordado, não aconteceu com Noa. (Oliveira, 2024, p. 27).

Logo, a identidade cultural em Solomon se apresenta como um processo dinâmico e em constante transformação, que não se prende a fronteiras rígidas ou categorias fixas. Desse modo, Solomon aceita a hifenização de sua identidade como algo intrínseco a si mesmo, permitindo assim que se construa uma narrativa própria e inclusiva, sem se submeter às limitações impostas por normas sociais ou históricas, o que, como foi visto, não aconteceu da mesma maneira com Noa. Para Solomon a hifenização cultural de sua identidade é uma forma de valorização de sua diversidade, enquanto para Noa essa hifenização foi um reflexo de tensões entre pertencimentos diferentes.

Ao classificar e categorizar a realidade de maneiras específicas, cada cultura estabelece formas próprias de entendimento e manutenção da ordem social, mostrando que a

cultura não é apenas um conjunto de práticas, mas uma estrutura profunda de significação. Silva (2021), menciona sobre essa questão:

Cada cultura tem suas próprias e distintas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados. Há, entre os membros de uma sociedade, um certo grau de consenso sobre como classificar as coisas a fim de manter alguma ordem social. Esses sistemas partilhados de significação são, na verdade, o que se entende por “cultura”. (Silva, 2021. p. 42).

Quando de fato os coreanos se libertam da ocupação colonial japonesa, inicia-se um processo de descolonização. Assim, a colônia se vê livre de seus colonizadores, porém não livre da cultura deles. Afinal, a cultura do colonizador foi assimilada pela colônia durante décadas, dificultando assim o retorno ao que se considerava a “cultura original”.

O romance *Pachinko*, de Min Jin Lee, oferece uma lente poderosa para analisar a relação entre colonizador e colonizado, especialmente no contexto das complexas relações entre coreanos e japoneses. Um dos temas centrais do livro é, que pode ser discutido a partir da sua proposta, é como a Coreia, embora politicamente livre do domínio japonês após a Segunda Guerra Mundial, continua marcada cultural e socialmente pela herança colonial. Afinal, a compreensão de mundo é condicionada pelo alcance de cada cultura.

Como já vimos anteriormente, durante décadas de colonização japonesa (1910-1945), a Coreia foi submetida a políticas de assimilação cultural agressivas. A língua japonesa foi imposta, nomes coreanos foram proibidos, e tradições foram desvalorizadas. Quando a Coreia finalmente se viu livre do domínio japonês, essa “liberdade” política não significou um rompimento completo com a cultura do colonizador. O estrago já havia sido feito: a identidade coreana foi remodelada, em parte, por essa convivência forçada com a cultura japonesa.

No Japão, os coreanos, mesmo os nascidos lá, descendentes de várias gerações, são ainda vistos como estrangeiros. Em *Pachinko*, essa tensão aparece constantemente: personagens coreanos vivem em uma sociedade que os marginaliza, mesmo que falem japonês fluentemente, sigam seus costumes e contribuam para sua economia. Eles carregam o estigma de uma cultura que não é mais “pura”, tampouco inteiramente japonesa. Estão num limbo cultural.

Essa experiência ilustra bem o que Frantz Fanon chamaria de “colonialismo internalizado”: os colonizados não apenas foram explorados economicamente, mas tiveram sua autoestima, sua língua e sua cultura reconfiguradas para espelhar o colonizador.

Em *Pachinko*, isso se reflete nos dilemas dos personagens: o desejo de aceitação social leva-os muitas vezes a renunciar à própria identidade coreana, ao mesmo tempo em que são constantemente lembrados de que não serão plenamente aceitos como japoneses.

Portanto, mesmo depois da independência, a cultura do colonizador persiste nos nomes, na língua, nas instituições e, sobretudo, no imaginário.

O retorno à "cultura original" se torna uma tarefa quase impossível porque o passado foi apagado ou distorcido, e o presente é definido por uma identidade híbrida, marcada pela opressão, mas também pela resistência.

A independência formal da Coreia não foi suficiente para erradicar os traços do colonialismo, pois a cultura, o idioma, a subjetividade e o imaginário coletivo foram profundamente colonizados. *Pachinko* ilustra como o legado colonial persiste através da marginalização dos coreanos no Japão, da dificuldade em retornar à cultura original, e da identidade instável e dividida que emerge desse processo.

A teoria pós-colonial ajuda a entender que a descolonização não é apenas política ou territorial, é também psicológica, cultural e simbólica. E, nesse sentido, a liberdade plena dos ex-colonizados ainda é um projeto em construção.

O romance *Pachinko*, de Min Jin Lee, é uma narrativa rica e multifacetada que, para além de contar a história de uma família coreana ao longo de quatro gerações vivendo no Japão, apresenta-se como uma poderosa metáfora da experiência dos imigrantes marginalizados e da luta por dignidade em contextos hostis. O próprio título da obra carrega um simbolismo central que atravessa toda a trama.

No jogo *pachinko*, pequenas bolinhas metálicas são lançadas em uma máquina vertical e seguem trajetórias imprevisíveis, determinadas em grande parte pela sorte e pelo acaso, e muito pouco pelo controle do jogador.

É justamente essa aleatoriedade que torna o *pachinko* uma metáfora perfeita para a vida dos personagens do romance. A trajetória deles, marcada por deslocamentos forçados, discriminação étnica, exclusão social e tentativas constantes de sobrevivência, reflete a experiência de “jogar” em um sistema onde as regras não são feitas para que eles vençam.

Ao longo da narrativa, muitos personagens coreanos são levados, por falta de opções e por serem excluídos do mercado de trabalho formal japonês, a atuar na indústria do *pachinko*, como Mozasu e, posteriormente, Noa.

Esse é um setor estigmatizado e, com frequência, associado à marginalidade. No entanto, esse mesmo setor se torna, para muitos, a única possibilidade real de sustento e ascensão social, ainda que às margens da sociedade.

Assim, o jogo representa não apenas o acaso da vida, mas também o espaço que sobra para quem é sistematicamente rejeitado pela sociedade.

A metáfora apresenta-se ao evidenciar como a vida dessas pessoas, como no jogo, é conduzida por forças externas, imprevisíveis e, muitas vezes, injustas. A sensação de incerteza, de não saber se os esforços individuais resultarão em segurança, aceitação ou mesmo sobrevivência, permeia toda a história.

A analogia do *pachinko* também aponta para a estrutura cíclica de exclusão: mesmo após décadas de presença no Japão, descendentes de coreanos continuam sendo tratados como estrangeiros, obrigados a esconder sua identidade ou a se adaptar a um sistema que insiste em colocá-los à margem.

A identidade coreana é inicialmente ameaçada pela necessidade de assimilação para sobreviver em um ambiente hostil, onde manter suas raízes pode significar exclusão social e econômica. No entanto, ao longo do tempo, os personagens lutam para preservar suas tradições, valores e língua, mesmo em meio à dor do deslocamento.

O (re)encontro com a identidade cultural ocorre, em parte, quando os descendentes reconhecem o valor de suas origens e passam a resgatar e afirmar seu legado, transformando-o em um símbolo de resistência e pertencimento. Assim, o livro mostra que, apesar das perdas impostas pela imigração e pelo preconceito, a identidade cultural pode ser reconstruída e reafirmada com orgulho.

Desse modo, *Pachinko* se transforma em uma crítica profunda ao nacionalismo japonês e às estruturas de discriminação institucionalizada. Ao mesmo tempo, é um testemunho das estratégias de resistência, afeto e persistência das comunidades que insistem em existir, e em viver com dignidade, mesmo quando o mundo parece armado contra elas. Como no jogo, os personagens continuam “jogando”, mesmo sem garantias, movidos pelo desejo de proteger suas famílias e de conquistar um lugar de pertencimento.

Sendo assim, podemos concluir que esse local de pertencimento pode ser interpretado como o senso comum de pertencer a uma nação, pertencer a uma cultura. Entretanto, a identidade cultural nunca é plenamente encontrada, ela sofre nuances constantes e modificações regulares a cada nova relação cultural com nações exteriores.

Como foi visto ao longo deste trabalho, a história da Coreia desde o período dos Três Reinos demonstra que sua identidade cultural foi constantemente moldada por processos de fusão e intercâmbio. Embora Baekje, Silla e Koguryo tenham desenvolvido características próprias, compartilharam práticas religiosas, artísticas e políticas, destacando-se a adoção do

budismo, que se consolidou como elemento central da cultura coreana e se difundiu também por meio das relações culturais estabelecidas com outros reinos asiáticos fora da península.

Esse padrão de hibridização cultural se manteve ao longo dos séculos, à medida que a Coreia passou a interagir com influências externas, incluindo o Ocidente. O contato com potências ocidentais, por meio de comércio, diplomacia e, posteriormente, colonização e modernização, trouxe novas ideias, tecnologias e valores que foram adaptados à realidade local, reforçando que a identidade nacional e cultural coreana não é homogênea nem estática. Dessa forma, a constituição cultural do país evidencia a negociação contínua entre tradições internas e intercâmbios externos, demonstrando que a identidade de uma nação é sempre histórica, híbrida e em constante transformação.

De modo resumido, devido ao contexto de globalização atual, o (re)encontro de uma identidade cultural não é algo definitivo, é algo eternamente constante. A identidade cultural de uma nação não é encontrada facilmente como um ponto final, mas sim reordenada cotidianamente, como uma eterna reticências...

REFERÊNCIAS

- A INFLUÊNCIA de Amaterasu na cultura japonesa: mitos e significados*. Vamos Estudar, [s.d.]. Disponível em: <https://vamosestudar.com.br/a-influencia-de-amaterasu-na-cultura-japonesa-mitos-e-significados/>. Acesso em: 07 abr. 2025.
- Acordo De Armistício Coreano = *The Korean War Armistice Agreement*. 27 de Julho, 1953.
- ALLEN, Chizuko T. *Early Migrations, Conquests, and Common Ancestry: Theorizing Japanese Origins in Relation with Korea*. Sungkyun Journal of East Asian Studies v. 8, n. 1. Abril 2008. pp. 105-130. Disponível em: https://www.academia.edu/3335640/Early_Migrations_Conquests_and_Common_Ancestery_Theorizing_Japanese_Origins_in_Relation_with_Korea. Acesso: 29 abr. 2025.
- ANRAKU, Jenifer Ayumi. *Identidade nacional japonesa em Shanghai, de Yokomitsu Riichi*. 2024. Dissertação (Mestrado em Letras – Língua, Literatura e Cultura Japonesa) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8157/tde-06122024-195949/>. Acesso em: 15 ago. 2025.
- ARANHA, Maria; MARTINS, Maria. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. São Paulo: Ed. Moderna Ltda, 2003.
- BARNES, Gina L. *An introduction to Buddhist archaeology*. World Archaeology, [Kyoto], v. 27, n. 2, p. 165–182, 1995. Disponível em: <http://search.ebscohostcom.ez127.periodicos.capes.gov.br/login.aspx?direct=true&db=aph&AN=9512095018&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 27 maio. 2025.
- BARNES, Gina L. *Japan and Korea: early states of Japan and Korea*. In: SILBERMAN, Neil A. *The Oxford Companion to Archaeology*, vol. 2, ed. 2. Oxford: Oxford University Press. 1997. p. 151-153. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=xeJMAgAAQBAJ&printsec=frontcover&q=Oxford+Companion+to+Archaeology&hl=ptBR&sa=X#v=onepage&q=Barnes&f=false>. Acesso em: 28 mai. 2025.
- BARTHES, R. *O império dos signos*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BARY, Theodore de; GLUCK, Carol; TIEDEMANN, Arthur E. *Sources of Japanese Tradition*, Volume 2. New York, Columbia University Press, 2006.
- BAUMAN, Z. *Identidade*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. 1ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- BHABHA, H. K. *The Location of Culture*. London: Routledge, 1994.
- BÍBLIA*. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 2002.
- BORGES, V. R. *História e literatura: algumas considerações*. rth. v. 3, n. 1, p. 94-109, 2010.

BOXER, C. R. *The Christian Century in Japan, 1549–1650*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1967.

BUENO, André [org.] *Oriente 24: Estudos Coreanos* 1a Ed. Rio de Janeiro: Proj. Orientalismo/UERJ, 2024. ISBN: 978-65-01-27032-6 Estudos Asiáticos; Orientalismo; Coreia; Estudos Coreanos

CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*. São Paulo: Palas Athena, 1991.

Centro de Estudos Avançados (CEA) — UFPE. *Ensaio “Entre Pachinkos e Minaris: Identidade coreana em Min Jin Lee e Lee Isaac Chung”*. UFPE: Centro de Estudos Avançados, 28 jul. 2023. Disponível em: <https://sites.ufpe.br/cea/2023/07/28/ensaio-entre-pachinkos-e-minaris-identidade-coreana-em-min-jin-lee-e-lee-isaac-chung-1/>(<https://sites.ufpe.br/cea/2023/07/28/ensaio-entre-pachinkos-e-minaris-identidade-coreana-em-min-jin-lee-e-lee-isaac-chung-1/>). Acesso em: 24 set. 2025.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez Lições Sobre os Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo. 2ªed, 2003.

CHAPMAN, D. *Zainichi Korean Identity and Ethnicity*. London: Routledge, 2008.

DUARTE, E. *A guerra entre China e Estados Unidos na Coreia: da escalada às negociações de cessar-fogo*. Curitiba: Appris, 2019.

FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. ISBN 8570413790.

HENSHALL, K.G. *História do Japão*. 2ª ed. Tradução de Victor Silva. Lisboa: Edições 70, 2014.

HICHMEH, Yuri Sócrates Saleh. *O cristianismo no Japão: do proselitismo jesuíta à expulsão da Igreja*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 30., 2019, Recife. Anais [...]. Recife: ANPUH, 2019. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548875183_82ddfef2584f8d117fc08a1968513802.pdf. Acesso em: 15 ago. 2025.

HIKICHI, Tatsuya. 日韓の「国民性」その差はどこに？キリスト教を切り口に考察した. まぐまぐニュース!, 2019. Disponível em: https://www.mag2.com/p/news/397343#google_vignette. Acesso em: 15 ago. 2025.

HU, W. *Mao's American Strategy and the Korean War*. Tese (Doutorado) - Universidade de Massachusetts, Amherst, 2005.

HUMBERT, Marc. *Necessidades demográficas, reticências culturais*. Demografia Unicamp, 03 mar. Disponível 2015. em: <https://demografiaunicamp.wordpress.com/2015/03/03/necessidades-demograficas-reticencias-culturais/>. Acesso em: 20 de abril de 2025.

IRIYE, Akira. *Japan's drive to great-power status*. In: THE CAMBRIDGE HISTORY OF JAPAN. Vol. 5. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

JUNG, C.G. *Psicologia e Religião Oriental*. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 2013, 9.ed.

KATO, Shuichi. *A history of Japanese literature: volume 3, the modern years*. Tradução de Don Sanderson. Londres: Paul Norbury Publications Ltd, 1983. Softcover reprint of the hardcover 1st edition. ISBN 978-0-333-34133-9.

KIM, Chun Kil. *The History of Korea*. Westport, Connecticut, EUA & Londres: Greenwood Press, 2005.

KIM, Jong Il. *On the Juche Idea*: Treatise sent to the National Seminar on the Juche Idea held to mark the 70th birthday of the great leader Comrade Kim Il Sung, 31 March 1982. Pyongyang: Foreign Languages Publishing House, 1982. 84 p.

LARAIA, R.de B. *Cultura. Um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

LEE, Min Jin. *Pachinko*. Tradução de Marina Vargas. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

LIMA, Victoria Nataly Alves. *Figuras femininas da literatura coreana: pensando as protagonistas de Grama e de Pachinko*. Relatório final (Iniciação Científica) – Orientação de Yun Jung Im Park, Universidade de São Paulo, janeiro 2021 – janeiro 2022.

LOZÓRIO, Maria A. S. *A resistência cultural coreana através da alimentação durante a dominação japonesa (1910-1945)*. 2021. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

MACEDO, E.U. *A Montanha e o Urso: uma história da Coreia*. Columbia & San Bernadino, EUA: Amazon Independent publishing, 2018.

MAGNOLI, Demétrio. *Relações Internacionais: teoria e história*. São Paulo: Saraiva. 2004.

MAPA da Guerra da Coreia (1950-1953). In: GUERRA de Coreia. Blog Mas-historia, 22 abr. 2011. Disponível em: <https://mas-historia.blogspot.com/2011/04/guerra-de-corea.html>. Acesso em: 24. Jul. 2024.

MCDUGAL, Myers S et al. *The Protection of Aliens from Discrimination and World Public Order: Responsibility of States Conjoined with Human Rights*. American Journal of International Law, v. 70, 1978, p. 433. Disponível em: https://digitalcommons.law.yale.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3669&context=fss_papers. Acesso em: 04 jun. 2025.

MINDAN. 在日本大韓民国居留民団 (*Zai-Nihon Daikanminkoku Kyoryū Mindan; União de Residentes Coreanos no Japão*). Mindan Headquarters Tokyo, 2020. Disponível em: <http://www.mindan.org/syakai.php>. Acesso em: 28 abr. 2024.

MEMMI, Albert. *Retrato do Colonizado precedido pelo Retrato do colonizador*. Trad. Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MONTGOMERY, L. M. *Anne de Green Gables*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2019.

OLIVEIRA, C. R. *Nacionalismo e identidade nacional da Coreia do Sul: Análise do filme “Piagol” (1955)*. 156 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2021. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019, p. 10-21.

OLIVEIRA, Thainá Cardoso de. *PACHINKO: MUITO MAIS QUE UM JOGO DE SORTE Um estudo das representações de Identidade Étnica na diáspora Zainichi através da narrativa de Min Jin Lee*. 2024. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2025.

PARRILHA, Ariel da Silva. *As “mulheres de conforto” coreanas e a violência sexual estratégica: uma análise*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/eebe8276-382c-4fb5-8edf-ead50efe3bb8>. Acesso em: 10 ago. 2025.

PBS — American Masters. *Min Jin Lee Interview*. [entrevista-podcast]. WNET; PBS, s. d. Disponível em: [https://www.pbs.org/wnet/americanmasters/podcast/min-jin-lee-interview/\]\(https://www.pbs.org/wnet/americanmasters/podcast/min-jin-lee-interview/\)](https://www.pbs.org/wnet/americanmasters/podcast/min-jin-lee-interview/](https://www.pbs.org/wnet/americanmasters/podcast/min-jin-lee-interview/). Acesso em: 24 set. 2025.

PEATIE, Mark R. The Japanese colonial empire, 1895–1945. In: DUUS, Peter (ed.). *The Cambridge History of Japan*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. Part II – External Relations. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/CHOL9780521223553.009>. Acesso em: 14 ago.2025.

PIGNATARI, Nínive. *O que é a literatura e para que serve?* Disponível em: <https://www.unifev.edu.br/blog/33221/o-que-e-literatura-e-para-que-serve> Acesso em: 15 mar. 2025.

QUEIROZ, Karla Rebeca de. *Geopolítica e determinismo geográfico no Japão contemporâneo*. Trabalho apresentado ao XIII Encontro Nacional da ABED, 2024.

RITZEL, Lucas Lopes. *A bolha norte-coreana no Japão: uma abordagem construtivista da comunidade Zainichi face às interações do cenário internacional*. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2020.

ROCHA, Everardo P. G. *O que é Mito?* São Paulo: Brasiliense, 1985.

ROSA. *O que é o sentimento de pertencimento?* Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/sentimento-de-pertencimento-e-a-necessidade-de-manter-relacoes-estaveis-e-de-moldar-o-comportamento>. Acesso em: 21 mar. 2025.

RYU, Tongshik. *The humanities and national identity: the case of Korea*. In: Institute for Japanese Culture and Classics (Kokugakuin University). *Cultural identity and modernization in Asian countries: proceedings of Kokugakuin University Centennial Symposium*. Tokyo: Kokugakuin University, 1983. Disponível em: <https://www2.kokugakuin.ac.jp/ijcc/wp/cimac/ryu.html>[(<https://www2.kokugakuin.ac.jp/ijcc/wp/cimac/ryu.html>)](<https://www2.kokugakuin.ac.jp/ijcc/wp/cimac/ryu.html>). Acesso em: 14 ago. 2025.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTOS, José Miguel Pinto dos. A contribuição do Cristianismo no ensino no Japão, séc. XVI-XXI. In: *CRISTIANISMO NO JAPÃO: universalismo cristão e cultura nipônica (Actas do Colóquio)*. Lisboa: Fundação AIS — Missionários do Verbo Divino, 2009. p. 125-154.

SANTOS, Maria Fernanda Barbosa. *A representação feminina na obra Pachinko (2017), de Min Jin Lee*. 2024. Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Estadual do Maranhão, Campus de Pedreira, Pedreira, 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.

THE DAY. *Pachinko author Min Jin Lee on wrapping up trilogy about Korean life*. 27 ago. 2022. Disponível em: <https://theday.com/news/485846/pachinko-author-min-jin-lee-on-wrapping-up-trilogy-about-korean-life/>[(<https://theday.com/news/485846/pachinko-author-min-jin-lee-on-wrapping-up-trilogy-about-korean-life/>)](<https://theday.com/news/485846/pachinko-author-min-jin-lee-on-wrapping-up-trilogy-about-korean-life/>). Acesso em: 24 set. 2025.

THIESSE, A. M. *Ficções criadoras: as identidades nacionais*. Tradução de Eliane Cezar. Revista do programa de pós-graduação em história. UFRS, Anos 90: Porto Alegre, n.15, 2001/2002. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1983-201X.6609>.

TURNBULL, Stephen R. *Samurai Invasions of Korea 1592-1598*. Campaign, vol. 198. Oxford: Osprey Publishing, 2008. Disponível em: <https://fliphtml5.com/ownja/bzox/basic>. Acesso em: 12 mar. 2025.

VARLEY, Paul. *Japanese Culture*. Honolulu: University of Hawaii Press, 2000.

WEI, Shou. *Book of Wei (Wei Shu)*. In: TWENTY-FOUR HISTORIES. Tradução para o inglês. Beijing: Zhonghua Shuju, 1974.

WIKIMEDIA COMMONS. *Population of Koreans in Japan*. Out 2013. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Population_of_Koreans_in_Japan.gif. Acesso em: 29 mai. 2025.

WIKIMEDIA COMMONS. *Topographic map of Korean Peninsula*. Nov. 2008. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Korean_Peninsula_topographic_map.png. Acesso em: 29 mai. 2025.

WILLIAMS, R. *Cultura e sociedade; de Coleridge a Orwell*. Tradução de Vera Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

WOODWARD, K. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, T. T. *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes Ltda, 2009. p. 7-72.

YU, Chai-Shin. *Early Korean art and culture: tomb murals of Koguryō*. Toronto: Society for Korean and Related Studies, 2011. Disponível em: <https://archive.org/details/earlykoreanartcu0000yuch>. Acesso em: 15 ago. 2025.

YU, Chai-Shin. *The New History of Korean Civilization*. Bloomington, Indiana, EUA: iUniverse, 2012.